



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE**

JULIEDE DE ANDRADE ALVES

**O COMER, O CORPO E A SAÚDE DE HOMENS EM UMA FEIRA LIVRE DA
CIDADE DE SALVADOR-BAHIA**

**SALVADOR
2014**

JULIEDE DE ANDRADE ALVES

**O COMER, O CORPO E A SAÚDE DE HOMENS EM UMA FEIRA LIVRE DA
CIDADE DE SALVADOR-BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

Área de concentração: Segurança Alimentar e Nutricional

Orientadora: Prof^a Ligia Amparo da Silva Santos

Co-orientadora: Prof^a Micheli Dantas Soares

**SALVADOR
2014**

Ficha Catalográfica elaborada pela BUS – Biblioteca Universitária de Saúde da UFBA

A474 Alves, Juliede de Andrade

O comer, o corpo e a saúde de homens em uma feira livre da cidade de Salvador-Bahia / Juliede de Andrade Alves. - Salvador, 2014.

109 p. : il.

Orientadora: Prof^a Ligia Amparo da Silva Santos.

Co-Orientadora: Prof^a Micheli Dantas Soares.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Nutrição, 2014.

1. Saúde do homem. 2. Masculinidade. 3. Corpo. 4. Alimentação – Feira Livre. I. Universidade Federal da Bahia. Escola de Nutrição. II. Santos, Ligia Amparo da Silva. III. Soares, Micheli Dantas. IV. Título.

CDU 612.392(813.8)

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIEDE DE ANDRADE ALVES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

O COMER, O CORPO E A SAÚDE DE HOMENS EM UMA FEIRA LIVRE DA CIDADE DE SALVADOR-BAHIA

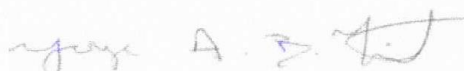
BANCA EXAMINADORA:




Prof. Dra. Ligia Amparo da Silva Santos
Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Professora da Universidade Federal da Bahia



Prof. Dra. Micheli Dantas Soares
Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Prof. Dr. Jorge Alberto Bernstein Iriart
Doutor em Antropologia pela Université de Montreal
Professor da Universidade Federal da Bahia



Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira
Doutor em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz
Professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

DEDICATÓRIA

À minha família pelo eterno incentivo ao meu pequeno mergulho na imensidão do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Analisar a trajetória do mestrado é rever o percurso anterior, alguns fatos que me fizeram escolher este caminho e as pessoas que estiverem nele. Por isso, preciso primeiramente agradecer a minha mãe Edna pelo incentivo, cuidado, dedicação, pelas caronas e por sempre estar disponível. Sou imensamente grata ao meu pai Juracy, um homem peculiar, inteligente, por me fornecer meios para que eu alçasse voos mais longos em meus estudos. Sou grata também a minha irmã Dira por confiar em mim, pelo apoio e financiamentos – fundamentais! E por qual motivo não agradecer também a meu sobrinho Miguel pelo amor, por me fazer sorrir e me fazer relaxar?

Agradeço também a minha tia Dinalva por fazer tudo para mim com muita perfeição, pelo extremo apoio e carinho. A tia Vanda, por sempre me ajudar quando preciso. Sou imensamente grata a minha família do Rio de Janeiro, em especial tia Marizete, tia Terezinha e minha prima Araci que sempre me acolheram, cuidaram e se preocuparam comigo.

Tenho uma gratidão tão gigantesca ao Sr. José Carlos, que carinhosamente chamo de “seu Zé”. Meu pai acadêmico, um homem maravilhoso, generoso e muito amado. Agradeço a Deus por ter me permitido ter dois pais, sempre dedicados e dispostos.

Agradeço a FAPESB e a CAPES pela bolsa de estudos e mais ainda ao Governo do Brasil pela oportunidade de ter um ensino público gratuito e de qualidade.

Sou imensamente e eternamente grata à professora Ligia Amparo por acreditar em mim e aceitar ser minha orientadora. Obrigada pela paciência de me guiar, junto a Micheli Dantas, nesse “Inferno de Dantes”, por ser minha musa acadêmica de cabelos rubros, única e inconfundível. O aprendizado com Ligia é aprender a aprender, reconstruir, rever... É pensar, ir a fundo, teorizar, praticar. Agradeço a Micheli Dantas, formalmente minha co-orientadora, que com sua voz singela não foi em momento algum coadjuvante, mas agiu, assim como Ligia, me mostrando caminhos. Obrigada por aceitar essa tarefa e pelos *insights* excelentes - devo a ela esta perspectiva de gênero.

Obrigada, professora Maria do Carmo pelas aulas, pelos conselhos, carinho, incentivo e por ser uma pessoa que emana paz. Obrigada por me aceitar nas aulas de pesquisa qualitativa, uma das poucas oportunidades no mestrado de poder discutir temas inseridos na linha de pesquisa que adoto.

Agradeço à professora Emilia Sanabria por me receber e pelas orientações pertinentes no meu intercâmbio em Lyon, França.

Agradeço muito às minhas amigas Luciana Araújo e Luciana Pereira, que me deram forças mesmo de longe, foram tão intensas que com elas consegui também segurar meu mundo. Agradeço as palavras confortantes, os incentivos, a Luciana Pereira pela ajuda nas correções gramaticais no projeto de qualificação. Amigas que amo muito e que são parte da minha vida. Agradeço por compreenderem esse caminho da dissertação, as limitações e os encapsulamentos, mas sou grata pelos poucos momentos em que estivemos juntas. Aos meus amigos e companheiros de estudo Marcia Filgueiras e Ícaro Cazumbá. Jamais esquecerei nossos momentos de estudo para a seleção do mestrado. Por ter compartilhado com eles as angústias e as felicidades da trajetória.

Agradeço a Franklin Demétrio por ser meu “muso” inspirador, pelos momentos de extrema alegria nessa tensão contínua do mestrado. Sou orgulhosa por ter como amigo uma pessoa excêntrica e extremamente inteligente. Agradeço a Carlos Andrés e Flávio Franco por me acolherem no momento da escrita, por me ouvir nas horas de desespero e de ansiedade. Obrigada pela amizade e ajuda nas reflexões. Sou privilegiada por ter pessoas tão incríveis perto de mim, me dando forças e compartilhando madrugadas de estudo.

Meu obrigada à família do Núcleo de Estudos em Alimentação e Cultura (NEPAC), sempre incrível, imensa e diversa. Um núcleo tão efêmero quanto sua criadora, Ligia Amparo.

Meu agradecimento sincero à professora Nilce de Oliveira por sua colaboração com essa dissertação.

Agradeço aos homens que permitiram ser entrevistados e por cederem tempo e compartilhar comigo suas palavras que foram fundamentais para essa pesquisa.

Enfim, sou grata a Deus por ter colocado essas pessoas em meu caminho e pela esperança de que isso seja só o começo.

“O Mercado das Sete Portas, tradicional, reúne ainda, às noites, os apreciadores do bom sarapatel, para as longas prosas sobre as festas de candomblé e os afoxés de carnaval. Ali fretam-se mulheres e ainda se ri a boa gargalhada.”

Jorge Amado, Bahia de Todos os Santos

“E já se encontra a lua sob os nossos pés;
pouco é o tempo que nos é concedido
e há mais coisas para ver que estas que vês.”

A Divina Comédia, canto XXIX

RESUMO

ALVES, J. A. *O comer, o corpo e a saúde de homens em uma feira livre da cidade de Salvador-Bahia*. 2014. 109 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde. Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

O objetivo deste estudo foi interpretar os sentidos e significados que os homens atribuem ao comer, ao corpo e a saúde no contexto de uma feira livre da cidade de Salvador-Bahia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, em que foram realizadas entrevistas com oito homens frequentadores da Feira das Sete Portas, e dois informantes-chave. Como resultados, buscou-se descrever o cotidiano da feira, situada na mediação entre a casa e a rua bem como a cidade e o campo, como um espaço de comensalidade no qual o universo masculino tem uma expressão particular. Deste modo, a Feira se constitui como ponto de confraternização masculina e de alimento para o trabalho, no qual a feijoada é emblemática neste processo. Destacou-se ainda a bebida alcóolica como outro importante elemento de socialização entre os homens em uma relação sinérgica com o consumo das denominadas comidas pesadas. Tais modos de comer fazem parte da construção da identidade masculina marcada pela construção do corpo forte, viril que coaduna com as relações com o comer voraz, mas também sobre a ideia do comer a comida “pesada” para recompor as forças debilitadas pelo desgaste físico provocado pelo excessivo uso do corpo, a exemplo do trabalho. No que se refere aos discursos sobre a alimentação saudável, estes estão sendo mais aceitos pelos homens, mesmo havendo contextos de resistência. Assim, os contextos de compartilhamento dessas lógicas de saúde aparentam serem fundamentais para propiciarem reformulações inclusive dos significados do saudável na esfera masculina para que a incorporação não implique na perda de elementos da masculinidade. Eles buscam se sentir bem, atraentes, fortes, elementos considerados da masculinidade tradicional, mas, no entanto, tem dialogado com as configurações de masculinidade contemporânea do cuidado com a aparência respaldado no discurso da higiene, saúde e da sedução.

Palavras-chave: Saúde do homem. Masculinidade. Corpo. Comensalidade masculina. Feira livre.

ABSTRACT

ALVES, J. A. *The eating, the body and the health of men in a street market in Salvador-Bahia*. 2014. 109 f. Dissertation (mester's degree) – Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde. Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

The purpose of this study was to interpret the meanings and significances that men attribute on eating, on the body and health in the context of an Street Market in the city of Salvador, Bahia. This is a qualitative ethnographic research, which it were interviewed with eight men who attending the Street Market of Sete Portas, and two key informants. As results, it was intended to describe the daily life of the fair, located in halfway between the house and the street, and the town and the country, as a commensality space, in which the male universe has a particular expression. Thus, the Street Market is constituted as a male point of fellowship of the food for work, which the feijoada is emblematic in this process. It was also highlighted to alcoholic beverages as another important element of socialization among men in a synergistic relationship with the consumption of so-called heavy foods. Such ways of eating are part of the construction of male identity marked by the construction of the strong body, manly, that it joins the relationship with the voracious eating, but also about the idea of eating "heavy" food to replenish weakened forces by physical stress caused by overuse of the body, like the work. In respect to the discourses on healthy eating, these are being more accepted by men, even with contexts of resistance. Thus, the contexts of sharing these health's logical appear to be fundamental to propitiate reformulations including the meanings of health, in the male sphere, so that the incorporation does not imply in the loss of elements of masculinity. They seeking for to feel good, attractive, strong, elements considered of traditional masculinity, but, however, it has conferred with the settings of contemporary masculinity with caring of appearance in the discourse of hygiene, health and seduction.

Key words: Healht's man. Masculinity. Body. Male commensality. Street market

RESUMEN

ALVES, J. A. *El comer, el cuerpo y la salud de hombres en una feria libre de la ciudad de Salvador-Bahia*. 2014. 109 f. Disertación (maestría) – Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde. Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

El objetivo de este estudio fue interpretar los sentidos y significados que los hombres atribuyen al comer, al cuerpo y la salud en el contexto de una Feria libre de la Ciudad de Salvador-Bahia. Se trata de una investigación cualitativa de cuño etnográfico, en que fueron realizadas entrevistas con ocho hombres frequentadores de la Feria Siete Puertas, y dos informantes clave. Como resultados, se buscó describir lo cotidiano de la Feria, situada en la mediación entre la casa y la calle bien como la ciudad y el campo, como un espacio de comensalidad en el cual el universo masculino tiene una expresión particular. De este modo, la Feria se constituye como punto de confraternización masculina y de alimento para el trabajo, en el cual la frijolada es emblemática en este proceso. Se destacó la bebida alcohólica como otro importante elemento de socialización entre los hombres en una relación sinérgica como el consumo de las denominadas comidas pesadas. Tales modos de comer hacen parte de la construcción de la identidad masculina mascada por la construcción del cuerpo fuerte, viril que combina con las relaciones con el comer voraz, pero también sobre la idea del comer la comida “pesada” para recomponer las fuerzas debilitadas por el desgaste físico provocado por el excesivo uso del cuerpo, a ejemplo del trabajo. En lo que se refiere a los discursos sobre la alimentación saludable, estos están siendo más aceptados por los hombres, aunque habiendo contextos de resistencia. Así, los contextos de compartimentación de esas lógicas de salud aparentan ser fundamentales para propiciar reformulaciones inclusive de los significados de lo saludable en la esfera masculina para que la incorporación no implique en la pérdida de elementos de la masculinidad. Ellos buscan sentirse bien, atrayentes, fuertes, elementos considerados de la masculinidad tradicional, pero, no en tanto, tiene dialogo con las configuraciones de masculinidad contemporánea del cuidado con la apariencia respaldado en el discurso de la higiene, salud y la seducción.

Palabras clave: Salud del hombre. Masculinidad. Cuerpo. Comensalidad masculina. Feria libre.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	MASCULINIDADES: aproximações teóricas sobre o conceito.....	15
2.2	CORPO MASCULINO NAS CAMADAS POPULARES.....	17
2.3	APROXIMAÇÕES COM O COMER MASCULINO	20
3.	OBJETIVO.....	23
4.	METODOLOGIA.....	24
4.1	A NATUREZA DO ESTUDO.....	24
4.2	LOCAL DO ESTUDO	25
4.3	UNIVERSO EMPÍRICO.....	25
4.4	TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS.....	25
4.5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	26
4.6	ASPECTOS ÉTICOS	27
5.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
5.1	BREVE OLHAR SOBRE A FEIRA DAS SETE PORTAS.....	27
5.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROCESSO DE REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	35
5.3	BREVES BIOGRAFIAS DOS HOMENS ENTREVISTADOS	37
5.4	A FEIRA, A COMIDA E A CACHAÇA	42
5.5	HOMEM, FORÇA E COMIDA FORTE: mediação entre corpo, o trabalho e a comida. 49	
5.5.1	O comer pouco, comer muito e comer normal.....	54

5.6	AS CONSTRUÇÕES DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PELOS HOMENS DA FEIRA	59
5.6.1	As dimensões da gordura do corpo e da comida.....	62
5.6.2	As concepções da comida <i>light</i>	66
5.6.3	Os espaços sociais da dieta	67
5.7	OS LIMITES DAS MASCULINIDADES: OS CUIDADOS COM O CORPO.....	69
5.7.1	Os cuidados estéticos	73
5.7.2	Desgaste físico.....	78
5.7.3	O corpo que envelhece	80
5.7.4	Os Abdo(men)s: as estéticas e os simbolismos das formas.....	83
5.7.5	<i>Check-up</i>	87
5.7.6	Atividade física	90
5.7.7	As evitações.....	94
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
	REFERÊNCIAS	98
	APÊNDICES	105

1. INTRODUÇÃO

O campo da socioantropologia da alimentação tem apresentado aspirações que ressaltam a necessidade de maiores discussões científicas que abarquem os temas que relacionem masculinidades e comensalidade. Tem-se como premissa que os marcadores simbólicos de masculinidades também são construídos a partir das escolhas do que se come (NEWCOMBE et al., 2012; SELLAEG; CHAPMAN, 2008).

As investigações sobre o comer de homens estão sendo produzidas, principalmente, com base nas autorrepresentações das escolhas alimentares relacionadas às identidades sociais, bem como da autoafirmação das masculinidades através do que se come (GOUGH; CONNER, 2006; GOUGH, 2007; JENSEN; HOLM, 1999; NEWCOMBE et al., 2012; VARTANIAN; HERMAN; POLIVY, 2007; SELLAEG; CHAPMAN, 2008).

Mesmo que o crescente interesse científico, a partir da década de 1970, sobre comportamentos e escolhas relacionados à masculinidade e comensalidade tenha possibilitado o desenvolvimento de pesquisas relevantes nas construções dessas concepções, estes estudos ainda são raros, em especial no que condizem as abordagens em diferentes camadas sociais (GOUGH; CONNER, 2006; NEWCOMBE et al., 2012). O estudo das nuances de corpo e saúde são também relevantes para a ampliação das discussões imbricadas no comer e na comida, e interfaces como a masculinidade.

Imerso nessa perspectiva, os estudos qualitativos têm relevância científica por permitirem maiores aproximações com as subjetividades. Supõe-se que investigações com bases nos eixos de masculinidade e comensalidade e suas interlocuções com o corpo e a saúde, possibilite a compreensão de como estes se organizam para os homens. Deste modo, almeja-se que este estudo possa trazer reflexões, com base nas ciências sociais e humanas em interação com as ciências da saúde e da nutrição, sobre as relações do comer e da comida e a masculinidade de homens das camadas populares. Entende-se que a compreensão desses assuntos é importante para agregar perspectivas e fortalecer as discussões científicas de gênero e saúde. Porém, não se limitando a isto, a pesquisa tem como intento abranger também os possíveis intercruzamentos dos temas que serão estudados: masculinidade, comida, corpo e saúde, que poderão ser transpostos seguindo outros percursos que não objetivados ou alcançados nesta pesquisa.

Para tanto, o projeto teve como plano central a Feira das Sete Portas, local em que os homens estão inseridos desde o recebimento do alimento, passando pelo preparo, o servir a comida e até na limpeza do espaço. Eles são administradores, comerciante, feirante, consumidores e comensais. Agrega-se a feira também o que foi colocado por Santos (2008) sobre as feiras e mercados de Salvador: um reduto da história alimentar soteropolitana, para a qual os homens das camadas populares se deslocam em busca das comidas típicas como feijoada, cozido, mocotó e comidas de azeite, mas também da comida cotidiana composta por feijão, arroz, farinha e carne, que fazem parte do cardápio das Feiras e Mercados de Salvador.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo apresenta três eixos temáticos que foram desenvolvidos em itens distintos, mantendo, porém, as interconexões entre eles com o intuito de sustentar as discussões teóricas envolvidas nesses temas. A primeira parte apresenta discussões sobre o conceito de masculinidade e masculinidades fazendo alusão à identidade na pós-modernidade; a masculinidade hegemônica e as masculinidades alternativas. A segunda parte aproxima-se dos debates sobre gênero culminando no corpo masculino. No item sobre o comer, fez-se necessário ressaltar brevemente considerações teóricas que subsidiaram a discussão da comensalidade em torno da masculinidade. Na terceira parte, por fim, levantaram-se alguns elementos que caracterizam e aproximam-se da definição de camadas populares, grupo no qual será desenvolvido o estudo.

2.1 MASCULINIDADES: aproximações teóricas sobre o conceito

As publicações científicas, sob as influências da dominação masculina na ciência e tecnologia ocidentais durante séculos, tiveram o homem como foco de estudos acadêmicos (COLLING, 2004; KIMMEL, 1992). Entretanto, apesar da contingência desses estudos, as discussões de masculinidade com base nas relações sociais de gênero são embrionárias. Fato que reflete o próprio processo de inserção dominante do homem na sociedade ao longo dos séculos. Consequentemente, a definição de masculinidade configura-se um desafio para a ciência, porém, em meio às teorias sobre masculinidade existentes, há vertentes que tem se pautado no enfoque cultural, percorrendo distintos caminhos para descrever o masculino

imerso na amplitude das estruturas sociais, considerando que o conceito não deve ser analisado somente na perspectiva de um objeto coerente produzido na generalização. Importa nesta teoria, no entanto, como a masculinidade está localizada nas estruturas sociais. Assim, a definição de masculinidade passaria a se distanciar do conceito de objeto que representa genericamente tipos de características “naturais”, uma média de comportamentos ou uma norma. O cerne do conceito está na compreensão dos processos e relações a partir dos quais os homens e mulheres concebem o gênero (CONNELL, 2005). Deste modo, a autora considera que o termo masculinidade “é um lugar nas relações de gênero, as práticas através das quais homens e mulheres se envolvem (...) e os efeitos dessas práticas estão na experiência corporal, personalidade e cultura” (p. 71). Diante do processo e mesmo das diversas culturas existentes, o termo “masculinidade” não dá conta das múltiplas formas de ser homem na pós-modernidade. Assim, o conceito de masculinidade desta autora pauta-se nas configurações de práticas, permitindo que o termo seja pluralizado, compreendendo a existência de diferenças nas relações entre camadas sociais, etnia, estágios de vida, dentre outros, as quais justificam o uso de “masculinidades”.

Apesar da pluralidade, Raewyn W. Connell (2005) discute que a cultura de massa assume que há uma masculinidade autêntica, imputando valores de “homem real”, “homem natural” e de “masculinidade profunda”, sendo assim, a masculinidade hegemônica, conceito introduzido na década de 1980, consolidado e discutido pela autora, é percebido como um ideal cultural de masculinidade, uma configuração de prática de gênero a qual corporifica, correspondendo à legitimação que garante a posição de dominação o homem. Connell e Messerschmidt (2005) alertam que a masculinidade hegemônica satisfaz um ideal cultural de masculinidade que pode ser cambiante. A concepção do termo não deve se respaldar na rigidez de um modelo trans-histórico, pois transgrediria a historicidade do gênero, desconsiderando inclusive os processos sociais de modificações na compreensão e definição de masculinidade.

As masculinidades são quase sempre procedidas pelo pensamento do corpo transfigurados em corpos masculinos. Compreendendo que o corpo dirige e é dirigido pelas ações ou o limite conjugado de ações, no contexto da pós-modernidade, é propício que o conceito seja relacionado à teoria de fragmentação da identidade dos sujeitos de Stuart Hall (2006), o qual entende que as homogeneidades culturais não são mais tão coerentes e unificadas. A fragmentação também não é concretizada da mesma forma em todos os lugares

ou sujeitos, possibilitando a difusão da heterogeneidade. Os sujeitos, entre as estruturas sociais, podem intervir na construção, desconstrução e reconstrução de condutas, valores, percepções e visões distintas, relativas e mutantes (HALL, 2006).

Baseando-se nas concepções de masculinidade hegemônica e da fragmentação das identidades é possível perceber algumas formas de masculinidades existentes que desviam da masculinidade considerada hegemônica e são descritas como submissas, que são apresentadas por Connell (2005) como subordinação, cumplicidade ou marginalização. Para Fialho (2006), a conceituação teórica de Connell (2005) reproduz um sistema binário formado por masculinidade hegemônica e não-hegemônica, formas subalternas e excluídas da possibilidade serem predominantes. Fialho (2006) defende a ideia de que as masculinidades alternativas buscam a diferença dos padrões, sem, contudo, se perceberem como submissas à masculinidade hegemônica. Considerando essa percepção, o termo masculinidades alternativas é válido, pois possibilita articulações, mesmo que comparativas, entre as distintas masculinidades.

2.2 CORPO MASCULINO NAS CAMADAS POPULARES

O corpo, mediante a relação dos sujeitos com seus próprios invólucros individualizados e com as experiências sociais, pode coabitar as singularidades e também os símbolos de pertencimentos de camada social, raça/cor, gênero e cultura (COURTINE, 2009). Partindo das considerações deste autor, o corpo pode apreender e revelar as distinções entre gênero numa cultura. Deste modo, a masculinidade é a apresentada através do corpo que se expressa e age (BOURDIEU, 2001).

É importante ressaltar no fim do século XX houve um direcionamento às discussões teóricas sobre o corpo masculino, sendo expandida ao século seguinte. Duas vertentes teóricas foram relevantes nesse período inicial dos debates científicos. De um lado, a ideologia das ciências biológicas estabeleceu o corpo como naturalmente masculino, produzindo os contrastes de gênero, corpo e comportamento através do código genético, diferenças hormonais, divergências na reprodução e sexo do cérebro, o qual poderia ser feminino ou masculino independente do sexo biológico. A outra teoria, pautada nas ciências sociais e humanas, concebeu o corpo semelhante a uma tábua, na qual a sociologia simbólica seria

impressa (GOMES, 2008). Dentre as diversas abordagens nos estudos de gênero, o binômio gênero e corpo promoveram importantes reflexões nas ciências sociais e no pensamento social ocidental, ganhando relevância na década de 1970.

Connell (2005), tentando abster-se do extremismo de ambas as teorias, ressalta as alteridades na produção do comportamento de gênero como reflexo da interconexão entre “*nature and nurture*”. A autora teoriza a masculinidade como expressão do corpo masculino acompanhando a teoria do “*nature and nurture*”, da impossibilidade de limitar onde o corpo é ação do biológico ou do cultural. O corpo masculino se apropria dessa linguagem biológica (órgão, hormônios, genética) e dos comportamentos gestuais, a corporeidade, bem como apreende a ser masculino além das estruturas físicas. A masculinidade pode estar também no corpo que age.

Ressalta-se que Bourdieu (2011, p. 21), mesmo sob críticas ao seu estudo de gênero, o qual deve ser relativizado, apresenta uma hipótese de que a distinção entre os sexos parece estar “na ordem social das coisas”, nas quais os comportamentos e ações são vistos como naturais, evidentes e quase inevitáveis. A expressão física da genética e a repercussão da “socialização do biológico e de biologização do social” produziu nos corpos efeitos de uma construção social naturalizada. Os gêneros são então representados como *habitus* sexuados. A divisão do sexo, socialmente construída é parte do processo que o mesmo autor aponta ser desenvolvida através da relação do sujeito com o mundo. Deste modo, os corpos, destacando-se o corpo masculino, e hábitos funcionam como esquemas de percepções no agir e no pensar dos sujeitos no meio social na perspectiva de que “o mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2011, p. 18).

Joan Scott (1989) discute, porém, que o gênero, como categoria impressa sobre um corpo sexuada se refere ao gênero como um modo de indicar papéis específicos, expressos um caráter unicamente social da construção de gênero, assim, o gênero não é determinado pelo sexo e nem determina a sexualidade. A autora coloca a incompletude do uso de gênero sobre as relações de sexo como construções sociais, que deixa em aberto como estas são construídas, como se dá o funcionamento e as mudanças dessas relações. Explica que os estudos de gênero devem não somente basear-se no bojo sociocultural, deve considerar o gênero dentro da história.

Scott (1989, p.15) chama a atenção para as “maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência. Sem o sentido, não tem experiência; e sem processo de significação, não tem sentido”. A autora pensa o gênero como um processo relacional homem-mulher, sendo construído sobre estruturas desiguais, numa hierarquia no qual o homem está superior a mulher (SAMPAIO; GARCIA, 2010).

Judith Butler (2003) apresenta uma discussão teórica sobre gênero sob uma perspectiva plural. Ela entende que a construção identitária do gênero é performativa e se relaciona com o sexo mesmo antes do nascimento do sujeito, através da definição socialmente construída sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Sampaio e Garcia (2010) analisam a perspectiva da autora e destacam que a construção do gênero é dada sobre uma ficção e de condutas sociais ilusórias mediante uma lógica performativa, portanto permite plurificar os gêneros. Essa perspectiva teórica consegue agregar as constituições de gênero marginalizadas incluindo as formas diferentes de ser homem mesmo sendo heterossexual, mas que se distanciam do padrão considerado hegemônico. Para Butler, a construção do gênero é social e o corpo é regulado pelas normas e ideologias das sociedades vigentes. Ela considera que a inscrição desse gênero no corpo é também plural porque é histórica e permite a multiplicidade do ser masculino, bem como a variação dos modelos hegemônicos. Sendo histórica e imitativa ela é instável e fluida. Assim ser homem “uma fronteira variável, uma superfície cuja permeabilidade é politicamente regulada” (1990, p. 198 apud SAMPAIO E GARCIA, 2010). O pensamento de Butler contrapõe as lógicas binárias e a naturalização dos papéis sociais de mulheres e homens, bem como põe em xeque o discurso da essência masculina.

Nesse âmbito, ao corpo masculino em determinadas sociedades, se atribui o poder, o risco, a força, o sucesso esculpindo conduta masculina e influenciando os estilos de vida (GOMES, 2008). De acordo com as produções científicas essas características são fatores favoráveis à ausência de autocuidado dos homens, os quais apresentam comportamento risco e dificultando a busca por profissionais (GOMES, 2008; MACHIN et al., 2011; MENDONÇA; MENANDRO; TRINDADE, 2010; SCHRAIBER; GOMES; COUTO 2005). Entretanto, não se pode descartar que os homens refletem sobre a saúde em uma perspectiva que difere do ângulo dos profissionais de saúde e das mulheres, pois os constructos sociais que envolvem e os modos de interagir com estes são diferentes. Isso significa que não haja formas de autocuidado, mas pressupõe-se que este se dê dentro do que cada sujeito

compreende por saúde, por corpo e por masculinidade. Para Bourdieu (2007), grupos sociais podem diferenciar-se, comportando-se de acordo com suas próprias formulações do que é adequado e apropriado. Respalhando esse pensamento, Roos, Prättälä e Koski (2001, p. 48-49, tradução nossa) revelam que “Estudos anteriores tem explorado o relacionamento entre masculinidade e saúde, como crenças e comportamentos são usados como ferramentas para a construção da masculinidade”. Porém, discutem os limites desses estudos, nos quais não há uma densidade de análises da perspectiva masculina sobre alimentação e nutrição. Deste modo, estudos e análises densas abordando essas temáticas são importantes para aprofundar, desvelar e repensar as construções e modificações dessas estruturas.

2.3 APROXIMAÇÕES COM O COMER MASCULINO

A comensalidade é, ao mesmo tempo, um meio de inclusão e exclusão social. E nesse sentido, a refeição contribui de modo fundamental para construir o social. A comensalidade fecha o círculo dos íntimos, fecha as portas do privado em volta dos convivas ou manifesta de maneira pública a ordem e o *status* – públicos – dos que são admitidos a *participar* da refeição. (FISCHLER; MASSON, 2010, p. 123).

O conceito de comensalidade apresentado acima expressa o mundo da cultura enraizado no alimento, nutrindo o corpo, sustentando relações, apreendendo os sentidos. Ao comer o sujeito pode reforçar suas estruturas e apropria-se dos elementos construtivos da comida (POULAIN, 2006). Santos (2008, p. 23) observa que “a comida participa da construção do corpo não só do ponto de vista da sua materialidade como também nos aspectos culturais e simbólicos. O alimento se diferencia de outras formas de consumo porque ele é literalmente incorporado, atravessando as fronteiras do *self*”. A análise da autora remete a comida também como marcador de identidade. A partir das definições simbólicas atribuídas a comida e dos que dela se alimentam, pode demarcar simbolicamente a posição social do indivíduo (WOORTMANN, 1978).

Há transformações que os alimentos conferem ao corpo antes de ser ingerido, mas também do que o corpo confere ao alimento. Remetendo ao “princípio de incorporação” de Claude Fischler (1990), invariante do comportamento alimentar dos sujeitos, os dois eixos de significados: o fisiológico, no qual os nutrientes se materializam no corpo e o psicossociológico de incorporação do homem da identidade coletiva e ao mesmo tempo de

diferenças, dialogam sem serem excludentes. Segundo Jean-Pierre Poulain (2006), porém, a relação comedor-alimento deve transcender a máxima “eu me torno o que eu como”, a qual converge em um único sentido a influência da qualidade simbólica, neste caso do alimento para o sujeito que come. A imputação de valores e elementos simbólicos constituintes dos alimentos são indispensáveis de serem analisados em estudos de gênero. Compreender como o comer implica em estudar os significados atribuídos aos alimentos e a concepção dos sujeitos sobre o alimento no corpo.

Santos (2008), em uma parte do estudo intitulado “Corpo, o comer e a comida”, faz considerações sobre as práticas alimentares contemporâneas em relação às camadas sociais, gênero e etnia. Ao dialogar com um dos entrevistados surge a figura do gladiador: forte, heroico, de apetite voraz e o gosto pela necessidade alimentar que sustente e garanta a continuidade do trabalho. No entanto, como Santos (2008) revela, este pensamento pode estar presente em homens das camadas populares, principalmente nos que demandam grande esforço físico na execução do trabalho. Woortmann (1978) mostra que a percepção de alimento forte se constrói na relação com corpo e outras categorias, tais como trabalho. O indicador da qualidade de forte pode estar na condição de saciedade que o alimento confere aos sujeitos.

Pesquisas no campo científico internacional estão sendo desenvolvidas e têm salientado a importância de estudar gênero e comida. Os estudos de gênero masculino, em sua maioria, possuem foco principalmente no comportamento das relações dos homens com o comer e a comida. Tem-se apontado que determinados tipos de alimentos, concepções de alimentação saudável, comportamentos à mesa, bem como a quantidade do que se come podem expressar características de gênero, em algumas sociedades (GOUGH; CONNER, 2006; GOUGH, 2007; JENSEN; HOLM, 1999; NEWCOMBE et al., 2012; SELLAEG; CHAPMAN, 2008; SOBAL, 2005; VARTANIAN; HERMAN; POLIVY, 2007).

O artigo de Roos, Prättälä e Koski (2001) é um exemplo de como estas pesquisas estão desenvolvidas. O estudo desses autores teve como objetivo de fornecer alguns pontos sobre como os homens da capital da Finlândia, a partir de dois distintos grupos profissionais (carpinteiros e engenheiros), descrevem os alimentos em sua vida cotidiana. Os pesquisadores evidenciaram que os carpinteiros tendem a ressaltar a importância da carne na alimentação. Esse ato aparece em alguns estudos como símbolo de status, poder, masculinidade nas sociedades ocidentais (NEWCOMBE et al., 2012; POTTS; PARRY, 2010; SOBAL, 2005;

SELLAEG; CHAPMAN, 2008). Reproduzir esse consumo seria, para os sujeitos masculinos, um modo de ratificar esses símbolos. Nesse contexto alimentar, uma refeição sem carne pode tomar conotação de uma “não refeição” para os homens onívoros, que tendem a dominar os espaços da carne no cotidiano alimentar (SOBAL, 2005).

Ainda sobre o artigo de Roos, Prättälä e Koski (2001), os carpinteiros descreveram o ato de comer como uma rotina diária, necessária para reabastecer o corpo para o trabalho. Os engenheiros, entretanto, perceberam a comida como um meio de se manter saudável, abarcando preocupações com a saúde. Os autores observaram também que havia variação entre e dentro dos grupos ocupacionais, demonstrando que não havia homogeneidade nos discursos. Eles sugerem que a valorização da carne e rejeição de vegetais entre os carpinteiros, assim como as nuances alimentares dos engenheiros podem ser reflexo das classes ocupacionais e das diferentes concepções de masculinidades frente às escolhas, preferências e práticas alimentares.

No que se refere a este estudo, acredita-se que nas feiras e mercados populares, os locais de consumo de comidas típicas possam ser espaços de repercussões da masculinidade hegemônica, expressa, possivelmente, com força maior comparada às “masculinidades alternativas”. Essa reflexão parte do pressuposto de que esses sujeitos integram teias de relações sociais e culturais que mantêm valores tradicionais de comensalidade e masculinidades sobrepostas às novas formas de ser, não excluindo, porém, a possibilidade de outras masculinidades estarem presentes nesses espaços e de novas condutas que dialogam com as tradicionais.

Sobre a compreensão do conceito de camadas populares, Melo (2001) identificou a incipiência de fontes disponíveis que abordassem esse tema. Mais de uma década após a publicação de Melo, ressalta-se que não houve uma expansão dos estudos que explorassem esse conceito. A maior parte dos trabalhos que incluem o termo “camadas populares” no contexto da pesquisa utiliza-o sem avançar no significado, sendo que alguns trabalham na perspectiva de camada popular associado à renda, tendo como sinônimos “camadas menos favorecidas” e “camadas pobres”, dentro de uma perspectiva muito mais de classe social. Partindo então da conceituação de Edward Palmer Thompson, através do texto do historiador José Carlos Barreiro (1995), que ao estudar a plebe inglesa do século XVIII, período das Revoluções Francesa e Industrial, desenvolve o conceito de camadas populares vinculado à cultura e à experiência humana. Barreiro (1995) elucida que para Thompson (1989) é a partir

da experiência que o sujeito entrelaça e incorpora valores. O autor não descarta os fatores materiais, porém não acredita que os fatores econômicos determinam o cultural. “Thompson procura recuperar em Marx a tese de que o povo se educa em sua própria práxis, como sujeito da história” (MELO, 2001, p.10).

De acordo com Barreiro (1995), Thompson (1989) se distancia da interpretação de que as camadas populares não conseguiriam acompanhar as novas ideias e práticas. Ao conceito de camadas populares é também agregado a ideia da fragmentação das representações culturais de classes sociais. Os sujeitos foram deslocados das esferas estáveis que emergiram no Iluminismo, que se baseava na concepção da imutabilidade da identidade do indivíduo (HALL, 2006). Entende-se que as identidades desses sujeitos da camada popular perpassam as experiências de relações com as camadas dominantes, modificando ou resistindo às condições impostas, por meio de uma formação cultural própria. Gilberto Velho (2008) considera que a mobilidade social dos sujeitos é um meio de indução de variáveis significativas na experiência existencial, distinta dos modelos de fixação. Pondera, ainda, que as diferenças internas das classes sociais podem partir de relações com outras redes sociais influenciando nos estilos de vida e visão do mundo. Neste caso, a ampliação dessas ligações incide no desempenho de papéis sociais.

Destarte, esses estudos demonstram que a comida constitui-se de significados que se manifestam nas estruturas sociais e que podem ser modificados pelos sujeitos. A dinâmica de representações simbólicas, os significados expressos pelos alimentos e as interlocuções destes nas manifestações identitárias, respaldam a necessidade de estudos sobre a comensalidades e masculinidades em camadas populares, entendendo que estes repercutem sobre as concepções que os homens de camadas populares apresentam sobre o corpo e a saúde.

3. OBJETIVO

Interpretar os sentidos e significados que homens atribuem ao comer, ao corpo e a saúde no contexto de uma feira livre da cidade de Salvador-Bahia.

4. METODOLOGIA

4.1 A NATUREZA DO ESTUDO

O estudo faz parte do projeto “Corporalidades, comensalidades e alimentação saudável na Bahia: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares em camadas populares sob a ótica da promoção da alimentação saudável”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB através do Edital 010/2009 e aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia – ENUFBA, parecer nº 07/10.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Tal perspectiva foi escolhida por dispor de técnicas e instrumentos que permitem que o pesquisador volte-se para o mundo empírico na tentativa de compreender os fenômenos sociais, considerando as redes de significações que as pessoas constroem (PIRES, 2010a). Parte-se da premissa de que os fenômenos sociais complexos necessitam de aprofundamento para compreensão dos sentidos, e as pesquisas qualitativas possibilita descrever situações sociais e explorar questões que dificilmente seriam desveladas por bases quantitativa.

A concepção da pesquisa se situa no campo da socioantropologia da alimentação e do corpo e das ciências sociais da saúde de forma interdisciplinar. Esses pilares do estudo sustentaram, pela própria especificidade investigativa, a busca pela compreensão dos significados das experiências sobre o comer e o corpo de homens, em sua maioria das camadas populares.

Considera-se neste trabalho que a cultura é mediadora entre mundo e homem, a qual pode ser compreendida como uma rede de significados tecida pelo próprio sujeito (GEERTZ, 1989). Concebe-se que a diversidade cultural entranhada no objeto de pesquisa desse estudo só pode ser compreendida no interior dela, isso porque, com explicitado por Marshall Sahlins (1997, p. 41), “as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados — significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas”.

4.2 LOCAL DO ESTUDO

A Feira das Sete Portas foi *lócus* de estudo deste trabalho, sendo um dos locais que se desenvolve o projeto de pesquisa maior supracitado. Esta feira foi escolhida entre as Feiras de São Joaquim, o Mercado do Peixe e os Centros de Abastecimentos – CEASA, como local do estudo, por não ter passado recentemente por um processo de renovação estrutural sofrido pelo Mercado do Peixe, a Feira de São Joaquim e a CEASA do Rio Vermelho, além de ser menos turística comparada a Feira de São Joaquim e ao Mercado do Peixe, mantendo características do público mais tradicional e local.

4.3 UNIVERSO EMPÍRICO

O universo empírico da pesquisa foi composto por homens, principalmente das camadas populares, que realizam refeições cotidianas, identificados inicialmente por informantes-chave, nos restaurantes e boxes da Feira das Sete Portas. Como critério de seleção os interlocutores deveria ter idade de 21 a 59 anos, não sendo incluso idoso, com exceção de informantes-chave, e não ser turista. O estudo buscou compreender os sentidos e significados do corpo, da saúde e do comer desses homens, considerando as interlocuções entre os valores modernos, tradicionais, sociais, individuais e de gênero. Deste modo, buscou-se uma amostra com diversidade etária, de ocupação e escolaridade. A seleção desses sujeitos considerou os contatos diretos através de conversas informais, bem como a partir das indicações de homens por comerciantes de refeições na Feira, que identificaram facilmente os sujeitos que frequentavam os boxes que servem refeições na Feira das Sete Portas, como também por indicação do próprio entrevistado.

4.4 TÉCNICAS DE PRODUÇÃO DE DADOS

A pesquisa recorreu à seleção dos entrevistados por de indicações de informantes-chave, bem como à busca ativa através da visualização dos sujeitos que mantinham uma relação de maior “intimidade” e aproximação com os donos dos boxes que comercializam comida, partindo do pressuposto que estes frequentavam com maior intensidade a Feira, sendo que houve confirmação dessa característica pelos informantes-chaves. Houve também o

acesso a um novo interlocutor a partir da recomendação de um entrevistado. PIRES (2009b) coloca que na amostra qualitativa há uma ênfase maior entre a amostra e o objeto, do que as regras de amostragem, pois a relação entre o objeto de estudo e o corpus empírico é o que tem mais valor.

Foram realizadas dez entrevistas, sendo dois destes informantes-chave. Um contribuiu relatando a dinâmica da Feira, enquanto o outro retratou a história e trouxe interconectada a esta, secções da vida do principal fundador da Feira das Sete Portas. O material empírico também é composto por diários de campo e observações participantes, utilizados para descrever a Feira, as características e ações dos homens na Feira e para auxiliar nas análises, desenvolvidos no período de julho a agosto de 2013 e março de 2014. Todavia, antes desses períodos foram realizadas visitas a campo nos meses de abril e maio de 2013.

Como técnica de produção de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com homens que fazem refeição frequentemente, seja diariamente ou nos fins de semana, na Feira das Sete Portas. Utilizou-se o roteiro de entrevista semiestruturado para nortear a entrevista (APÊNDICE A) que foram gravadas e transcritas.

As idas a campo abrangeram o horário da abertura e o fechamento dos boxes que comercializam refeições, no intuito de explorar os períodos de comensalidade na feira. As visitas foram realizadas de quarta a domingo, com maior concentração no fim de semana. Ressalta-se que pela própria característica da pesquisa, o tempo investido em campo foi relativamente limitado, como também o estudo não possui o intuito de apreender toda a cultura como nos estudo etnográficos (GASKELL, 2000), fez-se relevante o uso de um roteiro de observação (APENDICE B) em que mediou a descrição dos entornos e o interior da feira, os locais de comensalidade, as refeições servidas e os sujeitos que comem, tendo como pressuposto que o contexto interage e faz parte do objeto de estudo. As informações foram registradas em diários de campo produzidos ao longo das idas a campo.

4.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

As narrativas de vida, para Bertaux (2010, p. 12) se constituem em “um método que permite que estudar a ação durante o seu curso”. Como mecanismo de análise e interpretação dos dados produzidos, foi utilizada a análise compreensiva, na medida em que esta se objetiva a explicitar os conteúdos semânticos e informações contidas nas narrativas dos sujeitos

entrevistados. Vale ressaltar que as etapas de análise e interpretação buscou estar em consonância, sendo realizadas simultaneamente ao longo do processo. Foram identificados nas entrevistas as unidades significativas, ou indícios, que correspondem às informações e significações relevantes das experiências de vida pertinentes ao objeto de estudo a partir de leituras sucessivas.

Realizou-se inicialmente a verificação minuciosa em todas as entrevistas a partir da escuta do áudio e acrescentado palavras ou corrigindo outras que não foram bem compreendidas na primeira transcrição do áudio (BERTAUX, 2010). Após esse processo houve leituras flutuantes e reconstrução diacrônica das entrevistas, facilitando a interligação de eventos sequenciais e refazendo, em certa instância, a trajetória de vida do entrevistado. A partir de então foram construídas matrizes de análises individuais.

4.6 ASPECTOS ÉTICOS

Em consonância com a Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, que regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, todos os participantes foram informados sobre a natureza e objetivo do projeto. Receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE C), autorizando a participação voluntária nesta pesquisa. As identidades dos sujeitos entrevistados foram preservadas e os nomes verdadeiros substituídos por fictícios com a primeira letra igual à letra do nome original.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 BREVE OLHAR SOBRE A FEIRA DAS SETE PORTAS

O pessoal já lhe conhece do dia a dia, te vende o material bom, é bem melhor do que eu comprar no mercado. Que ali (Feira) você pode chegar e ver a qualidade da carne de sertão, se você vê a carne de sertão, chega brilha e ali você pode tirar um pedaço para ver se ela tem gosto, porque tem carne de sertão que ela não tem gosto. (Ubiratã, autônomo, 42 anos).

A Feira das Sete Portas (Fig. 1) foi fundada em 03 de setembro de 1941 pelos amigos e sócios: Armando Góes de Araújo, Plínio da Costa Coutinho e Manuel Pinto de Aguiar. Diferente das demais feiras da cidade de Salvador, a Feira das Sete Portas é uma propriedade

que atualmente pertence à família do professor Pinto de Aguiar, a qual gerencia o espaço que também é formado por boxes que são alugados pelos comerciantes. É uma das feiras mais antigas da cidade e teve seu auge nos anos 1960 e 1970 quando funcionava 24h por dia. Era local de encontro dos jovens contrários à burguesia (BAHIA, 2012?). De acordo com o Sr. Anselmo, um dos administradores do local, a Feira teve seu movimento reduzido implicando em um novo horário de funcionamento. Ele recordou que desde a construção a Feira nunca teve portões e houve a necessidade de incluí-los para concretizar o fechamento do espaço. Contou inclusive, que diversos artistas frequentaram-na quando ela ainda estava no auge, dentre eles: Joana, Caetano Veloso, Daniela Mercury, Luiz Melodia e Alcione.

As especulações quanto ao nome da Feira não são poucas por parte dos que passam a conhecê-la. Sr. Anselmo rememora que inicialmente a Feira se chamava 1º de Maio, nome da praça em frente a Feira. Entretanto, próximo à Ladeira dos Bandeirantes, que dá acesso ao bairro do Matatu de Brotas, havia uma edificação com sete portas e sua peculiaridade a fez ponto de referência entre os soteropolitanos. As pessoas passaram a conhecer o local como Sete Portas, levando ao esquecimento o nome inicial. A Feira acompanhou a mudança, alterando o nome entre a década de 1970-80, sendo registrado como Mercado das Sete Portas, porém é mais conhecida como Feira das Sete Portas.

A Feira foi construído defronte à Avenida José Joaquim Seabra, região noroeste de Salvador. Foi construída em um vale, tendo ao sul os bairros de Matatu de Brotas, que se encontra à esquerda e Nazaré, à direita; ao norte da Feira há um morro, onde se localiza os bairros do Barbalho e Macaúbas, em uma mediação entre bairros antigos e tradicionais da cidade de Salvador. Mais ao leste da feira está a comunidade do Pela Porco, área de ocupação irregular que liga a feira à antiga Rodoviária da cidade, desativada na década de 1970, atualmente prédio da Empresa Baiana de Alimentos - EBAL.

A região das Sete Portas é rodeada de casas antigas, novos prédios, mas também é extremamente comercial. As lojas da Feira que ficam de frente para a rua são, em sua maioria, lojas de ferragens e materiais para construção. Em seu entorno há lojas de eletrodomésticos, equipamentos e utensílios para cozinha industrial e residencial, loja de máquinas e equipamentos agrícolas, supermercados, açougues, lojas de tintas, lojas de manutenção de eletrodomésticos, além disso, há também a Empresa de Limpeza Urbana do Salvador - Limpurb, que possui uma edificação ao lado da Feira para armazenamento de materiais

reciclados e o Sindicato dos Eletricitários da Bahia, localizado no sentido oposto, próximo ao Aquidabã.

Segundo DaMatta (1997), os espaços são invenções sociais e mesmo que demarcados por fronteiras, estas precisam ser legitimadas pela comunidade da propriedade privada e, acrescenta-se, pelos transeuntes. A construção da Feira impõe uma delimitação espacial que

Figura 1: Demarcação espacial da Feira das Sete Portas.



Fonte: Google Maps Satélite.

se internaliza, mas que é expandida para além dela, percorrendo as fronteiras entre a Feira e a rua. À esquerda da edificação, um caminho de frutas iniciado na calçada adentra a Feira revelando outros percursos em que a fruta já não mais faz parte da passagem. O local da fruta na Feira é ao sol, sob um céu aberto proporcionando intensificações das cores, tornando as frutas ainda mais suculentas e desejáveis. A Feira é quente pelo sol que esquenta as estruturas do espaço, pelo calor humano, os sorrisos, o “bom dia” e outras saudações. Ela é um labirinto e o caminho das frutas é apenas uma das três entradas: a “principal” situada ao meio, a entrada da lateral esquerda e a entrada da lateral direita, que dá acesso também ao estacionamento.

A Feira das Sete Portas é local de alimentos frescos, de carnes que chegam todos os dias, de frutas que colorem e perfumam o corredor, de folhas e de objetos sagrados que abençoam e protegem o espaço com a ajuda de São Cosme e São Damião, Ibejes cultuados nesse universo. De acordo com Sr. Anselmo, os feirantes escolheram os santos gêmeos para guardar a Feira. Havia uma tradição de oferecer caruru em homenagem aos Ibejes, porém esse

ritual não se manteve. Desde então, uma das sócias oferece caruru somente para os funcionários e comerciantes para que a tradição não seja esquecida. Todavia, a religiosidade do homem está em toda a Feira. É possível ver imagens de santos desde o escritório da administração aos boxes.

A Feira aguça os sentidos de quem transita. Seduz os olhos que, meticolosos, ficam atentos a cada parte dos alimentos, a cada nuance de cor. O cheiro pode despertar o desejo inicial de aproximar-se e sentir mais de perto o aroma que é despreendido, ao mesmo tempo em que as mãos tocam para sentir a textura do alimento, há também o desejo de prová-lo. Essas sensações, algumas bucólicas, podem inclusive, transportar os sujeitos as cidades interioranas:

Então a feira é a presença maciça da capital no interior, e isso ai tem elementos culturais. As pessoas que vivem na feira são predominantemente pessoas com origens no interior. Então elas, ali, é como se estivessem no interior. E a vida no interior é muito agradável. Então, a feira é a representação do interior. É a busca do interior. (José, jornalista, 58 anos).

A proximidade da Feira das Sete Portas com a antiga Rodoviária de Salvador, porta de entrada da cidade, possibilitava às pessoas que chegavam à capital da Bahia, em especial vindos do interior do estado e de outros lugares do Nordeste, no mínimo, um contato visual com a Feira. A relação entre a Feira e a Rodoviária, em toda instância, era grande e com o deslocamento da Rodoviária para a região do Iguatemi, aliado à construção de supermercados, causou impacto na circulação de pessoas na Feira das Sete Portas. Entretanto o vínculo da Feira com a antiga Rodoviária teve outro eixo, a comunidade do Pela Porco. Freitas (2003), no livro *Agonia da Fome*, conta que neste local pelavam-se porcos para vender na Feira na década de 1920 à 1960, quando a Feira era situada na Praça 1º de Maio. Neste período o espaço foi sendo ocupado por pessoas vindas do Nordeste e Norte do Brasil: pernambucanos, paraibanos, alagoanos, baianos e paraenses. Reiterando a fala de José, a Feira era também vista como espaço de oportunidade de trabalho para esses imigrantes, de reconhecimento por ter elementos de aproximação com os locais de origem desses sujeitos e de busca pelo alimento do cotidiano.

A descrição de José sobre a relação entre a Feira, a cidade e os sujeitos remete também, sob outro contexto, a observação de Santos (2008) para a qual os Mercados e Feiras da cidade de Salvador nutrem as pessoas com a história alimentar da capital, acrescenta-se, do

Recôncavo Baiano e outros estados, ao possibilitar que os sujeitos saboreiem a culinária típica composta de: mocotó, sarapatel, feijoada, rabada, aipim, carne de sertão, ensopado de boi, entre outros. Nessa cultura alimentar local emergem as tradições, os costumes, as crenças, e modo semelhante a outras Feiras e Mercados de Salvador, ao preparar essas comidas a Feira das Sete Portas se retroalimenta na medida em que para a produção das comidas típicas são usados alimentos que a própria Feira comercializa. Na Feira é possível ver o que compõe as comidas que são preparadas e vendidas neste espaço. As carnes, os miúdos, os temperos secos e verdes, os tomates e cebolas. Tudo o que é necessário para a construção dos pratos está na feira, pois ela se retroalimenta. E isso implica no gosto da comida: “todo dia chega boi. O sabor de carne congelada não é igual da carne fresca” (fala de um homem que estava comendo na Feira).

Pela manhã, na frente da Feira, homens bebem café e se recostam nas paredes enquanto outros transitam carregando nas mãos sacolas com alimentos: carnes, temperos, frutas, verduras ou “quentinhas” (comidas armazenadas em recipiente isotérmico), sobra do que foi pedido ou porções compradas nos restaurantes da Feira. A comida desse espaço se difunde para o espaço da casa ou do trabalhando, sendo servidas também aos que não estavam na Feira.

Para Minnaert (2008, p. 130) “as feiras representam a dinâmica de uma sociedade em determinado momento, pois demonstram a produção local e a circulação de mercadorias”. Entretanto a Feira não reflete somente o campo, é possível observar que ela também reproduz a cidade de Salvador, nas suas desordens que exprimem uma organização própria, no acolhimento dos comerciantes com os fregueses, nas dimensões de sujo e limpo que se confundem.

Usando as análises de Roberto DaMatta (1997) da rua e da casa, pode-se colocar como entre meio de passagem entre esses mundos, o mundo da feira. A intimidade que os homens possuem com o local e a sensação de similaridade com a casa implica que ocorram algumas transposições da feira para a casa. Minnaert (2008) observa que a feira unifica a casa e a rua por possuir a fluidez da rua e a familiaridade simultaneamente. Todavia os espaços da rua e da casa não são confundidos. Há regras para cada um deles, como observa DaMatta (1997). O uso dos espaços pelos feirantes e comerciantes de refeições permite que etapas do preparo do alimento sejam apreciadas pelo transeunte:

Numa dessas contemplações, no período da tarde, Daniel (comerciante da Feira, 23 anos) sentou-se à mesa em um corredor com uma grande peneira contendo grãos crus de feijão mulatinho. Começou a “catar” o feijão (técnica de retirada de sujidade e de feijões impróprios para o consumo) com aparente habilidade manual e destreza sendo que ao mesmo tempo conversava. Levantou-se da mesa com a grande peneira nas mãos sacudiu-a para os lados e para frente num movimento que jogava levemente os feijões para cima e para trás. Os feijões retornavam em onda para a grande peneira. Em outro corredor, desta vez pela manhã, era possível ver uma mulher sentada em uma cadeira com os cabelos presos em um coque. Ela usava um avental branco sujo de sangue. Tinha em sua posse uma bacia com uma galinha morta, já depenada. A mulher estava “tratando-a” (terminologia para designar limpeza e separação das partes comestíveis) imersa em uma bacia com sangue, disposta em um banco entre suas pernas, aos olhos de quem quisesse ver. (Trecho do diário de campo, 2013).

Nessa interface de intimidade dos sujeitos com a feira, situada empiricamente entre o campo e a cidade, em certas instâncias, cria-se uma dimensão em que os entrevistados, oriundos das cidades interioranas, desenvolvem um sentimento de pertencimento ao se autorreconhecerem naquele espaço. Os homens que comem as comidas típicas na feira podem também retomar o gosto apreendido na infância, criando uma reconstrução da história de si através da culinária tradicional.

É notório que os homens podem tecer relações iniciais de amizade com donos dos bares e restaurantes enquanto outros parecem conhecê-los há um longo tempo. Eles mantêm boas relações com os feirantes e comerciantes de refeições, os saúdam, conversam, perguntam por membros da família, negociam o preço, como expressou José (jornalista, 58 anos), demonstrando certa intimidade com o território. Mas estes mesmos homens costumam eleger o local ou os locais em que a comida mais lhe agrada. Eles sabem onde há o melhor cuscuz, de quem é a feijoada mais gostosa, o melhor sarapatel. Quando desejam uma comida sabem onde podem ir. Sr. Aldemir chegou a comentar sobre isso: “cada espaço tem os seus clientes. Cada qual conhece a sua casa”.

Certos homens que circulam na feira são frequentadores eventuais e tentam “aproveitar” o momento em que estão nas Sete Portas para também comer. Pode-se ir à Feira para comprar algo e então comer ou ao contrário, ir para comer e aproveitar para comprar algo. José, que frequentou a feira no seu auge, quando ainda funcionava por 24h, conta que alguns dos seus amigos jornalistas iam à feira juntos e ficavam toda a noite conversando, bebendo e comendo. Durante a entrevista, José narrou um episódio que ocorreu neste período:

Eu tenho uma história muito interessante que um amigo meu, Renan. Ele ficou bebendo no mercado das Sete Portas até altas horas, quando ele se lembrou de ir para casa, passou e viu chegando aqueles caminhões de coentro, agrião, aqueles temperos grandes, baratos. Comprou muito tempero para elevar para casa. Quando chegou em casa a mulher estava com a “cara deste tamanho”. O dia amanhecendo... “Eu trouxe os temperos”, “Sim, mas você trouxe carne e peixe? Cadê o peixe?”. “Ah, eu não, não comprei o peixe, só comprei...”. “Agora você vai voltar lá e comprar o peixe. Já que trouxe o tempero vai comprar o peixe”. (José, jornalista, 58 anos).

Os que tinham esposas sabiam que “passar a noite fora de casa” poderia gerar alguma confusão, então, para contornar as mulheres eles faziam a feira (expressão usada para designar o ato de fazer compras de gêneros alimentícios) muito cedo e levavam para casa.

Os corpos masculinos dos homens que frequentam a feira são diversos e isso também se expressa nas vestimentas. Nos fins de semana, quando havia jogo do time do Bahia ou do Vitória, os homens vestiam-se com as camisas dos times que torciam. Nos dias úteis da semana, até mesmo no sábado era comum que os homens usassem calças, camisas sociais, sapatos fechados e fardas de empresas públicas e privadas, pois muitos estavam na feira para comer e retornariam aos seus postos de trabalho, ou estavam lá para comemorar o final do expediente. Assim, aos sábado e domingos os homens circulavam na feira com roupas mais esportivas, principalmente de bermudas, camisas sem mangas, bonés ou chapéus e calçavam sandálias abertas ou tênis. É possível que a intimidade com o local possibilite que haja transposições de elementos da casa para a feira. Todavia a rua é não confundida com a casa e com isso a observância da moralidade sobre o corpo do homem implica na presença de cartazes: “Por favor, não entrar sem camisa” ou “Proibido entrar sem camisa!”. Entretanto, diante dos corpos vestidos:

Pude ver o corpo branco e seminu de Daniel (comerciante da Feira, 23 anos). Ele retirou a camisa ao sentar à mesa para comer, evidenciando sua tatuagem ainda inacabada. É provável que essa “permissão” tenha sido concedida por ele ser irmão de um rapaz que aluga um box. Vi também, em outros momentos, homens que levantavam as camisas à altura do tórax, descobrindo seus abdomens. Entretanto essas exibições não eram de ventres masculinos com linhas que definiam a musculatura quase isenta de gordura, eram abdomens com formas globosas. (Trecho do diário de campo, 2013).

Esses corpos, diferentes do corpo de Daniel (comerciante da Feira, 23 anos), em sua maioria de cor negra e parda, eram diversos. As alturas dos homens da feira variavam, tendo a

grande maioria cerca de 1,6m a 1,9m. Alguns possuíam o corpo forte e outros apresentavam sobrepeso. Os abdomens geralmente globosos eram perceptíveis através das camisas. Havia também a presença de homens com corpos malhados e ventres retos. O uso de camisas esportivas durante os anos de 1920 (VIGARELLO, 2012) revelava a exaltação ao corpo esbelto masculino. Na contemporaneidade, porém, não há essa segregação. As camisas esportivas são usadas tanto por homens com abdomens planos, como por homens de abdomens convexos.

Os adereços são usados principalmente aos fins de semana. Os homens da Feira usam relógios grandes, anéis com brasões, correntes e pulseiras de metal. As chaves dos automóveis, em geral, penduradas no passador das calças, ficando visível a todos. Eles conversam sobre negócios, jogo, dinheiro, mulheres, futebol. Além do futebol, a musicalidade também percorre a feira. Tocam músicas populares (arrocha, pagode, samba, funk) que fazem sucesso em Salvador ou músicas de bandas brasileiras que já fizeram sucesso, mas que continuam agradando as camadas populares. É possível contemplar alguns homens sentados em bancos ao redor dos balcões ou nas cadeiras circundando as mesas acompanhando a música agitando seus corpos de acordo com o ritmo, outros até arriscam coreografias e, por vezes, cantarolam.

Nas paredes propagandas de cervejas com mulheres, cachaças e refrigerantes. Os bares e restaurantes dispõem também nas paredes os cardápios de lona ou quadros negros escritos com giz, contendo o que será servido no dia. Durante a semana: feijão, arroz, carne ou frango. Aos fins de semana as comidas se diversificam de acordo com o bar/restaurante: moqueca de fato, assado de boi, sarapatel, mocotó, rabada, feijoada... O apelo ao vigor sexual estava também na folha de ofício colada no freezer de um box que anunciava a bebida: Jatobá afrodisíaco.

O bingo e as rifas são mais um dos elementos da Feira. Os homens se propõem mais a vender o bingo e circulam pelos espaços de comensalidade com cédulas de R\$ 50 coladas nas cartelas do jogo. Exibem também relógios grandes e anéis, assim como o dinheiro à vista aos olhos de todos, como formas de atrair os apostadores. As mulheres também estão na venda de rifas e a sedução está inclusive nas curvas do corpo, reveladas nas roupas curtas e justas.

A diversidade de produtos, comidas e de cenários que a Feira possui, assim como os espaços que a circundam e seus demais elementos de aproximação com o campo fazem com que a Feira também atraia uma multiplicidade de homens, de diferentes faixas etárias,

camadas sociais, cor da pele, dentre outras. Isso foi fundamental para a pluralidade do universo empírico que compôs esta pesquisa.

5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROCESSO DE REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A entrada a campo trouxe um sentimento ambíguo: a angústia por ser mulher e estar em um território hegemonicamente masculino e a percepção de que por isso o meu ser feminino na Feira seria um grande aliado na pesquisa. Alguns contatos prévios foram estabelecidos com responsável de um dos boxes, que aceitou ao meu pedido de auxiliar e de mediar na seleção dos entrevistados. Na primeira visita a campo, era uma manhã de sábado e antes do período de imersão, sentei-me para observar a Feira e realizar algumas anotações. Neste meio tempo um homem de meia idade, bem despojado com um chapéu estilo Panamá cinza, de nome de João, iniciou uma conversa. Ingressei nesse diálogo e ele me contou coisas sobre seu cotidiano, as vindas à Feira e sobre as feiras em geral. Prontamente anotei o telefone dele e confirmei com o senhor Arlindo, responsável por um restaurante, se ele era freguês do lugar. Marquei uma entrevista alguns dias depois, por conta da agenda de trabalho dele. Escolheu outro lugar para ser entrevistado por ser um dia de semana comum em um horário que a Feira já estaria fechada.

No segundo dia de campo, um domingo pela manhã, sentei-me à mesa em frente a um dos restaurantes da Feira. Observei as pessoas comendo e notei que havia um homem sentado no canto do balcão que conversava muito com Bebeto, comerciante de refeições da Feira, irmão de Daniel (comerciante da Feira, 23 anos). Perguntei a Janaína, a atendente, se ela conhecia o homem e se era consumidor assíduo do local. A afirmação dela me permitiu partir para a entrevista. Conversei sobre o que tratava a pesquisa e ele, Gilberto, aceitou participar no mesmo momento. A entrevista ocorreu na própria Feira. Em seguida um homem, denominado de Cláudio, se destacava entre os demais por “comer muito”, como observou Gilberto. Daniel me indicou como sendo fundamental para a minha pesquisa. Ele, antes da proposição de entrevista, concordou sem titubear. Pediu-me somente para que fosse mais tarde, pois precisaria terminar alguns serviços. Sentamos em outro local da Feira, mais silencioso e realizamos a entrevista em que, por vezes, outros homens falavam, reforçavam e confirmavam o que o entrevistado relatava.

A busca ativa continuou nos dias seguintes de campo e a quarta entrevista foi realizada com Ubiratã, amigo de Daniel (comerciante da Feira, 23 anos), que, quase todos os dias, come na Feira. Ele concordou com a entrevista e marcou comigo no dia seguinte, um domingo pela manhã na própria Feira, antes da partida de futebol do time que ele coordena. Daniel foi o quinto participante da pesquisa e me concedeu a entrevista em uma tarde de quinta-feira, no período em que a Feira não tem muito movimento e que ele estaria mais centrado na preparação da comida do dia seguinte.

Na circulação entre os restaurantes da Feira, em uma quarta-feira, sentei-me a uma das mesas que tinha vista para o estacionamento da Feira. Conheci Fabiano, que aluga um box no qual eu havia pedido algo para comer. O interesse dele em conversar comigo partiu do estranhamento em ver uma mulher sozinha comendo mocotó com pirão. Ele conversou comigo sobre as comidas servidas e eu expliquei o que estava fazendo na Feira, então Fabiano me convidou para ir com ele aprender a “fazer feira” do outro restaurante que ele possui fora das Sete Portas. Aceitei o convite e ao findar pedi que me concedesse uma entrevista, por perceber que seria importante aprofundar algumas questões sobre a dinâmica da Feira com um informante-chave. Ele consentiu e me convidou para almoçar no outro restaurante e que lá me concederia a entrevista, pois teria que estar lá nesse horário. No dia seguinte, uma tarde de quinta-feira, fui ao local combinado para realizar a entrevista com ele.

O sétimo entrevistado foi Edgar. Um homem que me chamou a atenção na Feira por pedir uma “feijoada *light*”¹ no restaurante de Fabiano. Como um homem com cerca de 40 anos acompanhado de um amigo entre 55-60 anos pedia uma feijoada *light*? O que havia por trás deste pedido? O que seria uma feijoada *light*? O meu desejo de adentrar nessas questões e de contemplar a pesquisa no que ela se propunha, de estudar: as masculinidades existentes na Feira, fui até ele para me apresentar e explicar sobre a pesquisa. Ele aceitou participar da pesquisa e pediu que eu anotasse o site e o e-mail dele para agendarmos o dia da entrevista. Entrei em contato com ele e agendamos para uma quinta à tarde na escola de línguas na qual o filho estudava. Entretanto o planejado por ele não foi possível, pois uma amiga solicitou a ajuda dele. Ele me propôs fazer a entrevista enquanto ele dirigia. Inicialmente fizemos a

¹ O alimento *light*, de acordo com a definição do Codex Alimentarius (1997) é um alimento que possui uma diferença de no mínimo 25% de macronutrientes, energia ou de sódio entre alimentos comparados”. (CODEX ALIMENTARIUS. Guidelines for use of nutrition and health claims. 1997).

entrevista no carro dele e em seguida na casa da amiga dele. Retornamos ao carro e demos seguimento à entrevista novamente dentro do carro.

Edgar me indicou um amigo assíduo da Feira das Sete Portas e que aceitaria fazer parte da pesquisa. Neste mesmo dia havia agendado uma entrevista na casa do casal que conheci na Feira. Era um domingo por volta do meio dia quando eu conheci o casal e eu estava rabiscando a conformação espacial do box de Beбето, comerciante de refeições, quando um homem perguntou se eu era estilista e o que estava desenhando naquele papel. Falei o que estava desenhando, expliquei que era mestranda e que estava fazendo uma pesquisa na Feira e a partir de então iniciamos uma conversa que durou cerca de uma hora e meia. Ele, João e a esposa Isis me contaram várias coisas usando os elementos presentes: a cachaça, a comida e a Feira. Trocamos contato e após alguns dias agendei com João uma entrevista no fim da tarde de quinta-feira.

A última entrevista foi agendada para uma sexta à tarde com Luciano, amigo de Edgar. Luciano pediu que a entrevista fosse realizada no próprio trabalho dele, no período da tarde, em que o movimento era mais reduzido e poderia falar mais tranquilamente comigo.

Refazer o percurso das entrevistas reflete nos resultados obtidos, pois parte dos entrevistados são consumidores do fim de semana, homens que vão à Feira em busca das comidas “pesadas” que são servidas aos sábados e domingos, se opondo às comidas dos dias comuns da semana, nos quais se produz a comida do cotidiano, do dia-a-dia.

5.3 BREVES BIOGRAFIAS DOS HOMENS ENTREVISTADOS

José Rodrigues, 58 anos, nasceu no sertão baiano, entretendo após seis meses foi morar na cidade de Cachoeira, Recôncavo da Bahia. Aos 15 anos se mudou para Salvador e hoje mora no Rio Vermelho, bairro consideravelmente distante da Feira. Ele é casado, tem a cor parda, altura que deve se aproximar de 1,65 m, possui um abdômen proeminente e de músculos e gorduras que se confundem. Quando o vi na Feira ele cobria seus cabelos quase brancos sob um chapéu cinza.

É formado em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. Ensinou em algumas faculdades, mas parou pela quantidade de demandas. Decidiu ficar só com um emprego e hoje trabalha como redator-chefe do núcleo de jornalismo de uma emissora de televisão e rádio.

Ele possui uma visão jornalística, histórica e de experiência com a Feira. A sua fala sobre esse local é muito mais do que ele percebe, do que ele vê. Para ele a feira é um universo singular, mas também o retrato da cultura da cidade. Revela que vai à feira de toda cidade que visita, pois ela revela o seu povo. Quanto à Feira das Sete Portas, ele está lá quase todos os sábados e domingos para comer a comida da Feira que não é igual à comida de casa. Em casa, a “secretária do lar”, como ele denominou, cozinha e ele sempre pede para ela fazer uma salada, arroz, feijão e carne, coisas que para ele são simples. Para José, comer feijoada na Feira de manhã cedo é para os que chegam de festas, para os que vão trabalhar ou voltaram do trabalho.

Gostava de frequentá-la com os amigos e conta que quando trabalhava em um jornal, na década de 1990, os jornalistas da redação, entre 10 a 20 pessoas, saíam às nove horas da noite e iam comer na Feira das Sete Portas. Permaneciam até 2-3 horas da manhã. Alguns saíam às 7 horas da manhã. Os que tinham esposas aproveitavam e chegavam e casa com a feira feita. Era uma estratégia usada entre eles para que as mulheres não reclamassem do horário de retorno às casas.

Luciano Braga, 42 anos, nasceu na cidade de Santo Antônio de Jesus. Mudou-se para Salvador em 1991 e atualmente reside na Vila Laura. É um homem de porte médio e que começou a frequentar academia de ginástica aos quarenta anos sob a influência da namorada que é enfermeira. Luciano é servidor público municipal.

Tem uma casa na ilha e viaja com a namorada para lá em alguns fins de semana. Alterna os fins de semana entre a ilha e a Feira. Acredita que talvez por ser do interior, que tem tradição de feira em que as pessoas costumam ir para comer feijão ou mocotó aos sábados e domingos pela manhã. Luciano frequenta a Feira das Sete Portas há quinze anos e isso também se deu por morar próximo ao local. Ele contou que conserva o hábito que adquiriu no interior e o reproduz na Feira. Lá ele consome feijoada, rabada ou mocotó e atualmente vai acompanhado da namorada.

É adepto ao *happy hour* com os amigos. Seu discurso faz perceber o quanto ele valoriza o momento do lazer, demonstra prazer em estar com os amigos e com a namorada, de beber cerveja e comer com eles.

João de Deus, 42 anos, nasceu na cidade de Salvador. É casado com Isis e tem dois filhos. Nasceu na década de 1960. Ainda quando criança, o pai, que sempre comia este tipo de comida, saía para comprar os ingredientes e o levava na Feira das Sete Portas. Aprendeu com

o pai o necessário para fazer comidas “pesadas”: “aquelas carnes ‘pesadas’, costela, bacon, mocotó”.

Para ele, a Feira das Sete Portas sempre foi conhecida por sua culinária. Os amigos também influenciaram nessa aprendizagem e se antes o trabalho de pedreiro pedia essa rotina, atualmente o trabalho de cobrador de ônibus, que utiliza outros esforços que não físicos, há 21 anos exige também uma “cervejinha para relaxar”.

Edgar Celso, 38 anos, nasceu em Caetité, município do interior da Bahia. É casado e tem dois filhos adolescentes. Mora em Salvador há 20 anos. É um homem de pele morena, de elevada estatura e forte, porém não extremamente musculoso, mesmo não parecendo ser vaidoso, demonstra certo cuidado com o corpo.

Diz sempre ter gostado de feira, pois o pessoal do interior, como ele, sempre gosta de feira. Edgar reconhece ter a cultura do interior em que nasceu, de sempre comer muita comida caseira, de trabalhar muito e andar muito a pé.

Morou no bairro do Barbalho, bairro próximo à Feira, por muito tempo, e sempre andava por lá. Hoje mora no bairro da Liberdade e toda vez que procura “uma comida para reforçar o dia a dia, o fim de semana, para jogar bola, comer água (beber cerveja), ir a um evento” ele diz sempre ir à Feira das Sete Portas para comer feijão ou mocotó. Edgar, porém tem preferido isentar o mocotó do seu cardápio por achar que tem muita gordura e relata acreditar que nem o come mais. Sua alimentação na Feira é mais voltada para a feijoada.

Gilberto Ferreira, 38 anos, nasceu em Salvador e mora em Macaúba, bairro que faz fronteira com a Feira das Sete Portas. É um homem pardo, alto, cerca de 1,80 m, possui um corpo mediano, porém sem excessos. Trabalha como vigilante. Gilson conta que aos domingos vai à Feira almoçar cedo, em um ritual prévio para tomar cerveja, pois não gosta de beber de “estômago vazio”. Além disso, diz que na casa a comida aos domingos fica pronta mais tarde e ele prefere comer cedo. Na Feira come feijão, feijoada e mocotó. Mesmo indo à Feira cedo, Gilson dispensa o cuscuz, que para ele “é mais para café” e prefere não fazer misturas do tipo: feijão com cuscuz, comum na Feira das Sete Portas.

Ubiratã Kleber, 43 anos, nasceu em Salvador e mora no Barbalho desde então. É um homem negro, de porte médio, cerca de 1,70 m. É autônomo e trabalha com vendas junto a um homem de maior poder aquisitivo o qual tem como exemplo e amplia o contato dele com camadas mais elevadas. Ubiratã pode ser considerado forte, mas não musculoso. Seu abdômen convexo era ressaltado aos domingos quando costumava vestir a camisa amarelo

vivo do seu time de futebol. Muitos o conhecem na Feira, pois a frequenta quase todos os dias. Sempre come na Feira e justifica que lá tem “aipim, cuscuz, comida diferente, comida que você não come em casa e que não é a mesma coisa você comer em casa, parece que o sabor é diferente. O paladar é diferente e ver os amigos também. Não sei, a comida de casa parece que a gente não se acostuma comer no dia a dia, já a da rua parece que existe uma diferençazinha, não sei se é o tempero, mas eu acho que é o tempero”. Gosta de comer comida variada e conta com detalhes como prepara ou como foram preparadas.

Cláudio Barreto, 32 anos, nasceu no início da década de 1980, na cidade de Salvador - BA. Vive na comunidade do Pela Porco, onde cresceu. É negro e alto, cerca de 1,90 m de altura. Sua magreza se assemelha a dos maratonistas. Os músculos de Cláudio, porém, parecem terem sido mais esculpidos pela força empregada no trabalho braçal que exerce na Feira. O contato com a Feira das Sete Portas começou aos 10 anos, quando precisou trabalhar naquele espaço para ajudar em casa. Quando criança carregava pequenos balaies de laranja para ir se acostumando com o peso. Da profissão que desenvolveu na infância, hoje tira o seu sustento. Cláudio continua descarregando caminhões com laranja e com outros produtos que alimentam a Feira das Sete Portas.

A ausência na infância, do pai, não extinguiu a lembrança do quanto Cláudio diz parecer com ele se referindo ao gosto pelo trabalho. Ele conta que chega à Feira por volta das 4-5 horas da manhã para trabalhar. Relata que durante a semana, come pela manhã e depois às 14-15 horas. Se não houver possibilidade de comer pela manhã, Cláudio bebe café para iniciar o trabalho e depois que termina a atividade ele come. A convivência na Feira permite que se conheça o que é servido e ele descreve o cardápio de um dos restaurantes da Feira em que come, ressaltando a diferença que há entre os dias úteis e o fim de semana. A força é sempre referida, talvez por ser fundamental para o trabalho que exerce. Os simbolismos atribuídos aos alimentos e ao corpo saudável se inter cruzam com o corpo forte, hábil e resistente para o trabalho. Todo o discurso revela que um dos fios que sustenta as condutas alimentares e o cuidado com o corpo está extremamente relacionado à história de vida de Cláudio, que permitiu chegar à conjuntura atual de valores simbólicos do comer e do cuidado com o corpo que reflete o que também ele está sendo.

Daniel Barros, 23 anos, nasceu no estado de Sergipe. O gosto de Daniel pela comida servida na Feira vem da infância, ainda em Sergipe, na cidade Simão Dias, a qual ele adjetiva de “pacata”. Porque: “a cultura de Sergipe é cuscuz e aipim (...). Lá é o que mais tem é

feijoada e mocotó. Lá você acorda 5 horas da manhã para pegar na enxada, serviço bruto... Comecei a trabalhar com 05 anos de idade. Dos 05 anos aos 13 anos, pro meu pai; dos 13 anos a 17 trabalhava pra os outros; de 17 até os 23, em Salvador”.

Daniel aprendeu a atirar aos 12 anos com um primo do Exército. Treinava a mira nas caças da mata, o que propiciou provar outros sabores: “caçava todo tipo de bicho: paca, veado, tatu, peba, teiú, lambú, todo tipo de ave... Era para comer, mas eu não gostava de comer. Meu pai, minha mãe e meus irmãos que comiam. Eu gostava mesmo era de ver a queda. Só do Teiú e a outra caça que eu adorava era o jacaré, já matei também. Desde o dia que eu nasci não pode faltar carne”. Veio morar em Salvador em 2006, mesmo ano em que começou a trabalhar com o irmão na Feira das Sete Portas. Acorda todos os dias às 4 horas e trabalha até 17-18 horas, sem descanso. Na Feira ele se autointitula de “multiuso”. Faz tudo que for necessário para o funcionamento do restaurante: cozinha, despacha, passa troco, lava panela, lava prato, cata feijão. Ele cozinha na ausência da cozinheira e diz que todos os comensais estão acostumados com o tempero dele.

Fabiano Silva, 42 anos, negro, o corpo de aproximadamente 1,8m de altura. É um corpo que aparentava ser esbelto, como ele mesmo diz: “engordei cinco quilos. Estava com 75 kg, estou com 81 kg, 6 quilos a mais”. Ele diz não malhar há três anos e brinca: “como é que eu vou arrumar uma namorada com a barriga desse tamanho?”. Aos 14 anos ele deixou de morar na sua cidade natal, Santo Antônio de Jesus, interior da Bahia, para morar em Salvador. As irmãs já tinham boxes na Feira e ele se interessou em ter o seu quando começou a observar o crescimento econômico das irmãs. Decidiu fazer curso de cozinheiro e trabalhou em vários hotéis. Conseguiu economizar recurso suficiente para montar um negócio próprio e decidiu pela Feira das Sete Portas, porém não tinha nenhum box disponível. Com isso optou instalar um restaurante no Engenho Velho de Brotas e quando a oportunidade de comprar um estabelecimento na Feira surgiu, ele vendeu o carro que tinha e alugou o box. Depois ficou só com o box da Feira e agora também possui uma churrascaria em Brotas.

O fato de ser comerciante da Feira das Sete Portas implicou em seu papel de informante-chave. Fabiano se ateve ao relato do cotidiano da Feira, ao público consumidor e às comidas servidas.

Anselmo Ramos é um senhor entre 70-80 anos. Um homem de cor morena clara, altura de 1,75m, cabelos brancos. Corpo robusto, mas não muito. Trabalha para a família Pinto de

Aguiar há 60 anos. É ele quem faz a interligação entre os negócios do mercado e os donos que residem no Rio de Janeiro.

A entrevista de Anselmo, assim como a de Fabiano foi votada para obtenção de informações sobre a Feira. Sr. Anselmo, porém, se voltou a elementos da história do professor Pinto de Aguiar (como gostava de ser reconhecido, segundo seu Anselmo) e da Feira das Sete Portas. Ambos importantes para a contextualização do espaço.

Quadro 1. Síntese da identificação dos interlocutores.

Nome	Idade	Profissão	Natural
João de Deus	42	Cobrador de ônibus	Salvador-BA
Luciano Braga	42	Servidor público	Santo Antônio de Jesus-BA
Edgar Celso	38	Empresário	Conceição do Coité-BA
Gilberto Ferreira	38	Segurança	Salvador-BA
Ubiratã Kleber	43	Vendedor autônomo	Salvador-BA
Cláudio Barreto	32	Carregador de peso	Salvador-BA
Daniel Barros	23	Comerciante da Feira	Simão Dias-SE
José Rodrigues	58	Jornalista / Editor chefe	Ipirá-BA
Fabiano Silva	42	Comerciante da Feira	Santo Antônio de Jesus-BA
Anselmo Ramos	-	Administrador da Feira	-

5.4 A FEIRA, A COMIDA E A CACHAÇA

Os espaços são socialmente demarcados e dentro destas demarcações a divisão de gênero dos espaços sociais, consagrada na literatura, concebe, de forma geral, o universo público como espaço destinado aos homens, enquanto que a casa é concebida ao feminino. Essa divisão “cartesiana” se reproduz nos espaços de comensalidade da Feira das Sete Portas, nos quais predomina o masculino. Desde as mais tenras horas do dia os homens compartilham esses *lócus*, inicialmente limitado a um box aberto às 5 horas da manhã. O cardápio da comida matinal é composto por feijoada (aos sábados, domingos e feriados), ensopado de boi, cuscuz, aipim cozido, carne de sertão frita (nos demais dias da semana). Os pratos são montados, na maior parte das vezes, incorporando a carne, assim, o mosaico é feito de acordo

com o gosto do cliente e dentro do que está sendo servido. O café com ou sem leite, o refrigerante – principalmente de cola –, a água, o refresco de caju (suco muito diluído em água e adoçado), a bebida energética (Mad Dog, Night Power) e a cachaça, organizados, aqui, de modo decrescente à solicitação dos homens, são as bebidas usadas para acompanhar o cuscuz ou o aipim.

À medida que os outros boxes vão sendo abertos, ampliam-se as opções do que comer e beber. Os espaços da Feira são ainda acrescidos de distinções, as quais são descritas por Fabiano:

Os meus clientes de segunda a quinta-feira é um público mais inferior, é um público comerciário, um público de pequenos lojistas que vão frequentar meu estabelecimento, policia militares, civis. (...) Quem pede outros pratos: carne do sol, frango, filé, fígado, assado. É aquele público do comerciário dali da área que vem almoçar (...). O meu público mais forte mesmo, de condições financeiras, o que eu tenho de juiz, promotores, advogados, grandes empresários... Enfim, dia de sábado, domingo e feriado (...). Os grandes empresários que vão, eles não vão procurar outra coisa, é feijoada e mocotó. Você pode oferecer pra ele de graça lá, filé, frango, carne de sol, de graça eles não querem. Porque eles me dizem: “isso que já tem em casa, a minha empregada sabe fazer isso”. Ele vem aqui por isso, ele leva panela, faz encomenda. (...) O meu público mesmo que vem comer de fora só pede mocotó e feijoada. Eles só pedem comida “pesada” mesmo. Eles gostam mais de comida “pesada”, feijoada, mocotó, moqueca de peixe. (Fabiano, comerciante, 42 anos).

Fabiano, baseado em sua experiência diária com o universo da Feira, organiza as dinâmicas e disparidades em torno do comer a partir dos eixos: “o que”, “quem” e “quando”. Newcombe et al. (2012) em seu artigo sobre os papéis da alimentação na vida dos homens, analisam que “O papel de ‘quando’, ‘quem’ e ‘o que’ tem estabelecido a formação de uma estrutura para os conjuntos de alimentos que são consumidos sugerindo que as escolhas alimentares agem sutilmente, ainda que simbolicamente carregadas de sustentação, pelo qual os homens podem transferir através de seus papéis identitários” (p. 393, tradução nossa). Destarte, os arranjos construídos utilizando essas três dimensões, são traçados possibilitando a compreensão da composição da Feira. A primeira disposição dos eixos pode aqui ser assumida pela presença de homens de maior poder aquisitivo na Feira, evidenciando a presença de mobilidades sociais (GILBERTO VELHO, 2008). Possibilitando, deste modo, que os sujeitos adquiram novos hábitos mesclando ou substituindo outros costumes. O que se come é valorado por estes homens de modo muito particular – comida não “pesada”, servida

fora da Feira; comida “pesada”, servida na Feira, a qual os fazem se deslocar de suas casas visando esse gosto.

Ao assumir essa identidade que exprime certos vínculos com as camadas populares, interessa a este público considerado “importante” revisitar o comer popular, que talvez em algum momento tenha sido parte da sua experiência de vida. Sr. Anselmo reitera a fala de Fabiano lembrando que a Feira foi muito frequentada por “algumas pessoas importantes”, que mesmo com a redução do movimento nos anos 1970-1980, a Feira ainda permanece com clientes fiéis, principalmente jornalistas e advogados. Estes costumam ser os clientes de sextas à noite, sábados, domingos e feriados, a exemplo de José que é jornalista e continua frequentando a Feira aos fins de semana.

Os homens também vão sozinhos à Feira, mas lá eles decidem se querem ou não comer desacompanhados. Isso por que eles têm a possibilidade de escolher entre sentar nos bancos ao redor dos balcões, compartilhando o espaço com outros homens, ou sentar “isolados” à mesa, acompanhados somente por uma cerveja gelada e o prato de comida. Um dos balcões da Feira é um semicírculo que separa o local de preparo da comida, do local que as pessoas se comem. Do lado interno do balcão, um pouco abaixo da altura deste, estão grandes panelas com as comidas e um grande cuscuzeiro. A visualização das panelas se restringe a quem está sentado nos bancos fixos no lado externo do balcão.

Os espaços de comensalidade na feira são marcados principalmente pela disposição das cadeiras que, na maioria dos boxes estão organizadas externo a estes, ao longo dos corredores e na área também ocupada pelo estacionamento. Há, porém, boxes que dispõem de algumas cadeiras no ambiente interno, ou mesmo bancos fixos que contornam os balcões, com exceção do restaurante localizado no primeiro andar que possui cadeiras somente no ambiente interno.

Em outra disposição dos eixos, os homens vão à Feira acompanhados por mulheres ou filhos. Sentam-se, escolhem o que vão comer e quando a comida chega não necessariamente o comer será compartilhado por eles. São comuns os episódios em que à mesa somente o homem come, enquanto as mulheres e filhos observam e aguardam o findar do ato. Entretanto, os interlocutores relatam que suas companheiras e amigas que vão à Feira com eles, sabem o que é servido e comem o mesmo que os homens. É o caso de João (cobrador de ônibus, 42 anos) e Luciano (servidor público, 42 anos). Este último costuma ir à Feira aos fins de semana e assinala tanto a presença da namorada como a influência desta para a ida.

Observa-se que as características do espaço circunvizinho composto por açougues, lojas de ferragens, equipamentos industriais, assistências técnicas, empresas de reciclagem de lixo, apresentam um perfil de funcionários mais masculino. Esses atributos se refletem também na Feira e demarcam o que se come, pois nos dias úteis e aos sábados, período em que o comércio e grande parte das empresas da região do bairro das Sete Portas estão abertos, a Feira se torna reduto, em especial, destes trabalhadores. Assim, as comidas preparadas de segunda à quinta-feira possuem interface como o comer cotidiano: arroz, feijão, macarrão, carne, salada de tomate, cebola, alface e frango. Busca-se, também, ao comer na Feira nos dias úteis a comida gostosa, em grandes quantidades e de baixo custo (por volta de R\$ 12), “a comida aqui é caprichada. Você pega um PF (prato feito) dá para duas pessoas. O preço está bom”, assinala um homem na Feira. Os que comem quase todos os dias na Feira, a exemplo de Daniel (comerciante da Feira, 23 anos) e Ubiratã (autônomo, 43 anos) alternam seu consumo dentro do que é servido: “todo dia estou aqui (...) tomo café da manhã, um dia eu como aipim, um dia eu como cuscuz, um dia eu como ovo frito ou com aipim ou com cuscuz, um pouquinho de arroz com caldo de feijão, não é todo dia a mesma coisa”.

As masculinidades não estão aqui assumidas somente pela comida, pois esse cardápio, segundo os interlocutores, é também consumido por algumas mulheres, mesmo havendo as que rejeitam tais pratos. As singularidades estão também fixadas no significado que os homens atribuem à comida, nas quantidades dispostas no prato e nas formas de comer. Há também o sentido inverso, toda uma conformação imbricada no comer que consignará a este ser identidades masculinas. Assim, esses pratos do dia-a-dia, entretanto, parecem significar a comida que alimenta o corpo. Seria o arquétipo alimentar propício ao que se deseja no cotidiano: funcionamento adequado do corpo masculino, saciedade e sustento, não permitindo que o corpo demonstre fraqueza. De modo semelhante, se relacionarmos ao contexto do comer masculino durante os dias de trabalho, Roos, Prättälä e Koski (2001) observaram em seu estudo que tanto os engenheiros como os carpinteiros concebiam a comida principalmente como uma fonte de energia para o exercício laboral e para saciar a fome. Além disso, os entrevistados percebiam essa concepção como estando no âmbito da masculinidade, sendo que um engenheiro havia atribuído essa perspectiva em relação ao alimento como sendo particular dos dias úteis da semana.

Interessante observar que na fala dos interlocutores da Feira, as comidas “pesadas” não são mencionadas no comer do dia-a-dia, bem como a cerveja. Isso também foi expresso

quando dois homens perguntaram ao Sr. Aldemir, responsável por um restaurante, se ele tinha frango ou onde poderiam encontrar o prato na Feira. Este respondeu: “dia de hoje é difícil, pois fazem mais feijoada, mocotó, rabada, essas coisas. O pessoal aqui não faz frango fim de semana. É mais dia de semana”. Parece não caber ao frango compor os pratos dos fins de semana, a ele foi mais reservado os dias comuns, provavelmente por estar associado a uma conotação de alimento menos “pesado” que a carne, sendo, portanto, deslocado dos momentos de *happy hour*.

Em consonância a isso, o comer no fim de semana pode imprimir outras conotações que não as mesmas do comer semanal. Assim, na segunda disposição dos eixos, aos sábados, domingos e feriados, há uma centralidade no consumo das comidas mais “pesadas” (feijoada, mocotó, rabada...) e no prazer: “a gente pega bota no prato assim, se eu não me engano acho que é R\$12,00 reais, dá pra dois e aí já o couro come. Olhe! Esse café não é fome não, é desejo”. O que corrobora com o estudo de Santos (2008), a qual também identifica a feijoada como comida de fim de semana. Para Luciano, por exemplo, isto está bem definido: “eu levo a semana toda e não tenho nenhuma necessidade de comer feijão (feijoada da Feira). Esse negócio de comer feijão que é interessante é que já virou, tipo assim, uma rotina do meu fim de semana”. O comer nesse contexto possui outro significado que não o sustento para o trabalho, ele representa o hedonismo, a confraternização: “para beber e comer sempre acompanhado com um amigo ou dois sempre a gente liga um pro outro: ‘vamos tomar uma cervejinha e comer um feijão?’”, narra Edgar (microempresário, 38 anos) sobre a esquematização de ida a Feira. O que Luciano e Edgar chamam de feijão não corresponde somente aos grãos cozidos. Essa denominação é compartilhada pelos outros interlocutores que também a utilizam para se referir à feijoada baiana, a qual é feita com feijão mulatinho ou carioquinha.

Santos (2008) observa que a feijoada baiana marca sua distinção identitária diferenciando-se da mais popular nacionalmente, a feijoada carioca que é feita com feijão preto. Além disso, a feijoada carioca é consumida no sábado, enquanto que a feijoada baiana é prato para domingo. No entanto na feira, a feijoada baiana é destaque entre os interlocutores nos dois dias do fim de semana. A autora ainda destaca as peculiaridades do modo de fazer da feijoada baiana que vai desde a seleção das carnes, as formas de prepará-la, a escolha dos temperos, a consistência da feijoada até o modo se servir. Os acompanhamentos são também distintos: arroz branco, salada de tomate, alface e cebola, farinha de mandioca e molho de

pimenta. Enquanto que na feijoada carioca a laranja e a couve servem como acompanhamentos.

Todavia, o que ressalta em todos os diálogos é que a Feira é ponto de confraternização masculina e de alimento para o trabalho. A comensalidade desse universo parece estar centralizada na feijoada. Ela reúne os homens com os amigos, com a família e com a própria Feira, dá força e revigora as energias. As demais opções de comidas “pesadas” complementam as poucas lacunas que a feijoada não preenche e Francisco reitera: “noventa por cento das vendas lá é mocotó e feijoada. Aquelas opções todas saem, mas sai assim, de pingo em pingo. A cada dez clientes que chegam nove pedem mocotó ou feijoada. É noventa por cento feijoada e dez por cento outros pratos”.

Assim, aos sábados na Feira, especialmente em torno de meio dia, é possível visualizar homens fardados dispostos às mesas, em geral pertencentes a empresas de serviços que também demandam o uso de força física (Coelba, ThyssenKrupp, JR Stell, etc.). O findar do expediente simboliza o início do fim de semana e a comida do dia-a-dia já não se adequa ao contexto. Na pesquisa de Roos, Pättälä e Koski (2001) os engenheiros conceberam a comida do fim de semana como sendo prazerosa agregando o contexto aprazível da socialização familiar. O “feijão normal sem aquelas carnes de mocotó, fato, costela”, do dia-a-dia, como exemplifica João (cobrador de ônibus, 42 anos), dá lugar a feijoada baiana “com essas carnes fortes”, acompanhadas de arroz branco, farinha de mandioca, pimenta e, por vezes de uma dose de cachaça, bebida rapidamente.

Edgar (microempresário, 38 anos) ressalta a propriedade que a bebida destilada tem de acentuar o sabor da comida, deixando mais saborosa: “no meu interior mesmo, Caetité, tem uma buchada que aqui chama fatada, mas lá é bucho de boi mesmo. O tempero é forte e aí com pinga é uma delícia!”. Para João beber a “branquinha” antes de comer serve para limpar o corpo e abrir o apetite, podendo também ser misturada a um refrigerante de cola. No entanto, a cerveja é a que ocupa lugar de destaque e durante o tempo em que a comida não é colocada sobre a mesa, os homens bebem e conversam entre eles. Nota-se que a cerveja e a cachaça nesses momentos são permitidas, pois fazem parte do “quando”. Luciano explica: “essa questão da cerveja já vem uma coisinha de finais de semana, sexta-feira... Aquela questão final de semana, sexta-feira vai com os amigos, vai pro *happy hour* depois do trabalho”. A cerveja está atrelada a socialização dos homens, ao momento de lazer. Nota-se que os valores atribuídos ao consumo de cerveja se aproximam de como os carpinteiros do

estudo de Roos, Prättälä e Koski (2001) tendem a beber álcool nos finais de semana, principalmente nas noites de sexta-feira e sábado. As comidas “pesadas” e o álcool parecem estar mais alocados nos finais de semana e feriados e associados ao lazer. Estudos sugerem que o álcool na vida social dos homens está tradicionalmente vinculado à masculinidade em várias culturas e é percebido como um marcador de gênero (NEWCOMBE et al., 2012; JENSEN; HOLM, 1999; O’KANE; CRAIG; SUTHERLAND, 2008; ROOS; PRÄTÄLA; KOSKI, 2001). Esse consumo se distingue do consumo de bebidas alcoólicas por mulheres, pois está associado à hipermasculinidade beber em maior frequência, em espaços públicos e em maiores quantidades (JENSEN; HOLM, 1999).

Enquanto que a comida, nos dias em que os homens estão voltados ao processo laboral, é atribuída à força e ao nutrir o corpo para que este não “enfraqueça”, nos fins de semana e feriados, as comidas “pesadas”, ainda mais “fortes” que a comida do dia-a-dia, imersas nos rituais de socialização masculina, são, sobretudo, “forro para o estômago”. “Eu não gosto de beber de estômago vazio, aí eu venho aqui... Forrar o estômago para depois beber cerveja”, Relatou Gilberto (segurança, 38 anos). Esse vocábulo significa o uso de uma técnica apreendida em que a comida “pesada” “retarda” ou “bloqueia” possíveis efeitos adversos pela ingestão da cerveja no momento de confraternização. Emerge disso uma lógica do cuidado de si, da saúde de permissividade do álcool mediante o consumo de alimento que parece garantir proteção ao corpo e resistência.

O “forro” é uma forma de “blindagem” proporcionada pela comida para o “dia de água dura”, como expressou um homem que chegava à feira. Sendo assim, quando se destina um tempo para a confraternização com os amigos, é sabido a cerveja estará presente em todo o momento. Para o homem a socialização deve ser regada a álcool, elemento que é central na produção da identidade masculina. Entretanto, essa necessidade de criar essa barreira é um reflexo da necessidade de manter-se “sóbrio”. Destarte, para a comida servir de “forro” é fundamental que a comida seja de difícil digestão, pois é a permanência da comida no estômago que garante ao homem beber por mais tempo sem ficar bêbado. Talvez por isso o feijão da feira seja tão mencionado como um alimento que faz parte da socialização.

5.5 HOMEM, FORÇA E COMIDA FORTE: mediação entre corpo, o trabalho e a comida

O trabalho é uma forma de relação do sujeito com mundo e é concebido por Marx (1996, p. 172) como sendo uma “condição de existência social do homem”. Ao ser alocado na esfera do social, acredita-se que ele não está isento das questões de gênero, pois a questão do trabalho também é uma questão de sexo como analisa Irène Théry (2011). Destarte, as falas e expressões dos interlocutores deixam palpáveis os valores da concretude do trabalho e exaltam as características compreendidas socialmente como masculinas.

O trabalho do homem está presente em toda a Feira e é diversificado. Desde a calçada na rua que dá acesso a Feira vê-se homens comercializando folhosos, frutos do mar, peixes, caranguejos e siris - vivos. Na parte interna eles continuam em suas bancas de frutas, oferecendo os produtos aos transeuntes e negociando com os fregueses. Os homens lidam diretamente com o comércio das carnes, cortam, retiram a pele das patas dos porcos, comercializam animais vivos, cortam vísceras para o sarapatel. Eles também estão nos boxes que vendem produtos religiosos: ervas, tachos de barro, colares de contas, imagens, incensos, charutos, etc.; produtos para o preparo de comida baiana: camarão seco, castanha, amendoim, azeite de dendê, coco, leite de coco, pimentas. Eles também exercem o ofício de barbeiro. Vendem farinhas feitas com mandioca, carimã e as carnes secas. Além de comercializarem produtos prontos e *in natura*, os homens, muitas vezes, também estão envolvidos no preparo das comidas. Catam feijão, lavam os pratos, fazem a comida e servem-na aos clientes. São responsáveis pela limpeza do espaço da Feira e pela segurança do estacionamento.

Na Feira há ainda trabalhadores que utilizam o corpo como instrumento de trabalho, resistindo a pesos e utilizando-se da força física. Cláudio (carregador de pesos, 32 anos), um homem que desde a infância utiliza seu corpo para deslocar pesos na Feira, concebe-a como espaço laboral, o que o difere dos demais interlocutores. A narrativa de Claudio sobre o trabalho transborda de valores morais, bem como de responsabilidades múltiplas, tanto as que são atribuídas a ele quanto as que ele se autoatribui:

Ele tem que ser uma pessoa trabalhadora, não pegar no pé dos outros, não ficar brigando com ninguém, não ficar perturbando no local que trabalha (...). Mas eu aqui nos bares fico no lugar de homem. Para barraqueiro me chamar atenção aqui é uma raridade na vida. Eu sou o mais velho, eu me dou o lugar como o mais velho. (Cláudio, carregador de pesos, 32 anos).

A identidade masculina é também estabelecida perante o trabalho. Não parece haver uma masculinidade aceita na figura do ocioso, do preguiçoso. O significado de homem trabalhador refuta a figura do malandro, pois o trabalho é concebido como local de respeito e que há ordem. Os valores tradicionais masculinos de dominação, hierarquia podem ser viscerais para o ser homem nesse contexto. A força, porém, elemento atribuído ao masculino, não está ausente na fala de Cláudio. A disposição para o trabalho é permeada pela exaltação da força que percorre toda a narrativa de Cláudio, também por ser fundamental para o trabalho que exerce: “vou descarregar uma caçamba de boi, que tá ali, praticamente sozinho (...). Eu sou difícil estar em um trabalho e cansar (...). Quatro latas! Já viu uma pessoa carregar quatro latas? Uma em cima da outra? Eu carrego!”.

A exaltação da força, aliada à demonstração pública do ser incansável evidencia o modelo vigente, como coloca Hamawi (1995), da necessidade masculina de revelar-se capaz e forte. Além disso, nesse tipo de trabalho o corpo requer tenacidade e resistência. Há também uma mediação entre a força e habilidade para que o corpo instrumental seja eficaz (CONNELL, 1995). Haroche (2013) em uma análise antropológica sobre a virilidade, explica que importa mais para os homens que eles se mostrem fortes do que sejam fortes, pois temem a sua vulnerabilidade e a descoberta desta por outros. Trata-se também de uma construção do ser homem que passa pela dimensão do ser honesto, trabalhador, sempre à disposição para o trabalho seja qual for: “eu sou uma pessoa que eu chego num lugar para trabalhar, eu nunca fui de escolher nada não”, não medindo esforços para o labor como também para comer: come-se de tudo para a construção desta força masculina. Muito mais do que os músculos o “caráter” do homem trabalhador:

(...) me alimentando certo, na hora certa porque tem vez que minha alimentação eu divido ela também, eu não posso encher a barriga aqui agora, lhe dizer que vou dar conta de tudo não, mas digo a você, se eu encher a barriga aqui agora, pelo menos uma conta de meia caçamba eu lhe dou. Agora, se eu chegar na mesa e botar um pouquinho de comida é só como se fosse para tapear, ali é para me tapear para poder eu lhe dar esse serviço aqui, é um café reforçado que você está me dando, pra depois eu vou comer. É chegar agora... Se chegar de noite bater uma feijoada, de manhã o trabalho que você me der já foi. (Cláudio, carregador de pesos, 32 anos).

Há o conhecimento do corpo e de como o comer deve ser conduzido, bem como as comidas que propiciam a força para o trabalho. Força esta que deve ser prolongada. De modo

distinto, a impotência masculina diante do outro gera constrangimento, revela a inferioridade, a fraqueza. Isso não é explicitado na Feira, espaço hegemonicamente masculino não há espaço para isso. Mediante o uso instrumental do corpo, a resistência e o dispêndio físico para o trabalho apresenta uma conotação de saúde embutida na fala dos interlocutores, mas também demonstra a valorização do seu trabalho pelo corpo que não falha, do sujeito que não "faz corpo mole". O corpo é duro, resiste, é forte, próprio para o trabalho braçal na Feira. Carregar partes inteiras do boi, latas, sacos de areia, caixas... Cláudio narra ações e seleciona elementos que validam o peso que é suportado por ele. Nas camadas populares, por vezes, a experiência corporal concentra-se mais na força física, em fazer funcionar o corpo, utilizando-o mais intensamente e por um período mais longo possível (BOLTANSKI, 2004). É interessante como Daniel que nasceu em um estado vizinho ao de Cláudio, também compartilham uma lógica semelhante: de disposição para o trabalho no acordar cedo, no uso da força física que marcam a masculinidade e apresentam uma questão de caráter apreendida na infância: “a cultura de Sergipe é cuscuz e aipim (...). Lá é o que mais tem (feijoada, mocotó). Lá você acorda 5 horas da manhã para pegar na enxada, serviço bruto”.

Os discursos de Cláudio (carregador de pesos, 32 anos) e de Daniel (comerciante da Feira, 23 anos), assim como o de outros interlocutores vincula a comida da Feira à força física. Cláudio relata que durante a semana, come pela manhã, depois às 14 horas e às 15 horas. Se não houver possibilidade de comer pela manhã, Cláudio bebe café para iniciar o trabalho e depois que termina uma parte do trabalho ele come novamente. As regras alimentares são também desenvolvidas para ter eficiência no trabalho. “Se chegar de noite bater uma feijoada, de manhã o trabalho que você me der já foi...”. Ele discerne que comidas propiciam a força para o trabalho, mas elege o feijão como a comida que dá força, que deve ser prolongada, bem como as comidas que não se aproximam deste enredo, a exemplo do lanche que deve ser duplo e que serve somente para tapear a fome.

O comer simboliza, de certo modo, a quantidade de esforço físico no trabalho executado. Comer em excesso para Cláudio não está relacionado necessariamente em ficar obeso. Para quem se utiliza do corpo para o trabalho percebe que a comida é irrefutável para manter o corpo forte, não necessariamente em dimensões físicas, porém um corpo próprio para o “trabalho pesado”, resistente. Contreras e Garcia (2005) elucidam que as classes trabalhadoras até a década de 1960 na Espanha, consideravam que uma boa alimentação deveria ser nutritiva, saudável, abundante e que proporcionasse saciedade. Mesmo se

referindo ao século XX e a outro país, essa premissa, em certos contextos, se assemelha a compreensão dos trabalhadores braçais e ainda se faz presente no século XXI. A observação de Boltanski (2004) sobre as sensações provocadas pelos alimentos com alto teor de gordura e fécula apresentam diferenças entre as classes sociais francesas. Entretanto a sensação de estar “forrado, satisfeito e de recuperar as forças” mais presente nas classes populares, se aproxima das percepções que os homens referenciam ao ingerir a comida “pesada” da Feira.

A lógica da força para os homens que utilizam o corpo ou mesmo o visualizam como instrumental, concebe a relação dos sujeitos com as formas de cuidado com o corpo, seja mediante a alimentação, o uso do corpo, as atividades físicas ou o lazer. Boltanski (2004, p.124) analisando o comer para as classes populares na França reflete que estas:

...de maneira geral, parecem atribuir maior importância à alimentação que os membros das outras classes ao procurar os alimentos tidos “nutritivos” e “fortificantes”, que “sustentam”, “mantêm o corpo”, “enchem”, “forram” ou “revigoram”, e cuja absorção, supõe-se que dê vigor e força.

Todavia, o que para as classes populares francesas da pesquisa de Boltanski (2004, p. 124) que é considerado como cozinha “pesada”, neste caso as “massas, batatas, sopas, carnes, a salsicharia, os sagus...”, não apresentam tantas semelhanças como os alimentos tidos como “fortes” para os interlocutores. A presença diferenciada de alimentos implica que os símbolos mudam, mas há uma interconexão entre os significados mesmo em diferentes sociedades. Luciano, por exemplo, exclama: “se eu levar cinco dias sem comer feijão eu juro pra você, quando eu falo aqui, eu acho que até minha libido baixa!”. A valorização do feijão como alimento forte e de necessidade diária é intensa entre os homens indiferentemente das atividades laborais exercidas. O feijão necessita estar presente na mesa, pois é ele que concebe a força: “não ligo muito pra carne não, mas pra mim o que me dá força mesmo é o feijão”, diz Cláudio. O feijão é fonte proteica, de vitaminas e minerais, fibras e carboidratos completos. O feijão com arroz constitui-se como o prato base da alimentação brasileira, agrega-se ainda a farinha de mandioca, elemento presente e praticamente indispensável para os homens que comem na feira e a pimenta. Esta faz parte da conjuntura do alimento forte atrelado também do paladar que confere a comida. Comer com muita pimenta funciona inclusive como um distintivo do comer masculino forjado na resistência, de suportar a comida apimentada sem hesitar.

Câmara Cascudo (2004) elucidada que em 1610 a farinha de mandioca representou a base da sustentabilidade dos corpos das camadas populares, como a principal fonte de carboidrato no Brasil. Santos (2008) identificou a presença do feijão como fundamental para composição do prato masculino e assinala esse mosaico feijão-arroz-farinha como sendo um “complexo básico único” no contexto soteropolitano, além disso, a autora reitera a assimilação do feijão à força e a energia, bem como a associação do “tempero baiano” ao uso da pimenta na comida. Maciel (2004) destaca que o feijão foi durante muitos anos a principal fonte proteica da maioria dos brasileiros, principalmente para os que tinham menor acesso à carne.

Entretanto, a carne também compõe o prato masculino ligado à força. É inclusive, a presença das carnes na feijoada que a deixa forte, de acordo com os interlocutores. Montanari (1998b) revela que no período medieval já se atribuía a força física ao consumo de carne, e teria relação ainda com o físico e os músculos dos homens. Mesmo sendo a preferida no comer masculino da Feira, abre espaço para outras fontes proteicas, como ovo e frango, por exemplo, principalmente nos dias úteis. Destaca-se, porém que os interlocutores parecem dispor a carne em um patamar distinto do peixe e do frango. Este último parece ter sido mais aceito pelos homens por uma questão de estar associado ao saudável, especialmente se estiver grelhado, além de adentrar nas refeições do cotidiano inclusive pelo preço inferior ao da carne.

Montanari (1998a) assinala a maior apreciação popular à carne, na Idade Média, em detrimento do peixe não somente por uma questão nutricional, mas por uma questão de referência simbólica, ao qual a substituição da carne pelo peixe estava relacionada a penitência da Igreja. Roos, Prätälä e Koski (2001) pontuam, entretanto, que os carpinteiros e engenheiros entrevistados não deram muita ênfase ao consumo da carne, abrindo espaço para demonstrarem aceite ao frango e peixe. Sobal (2005) aponta, em seu estudo, que tem como estruturas centrais o homem e a carne, que a carne vermelha simboliza virilidade e força, além disso, ele ressalta que nem sempre os homens consideram uma refeição sem carne como sendo uma refeição real. Entretanto, a representação de masculinidade sobre o comer carne não é tão explicitado pelos interlocutores, parece que as diferentes masculinidades presentes na Feira estabelecem uma pluralidade de sentidos em torno da carne vermelha, em especial pelo cuidado com a saúde, que o permitem inclusive mediar esse consumo.

5.5.1 O comer pouco, comer muito e comer normal

De acordo com Mintz (2001) os comportamentos relativos à comida estão imbricados nos sentidos que os próprios sujeitos atribuem a si mesmos e às identidades sociais. As dimensões quantitativas do comer aparecem na literatura como característica de gênero. O homem estaria atribuído ao comer muito, enquanto que o comer pouco adentra no feminino. Todavia a perspectiva binária do quantitativo alimentar: muito e pouco, não são, sozinhas, capazes de dar conta das lógicas dimensionais do comer para os interlocutores, muito menos no que corresponde ao quase determinismo de gênero.

Os interlocutores agregam outras perspectivas e sentidos. Gilberto agrega o “comer normal”, que é referido e inserido em uma situação relacional. Ele toma Cláudio, que estava comendo próximo a ele, como exemplo do comer muito: “eu também não como muito não, normal. Eu não como igual a esse monstro”. João, entretanto, contrapõe ainda mais o estereótipo masculino: “ela (a esposa) come mais do que eu, eu como menos. Meu estômago é pequeno, não como muito não. Não sou de comer muito não”. Esses rompimentos com o padrão hegemônico de masculinidade sobre o comer revelam o quanto os interlocutores se posicionam de modos distintos e como eles percebem seu comer que não necessariamente corresponde com o imaginário social e que está também atribuído a “biologia”, na qual os homens comem mais e as mulheres comem menos.

Não comer ou comer pouco mesmo não sendo exclusivo do comer masculino, por ser uma conduta tida como feminina, entra no discurso alimentar masculino e revela que outros eixos de relações com a comida e o corpo estão sendo inseridos no contexto masculino. Santos (2010, p. 460) descreve que as estratégias para alcançar o corpo ideal “destaca-se a dieta, combinada com a atividade física, que conformam os pilares fundamentais para esta construção do corpo”. Daniel, por exemplo, refere um controle sobre o que come. Ele se baseia na implicação do “quanto” e do “que” se come e a interferência disso nas dimensões corporais. Ele, através da limitação do tempo para a prática de exercício, cuidado “secundário” do corpo, implica no cuidado “primário”, de uma necessidade biológica de nutrir-se, da qual não pode se isentar:

Comer engorda. Como muito pouco. Acho que engorda um pouco (macarrão), não como. (...) Eu mesmo só faço café da manhã só para matar a fome e faço meu almoço, eu não janto de noite. De noite vou dormir ou com um copo de suco ou um copo de café, às vezes tomo água e vou deitar. Não como biscoito, não como pão, não como nada a noite. (Daniel, comerciante da Feira, 23 anos).

Na pesquisa de Roos, Prättälä e Koski (2001) os engenheiros expressaram dedicar mais atenção ao peso e demonstraram tentativas de controlar o consumo alimentar, sobretudo com dietas e alterações destas. Um deles chegou a relatar que se preocupava com a saúde e inclusive ressaltou não comer muito como medida para controle do peso.

Mas a Feira segue visualizada como espaço de abundância: “oito ‘conto’! Arroz, feijão. É para botar só carne e arroz, a pimenta e a farinha! O ‘cabra’ é assim mesmo, o ‘cabra’ é macho! Bota pimenta no copo”, enfatiza um senhor na Feira.

Nessa heterogenia do comer, a abundância é motivo de orgulho para Cláudio (carregador de pesos, 32 anos) e de distinção perante os outros homens da Feira que faziam inclusive analogia do comer dele com o comer de um monstro, além de metaforicamente relatarem que ele “come em uma bacia”, numa busca dimensional para o volume que possui forma de uma montanha no prato. Esse comportamento se aproxima do que é socialmente esperado de um homem. Cláudio é um exemplo do trabalhador braçal para qual o comer parece representar seu esforço físico. Na Feira ele estabelece uma relação simbiótica, de mútua precisão. Cláudio carrega diversos pesos para os donos dos restaurantes e ao invés de optar por dinheiro, como forma de pagamento, ele seleciona a comida, pois acredita precisar mais do alimento do que do dinheiro. Isso permite que este interlocutor coma em diversos restaurantes da Feira, em diferentes horários, várias vezes ao longo do dia e em grandes quantidades.

Cláudio em momento algum titubeia sobre a fama e explica que “meu apetite é outro, cada um no mundo tem seu apetite. (...) Porque desde pequeno sempre comi assim”. A explicação de algo por ser inerente ao ser, impermeabilizando na fala é uma das formas de justificar o apetite, pois o atribui à “imutabilidade” do sujeito. Há, porém, uma aproximação dos significados de comer de Cláudio com o comer analisado por Santos (2006) de um dos seus entrevistados. A autora visualiza uma relação construída no contexto que passa da fome para a abundância. Essa similitude se revela em trechos da história de vida de Cláudio, de dificuldades financeiras na infância pela ausência de uma figura paterna provedora de

alimento. A necessidade do trabalho como finalidade de alimentar-se, ele vê na Feira a possibilidade de se alimentar o quanto for preciso:

Quando eu batia laje na rua, era às 5 horas. Acordava 4 horas, botava tudo no lugar, passava a noite trabalhando quando chegasse na hora que a laje acabou, eu ficava só de cá, carregava as massas, mas, às vezes, eu não ia nem pelo dinheiro ia mais pelo alimento: feijoada com farinha. (Claudio, carregador de pesos, 32 anos).

Para alguns interlocutores o apetite voraz se aproxima mais de um desejo de comer do que de fome. Gilberto faz uma comparação entre a comida servida no trabalho e a comida da Feira: “lá o feijão é simples (...) carne de sertão e calabresa, só. Fortalece. Enche a barriga só. Porque aqui feijão é tudo, mocotó, não sei o que... Aqui (na Feira) não! Vou pegar esse feijão agora, só vou comer umas 3:00 hora ou 4:00 hora, ou de noite”. O ter “tudo” parece ser o que confere saciedade. Mas não se trata só de força, pois ambos fortalecem, mas também de saciedade. O potencial do alimento que sacia é dado pelo tempo entre o ingerir e a nova sensação de fome. A “permanência” no estômago é uma das características do alimento forte. Deste modo, alimentos que não proporcionam saciedade: *fast food*, comida japonesa, salada, arroz e macarrão, permitem que a fome se reestabeleça “uma hora depois”. Por esse motivo não serviram como para alimentar plenamente estes homens. Apesar disso, elas são aceitas como complementares nas refeições, com exceção do *fast food*. Jensen e Holm (1999) também observaram em seu estudo de revisão, que as saladas para os homens são elementos que fazem parte de uma refeição principal.

Há uma ausência diante dos discursos masculinos da presença do lanche. José que analisa “até porque é uma coisa de “macheza” do homem, comer, traçar uma feijoada, um sarapatel, um mocotó, não sei”. Porém, nota-se que ao se referirem ao comer, que o “tira-gosto” não aparece intensamente na fala dos interlocutores. Edgar é enfático:

Eu não sou de merenda. A cultura do interior também que a condição é difícil, não tem dinheiro pra merenda, então eu sou de comer naquele exemplo: de manhã, meio-dia, de noite. (...) Eu não tinha cultura disso (hambúrguer, temaki) no interior eu não tinha condições financeiras pra isso, então graças a Deus eu não... (Edgar, microempresário, 38 anos)

Edgar afirma saber que a nutricionista recomenda comer no intervalo de três horas. Porém, ele carrega sobre si a cultura da infância e recorda que a merenda era constituída por

bolacha e suco em pó, algo fora do cotidiano alimentar atual dele. A alimentação de Edgar consiste muito mais nas três refeições corroborando com as discussões de Santos (2008). A autora elucida que apesar das mudanças alimentares, o padrão soteropolitano ainda se sustenta sobre as bases em três refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar).

Edgar ainda estabelece uma noção de que *fast-food* não é comida, é merenda. E o ato de lanche parece estar mais alocado na esfera do infantil, quando ele explica que essas comidas são apreciadas pelo filho. Edgar conta que, por vezes come *fast food*, quando está passeando com o filho.

Quanto aos aforismos do comer feminino, para Gilberto (segurança, 38 anos) não há tantas diferenças entre o comer de homem e mulher, “nada a ver. Se você gostar de comer feijão, você come normal. Deve ser comer pouco né? Você come feijão? Então! O homem já come mais né?”. Ele arrisca que a diferença entre o homem e a mulher está na quantidade e não necessariamente no gosto. Porém, há outras perspectivas sobre o comer feminino, o qual foi possível observar quando uma jovem solicitou ao responsável pelo box “algo leve” e imediatamente um homem na mesma faixa etária ironizou: “um prato de algodão para ela”. Além disso, era comum observar mulheres transferindo a comida do prato delas para o prato dos homens. Essa atribuição de leveza ao comer feminino foi compartilhada também na pesquisa de Roos, Prättälä e Koski (2001), na qual os entrevistados, também sinalizaram que como sendo comum que as mulheres preparem comidas mais leves para elas, se comparada a dos homens.

Daniel elabora uma descrição sobre o que observa do comer masculino diante do feminino no âmbito da Feira:

Geralmente mulher gosta mais de comida mais *light*, sem caldo, com a manteiga. Margarina tem muito colesterol, a mulher já acha que o caldo é que tem colesterol, qualquer tipo de caldo tem colesterol. A margarina tem muito mais. Só se fosse a manteiga original. Mulher gosta de comer frango, comer ovo frito, não gosta muito de café, prefere um suco, prefere um refrigerantezinho. A diferença aí é que a mulher é mais delicada pra comer. É mais educada. Tem uma boca mais bonita... (O homem come) Parecendo um bicho, animal. As mulheres normalmente gostam de mastigar, os homens já gostam de engolir. Mulher mastiga bem, come devagar, tem paciência, sem pressa. O homem não! Vai engolindo a comida de uma forma parecendo que ela vai fugir daquele prato. (Daniel, comerciante da Feira, 23 anos).

Daniel utiliza sua experiência de trabalho na Feira para tecer observações e nessa descrição há um momento de comparação do comer dele e do comer de algumas mulheres que frequentam a feira. Daniel acredita que estas mulheres conseguem superar o comer dele, desfazendo as construções do que se entende, ou mesmo se espera do ser feminino. Porém, ele também analisa o comer feminino a partir de outra base comparativa, neste caso os homens que comem na Feira, e afirma que estas comem em menor quantidade, além disso, ele descreve a gestualidade do comer feminino que é delicado, recatado e mulher mastiga os alimentos antes de engolir, enquanto que o comer masculino é animalesco, não mastiga, engole.

Daniel leva o comer masculino ao patamar da animalidade a partir do comer voraz e do comer muito ao descrever que “parecem uns bichos comendo”, enquanto que as mulheres são, para ele, providas de educação e civilidade. Essa descrição se assemelha a figura do gladiador descrita por Santos (2008) “poderia ser tipificado como um homem de classe popular, particularmente um trabalhador braçal, destes que ‘se lambuzam todo’”. A autora detalha:

O gladiador, que come de tudo rápido sem mastigar, nos remete a pensar sobre uma longa história pouco contada sobre a regulação do apetite. Uma história que passaria pelo apetite robusto característico dos heróis dos romances de cavalaria ainda na Idade Média, vivendo em um mundo atormentado não pela fome, mas pelo medo da fome e esse medo convida a comer com sofreguidão quando há o que comer. Segue para a construção do herói cortês que mostra uma atitude de moderação, quase de distanciamento; uma certa temperança, um controle que seria limitado interpretar simplesmente como uma adesão a uma moral religiosa. (...) Porém o apetite voraz não pode ser associado apenas a esta condição da memória da fome. Ela também faz parte da identidade masculina em todas as camadas sociais. (p. 218-220).

A “incivilidade” masculina permite, inclusive, que os homens apreciem a comida lambendo a faca ou até peguem a comida com a mão. As regras do comer e o comportamento à mesa na Feira tomam outro sentido, e não só isso, na Feira espera-se do homem a vivacidade do comer voraz e do comer muito.

5.6 AS CONSTRUÇÕES DA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PELOS HOMENS DA FEIRA

As construções em torno da alimentação saudável não são simples e tem influências em graus diferentes das compreensões individuais, dos diálogos estabelecidos nas esferas sociais aos quais os sujeitos transitam e se alocam, bem como dos fatores culturais. Todavia as construções ainda apresentam correlações com o que os sujeitos compreendem sobre o corpo, a saúde e as questões de gênero. Elas apresentam bases que se aproximam do que é colocado por Sellaeg e Chapman (2008), para os quais a seleção dos alimentos que se come pode refletir os ideais, valores e prioridades, agregadas, porém, às experiências vivenciadas que também implicam em adaptações nas escolhas pessoais dos sujeitos.

Luciano (segurança, 38 anos), Edgar (microempresário, 38 anos) e Daniel (comerciante da Feira, 23 anos) afirmam modificar a alimentação do cotidiano tentando incluir alimentos mais saudáveis, diante de seus ideais corporais e de saúde. Eles demonstram diferentes níveis de conhecimento científico e buscam estabelecer suas escolhas alimentares agregando este saber. Entretanto, em certas instâncias, isso não parece se configurar de modo tão coeso para esses homens. Edgar comenta que o preconizado pela nutricionista seria: “tem que comer de três em três horas, regularmente e comer coisas saudáveis (...) tudo isso eu sei, mas não faço”. Sobre o saudável, ainda sob o discurso da figura da nutricionista, Edgar fala sobre a regulação dos horários, o que deve e o que não deve comer:

Seria, por exemplo, de noite ela disse: “não coma carboidrato à noite. Coma um frango, coma uma carne grelhada com salada. É melhor do que você comer um pão, dois, três pães, porque é carboidrato você não vai perder, carboidrato acumula, já ali é proteína”. E merenda pode ser um cachorro quente, pode ser um pão com queijo, pode ser uma vitamina, não tem assim uma regra não, mas sempre tem alguma coisa que dá uma forrada e aí a gente considera como merenda. (Edgar, microempresário, 38 anos).

As “recomendações” estão claras para ele, porém isso não é seguido “às cegas”, como ele mesmo coloca e justifica o fato também pela sua referência de comer na infância baseada em três refeições diárias. No entanto Edgar entende, assim como José (jornalista, 58 anos), que o maior cuidado com a saúde está relacionado ao maior nível de informação dos sujeitos. Eles declaram a necessidade de haver campanhas governamentais que abordem a saúde do homem no que tange o comer tendo como público alvo as camadas populares. Santos (2008,

p. 67), porém, acredita “que grande parte da sociedade possui acesso de alguma forma às novas recomendações destinadas a uma vida saudável, sem necessariamente colocá-las em prática”. Com elementos semelhantes, Roos, Prätälä e Koski (2001) também revelaram, em seu estudo, o consumo de alimentos considerados “não saudáveis” pelos entrevistados de maior nível educacional. Neste estudo, um engenheiro afirmou gostar de consumir *fast food*, mas não atribui a este ato a ausência de educação para a saúde.

Edgar, porém, tenta manter uma dieta, abrindo mão de determinados alimentos e mediando o comer na Feira. Todavia, essa concessão não inclui a cerveja:

Eles (os amigos) falam assim: “você é engraçado! Faz dieta e bebe”. É o que falam: “e o que adianta?”. Eu digo: “pelo menos estou fazendo alguma coisa. E tem gente que não faz dieta e bebe, pior ainda”. Eu assim, por exemplo, como temperado (refere-se ao feijão) dia de semana e bebo. (Edgar, microempresário, 38 anos).

Paralelamente às mudanças no campo alimentar para manter-se saudável, Edgar preserva a cerveja. A ambiguidade da ação pelo olhar dos amigos dele se concretiza pelo pensamento contemporâneo de polarizar os alimentos em “bons” e “maus” (LAPLANTINE, 1991), que implica na condenação da permanência de alimentos considerados “não saudáveis” e as bebidas alcoólicas sediam este espaço. As intercessões no intuito de manter uma alimentação saudável são mais organizadas e “permitidas” aos fins de semana, pois os homens se recobrem de uma necessidade de socializar, curtir o *happy hour* com os amigos, beber para relaxar, reduzir o *stress* do cotidiano de trabalho e da sobrecarga das responsabilidades. Os elementos são rearranjados na perspectiva de manter-se saudável e proporcionar um bem-estar, mesmo estando passível de ser visualizado como dúbio.

No que tange o saudável sobre o comer, há paridades no consumo de feijão e verduras entre os interlocutores. Ocorre que o conceito de saudável para eles incluem não somente a segregação do consumo exclusivo que é somente saudável para as ciências da nutrição, com uma seleção de alimentos e formas de preparo excludentes. Para um homem que comia na Feira “a carne de carneiro todo mundo pode comer: criança, idoso... Carne de porco é a mais saborosa, mas é a que tem mais impureza”. Enquanto que para Ubiratã (autônomo, 43 anos) “a melhor comida hoje é o bode e o carneiro que é carne branca, os outros falam do porco”. Sob outra perspectiva, Ubiratã insere o saudável no preparo de uma comida que não necessariamente está sob a ótica das ciências nutricionais do que é saudável:

Aí eu boto músculo, que pra mim carne tem que ser músculo que é uma carne muito saudável, boto bacon, boto um ossinho de porco, boto uma calabresa. Boto tudo isso aí, tipo um cozido, aí vem abóbora, vem tomate, cenoura, beterraba, quiabo, a gente faz um tipo “sobe desce²”. (Ubiratã, autônomo, 43 anos).

Para Ubiratã essa comida é saudável. Assim, este conceito parece ser relativo, também quantitativo e precisa estar inserido em um contexto. Gilberto (segurança, 38 anos), neste caso, analisa o comer cotidianamente, a dosagem que possibilita a passagem do saudável para o não saudável: “é saudável (o feijão que está comendo na Feira). Só não pode comer direto. Comer normal. Tem vez que não pode comer que é muito ‘pesada’”. Roos, Prättälä e Koski (2001), em entrevistas com engenheiros e carpinteiros, constataram que galinha, peixe e carne foram citados como partes de uma dieta saudável, porém, alguns entrevistados do estudo desses autores estabeleceram que a carne bovina pode ser saudável dentro de critérios: se for consumida em pequena quantidade, não estiver frita ou não ser gordurosa. Os entrevistados desses autores também enfatizam a importância de vegetais para uma alimentação saudável, sendo que o maior consumo destes alimentos foi relado pelos engenheiros.

As falas dos carpinteiros do estudo de Roos, Prättälä e Koski (2001), também fazem correspondência a dos interlocutores da Feira, por ambos compreenderem que o consumo somente salada durante uma semana deixa o corpo fraco. Edgar (microempresário, 38 anos) ressalta que “a dieta no início, ela é árdua por isso, porque você sente fraco e as atividades suas continuam as mesmas”. Luciano (servidor público, 42 anos) compartilha a mesma sensação ao ter experimentado comer só salada e grelhado durante uma semana. Nota-se que a leveza pode evocar o saudável: frango grelhado e salada, os quais que parecem ser mais saudáveis no âmbito científico, do que propriamente para o cotidiano desses homens, se colocadas isoladamente como uma refeição. João (cobrador de ônibus, 42 anos), porém, parece não fazer tantas acepções sobre a comida: “Saudável? Saudável é minha saúde. Alimentação? Eu falo minha saúde logo! Sem minha saúde eu estou frito. Alimentação qualquer uma pra mim é saudável, qualquer uma é saudável porque eu como tudo, não tenho esse negócio não”. A preocupação dele está muito mais voltada às questões que envolvem o preparo. Ele prefere comer a comida elaborada diariamente pela esposa, que condiciona em

² “Sobe e desce” é uma comida feita com vegetais e carnes cozidas juntas.

recipientes para João comer no trabalho. Na inviabilidade de comer nas conjunturas de um espaço próprio para isso, ele aquece a comida no motor do ônibus. Esse cenário é mais saudável para João do que comer na rua ou em um local que ele não sabe como a comida foi preparada.

Luciano elucidava que a preocupação excessiva com a alimentação saudável é algo que está sendo comum entre os homens por uma questão de saúde:

Alimentação não porque já vem tem uma questão de necessidade (...). Eu tenho um relacionamento já um certo tempo e você perde a autoestima em algumas circunstâncias. Eu tinha há dez anos uma cara em forma, depois de doze você vê uma barriguinha formar... Então o excesso de preocupação com alimentação não chega a ser uma questão de metrosexual, daquele homem vaidoso. Não mais! É questão de saúde. O metrosexual é aquele cara homem que quer ser mais vaidoso do que a mulher, o homem que anda em salão mais do que a mulher, ele quer tá mais bonito do que a mulher sempre. Acho que aí já começa a virar uma coisa mais... Que aí já começa a ser um suspeito. (Luciano, servidor público, 42 anos).

Para ele a vaidade tem medida, porém é permitido ao homem cuidar da saúde e manter uma alimentação saudável, pois não burla a masculinidade, ao contrário, isso é algo que eleva a masculinidade por estar relacionado ao corpo, ao sentir-se bem e à autoestima.

As breves descrições sobre as construções da saúde pelos homens da Feira revelam, de certo modo, nuances das relações travadas com os saberes científicos e empíricos. Estas relações parecem se estabelecer e apresentarem mais força quando possuem conexão com as experiências de vida dos homens. As construções fogem da simplicidade, e ao mesmo tempo em que são compartilhadas, são também peculiares.

5.6.1 As dimensões da gordura do corpo e da comida

Os significados da gordura para os homens entrevistados não são menos complexos. No entanto, parece haver um consenso de que a gordura ingerida precisa ser consumida pelo corpo e não acumulada. Cláudio (carregador de pesos, 32 anos) explica sua compreensão sobre esse processo: “só queima gordura porque eu carrego muito peso, aí vai suando, a gordura vai embora”. Além disso, para ele o corpo “já está acostumado” a comer com gordura, pois dialoga com o que é experienciado por ele: comer a comida da Feira diariamente e não engordar. Outro trabalhador da Feira justifica de modo semelhante o seu

excesso de peso: “eu não queimo gordura porque eu trabalho parado”. O trabalho deste homem é de cortar vísceras, deixando-as prontas para o preparo do sarapatel. Trata-se de um exercício laboral que demanda menor força física se comparado ao trabalho de Cláudio. São corpos usados para o trabalho na Feira, mas que são submetidos a diferentes atividades cotidianas: o corpo instrumental que carrega fardos pode opor-se, no que concerne a dimensão corporal, ao corpo de quem executa o trabalho sentado ou serve aos clientes e que não utiliza demasiada força física.

Essa construção simbólica do corpo que “queima” a gordura evidencia uma perpetuação da metáfora do corpo-máquina desenvolvida no século XIX, tendo no bojo as influências da Revolução Industrial, os estudos de Lavoisier da segunda metade do século XVIII sobre o oxigênio na combustão e os estudos de Lieberg, em 1840 sobre os mecanismos internos do corpo, polarizando os alimentos em “plásticos”, que influem na renovação e “respiratórios”, que preservam o fogo orgânico (VIGARELLO, 2012). Seguindo essa lógica “termodinâmica”, a transpiração para Cláudio é uma forma de evidenciar que o corpo está queimando o combustível, neste caso a gordura, e por isso elimina calor, faz suar.

Nessa relação analógica do corpo à máquina térmica, os interlocutores, em especial Luciano e Edgar, entendem a presença da gordura no corpo como uma “insuficiência da combustão orgânica”, usando os termos de Vigarello (2012, p. 193), a qual parece se intensificar com o avançar da idade, proporcionando corpos de dimensões mais roliças e abdomens mais voluptuosos. Referência esta, que nos faz pensar que se a potência, a força e a eficácia da “máquina” possuem correspondências com a qualidade da combustão, então as ampliações das “deficiências na combustão” não só propiciam o acúmulo de combustível, mas implicam inclusive na redução da potência, da força e da eficácia.

Pensando nessa relação sobre o processo de envelhecimento o corpo já não é mais tão eficaz quando antes, há acúmulo de gordura e essa concentração indesejada acarreta certa invulnerabilidade aos corpos masculinos no que tange ao vigor e resistência física, o que para os homens passa a ser perceptível na execução de ações cotidianas. Assim, “o corpo, que vira máquina de queimar, sugere outra fonte para a adiposidade, como a gordura sendo substância ‘não queimada’” (VIGARELLO, 2012, p. 220). O que permite, por fim, transformar a visão da obesidade e das terapias, até apresentar novas lógicas do emagrecimento como inevitáveis no mundo contemporâneo.

Destarte, Daniel (comerciante da Feira, 23 anos), Edgar (microempresário, 38 anos), Luciano (servidor público, 42 anos) revelam uma necessidade de se libertar dos pesos que a gordura exerce sobre seus corpos. O uso de “peso” no plural expressa o conceito da física, bem como explicita a moral, agregando conotações estéticas. Inclui ainda a pressão exercida no bojo da saúde sobre as consequências dessa gordura no corpo. Mediante a necessidade de escapar destes fardos e de evitar novos acúmulos indesejáveis de gordura, mais precisamente no abdômen, os homens forjam, sob a égide do corpo como máquina, mediações com o controle do que se come e as escolhas dos alimentos a comer “abolindo” a gordura: “pede uma carne sem gordura. Eu vou lá e compro, faço arroz, feijão... Você só pede a carne só pura mesmo, ele vai tirar a gordura lá e vai lhe dar só a carne mesmo. Eu já peço com gordura por causa do costume”, como elucida Cláudio (carregador de pesos, 32 anos).

Cláudio trata da gordura que é visível, que faz fronteira com a carne, no sentido de que a gordura não está inserida na carne, pois “não pertence” a ela. Por mostrar-se, a gordura permite que a visão assuma um papel importante para discernir e deixar o alimento em seu estado “puro”, livre de gordura. A dissociação da carne da gordura deixará a carne ser essencialmente carne. De certo modo, pode-se utilizar a percepção de Cláudio sobre o alimento, transpondo-a para a dimensão corporal aludindo aos corpos “saudáveis” referidos pelos interlocutores. São corpos compostos de carne “pura”, sem gordura – elemento que não pertence à carne – visível.

Isto revela uma relação que Cláudio possui com o alimento que está inserido no campo do perceptível, da sua compreensão do que é gordura e de onde ela está alocada. Supõe-se que essa relação pode ter isso estabelecida mediante a vivência e a observação de Cláudio da carne *in natura* na Feira, de como os clientes e os açougueiros exprimem os desejos e o entendimento do que é uma carne sem gordura. Daniel, no entanto, apresenta outras mediações com o comer:

Feijoada, mas é bem pouco, como pouquíssimo. Cuidar do corpo na alimentação, pouca, pra não estar engordando muito, se não estava uma baleia. (...) Não como nada de gordura, não como caldo, como as carnes mais magras que tem, evito refrigerante o máximo, só tomo um copo desse aí." Apesar de eu não gostar muito de carne, como um, dois no máximo. Só como muita carne quando é da feijoada, eu só como dois tipos de carne na feijoada: carne de sertão e o mocotó. Calabresa às vezes eu como, mas não sou muito chegado (...). Comer engorda. (Daniel, comerciante, 23 anos).

Ele busca estratégias dentro dessa esfera alimentar para manter o corpo, porém perpetua-se o ato de retirar a gordura do comer. Parece que da mesma forma que a gordura não deve fazer parte da comida ela também não deve ser parte do corpo, pois a tentativa de exclusão da gordura do comer é, contudo, uma forma de explicitar que ela não é desejada no corpo. O que não se deseja não se consome e não se internaliza, devendo permanecer alheio ao corpo.

Todavia, no discurso de Daniel há uma necessidade de eliminação da gordura corporal, muito estabelecida pelo diâmetro abdominal. Se os contornos corporais, para estes homens, podem ser fruto de uma mediação entre o que consomem e o que gastam, a segunda esfera de modificação dessa silhueta é através do aumento do gasto pelo dispêndio físico, propiciando inclusive o uso da energia acumulada no corpo.

Porém, partindo da reflexão de Daniel, a comida da Feira apresenta relações diretas com os corpos dos homens: “a cada dia que ele chega, acho ele mais gordo. Depende do cara também. Tem gente que some daqui, quando chega, chega um palito, magro. Parecia que o lugar que estava não tinha comida. Quando começa comer de novo, engorda”. Observa-se que a comida da Feira não está imbricada em uma única condição corporal, pois não é determinante, “depende do cara”.

Há, no entanto, corpos como o de João (cobrador de ônibus, 42 anos), que mesmo não praticando atividade física ou exercendo função que demanda muita força física, permanecem magros mesmo se alimentando por vezes de comidas “pesadas”. Sob uma lógica relacional, o uso instrumental dos corpos pode propiciar a saúde por implicitamente eliminar a gordura. Tendo em vista que, por vezes, o corpo gordo é consideravelmente percebido como o corpo que segue estático, assim, os demais homens que desenvolvem trabalhos de menor esforço, os interlocutores consideram a necessidade da prática de atividades físicas para conseguir “manter o corpo”.

Estas compreensões remetem às compreensões de Boltanski sobre os gostos alimentares das classes populares francesas (2004, p. 158):

Os gostos alimentares dos membros das classes superiores que buscam alimentos “saudáveis” e “leves”, legumes verdes, carnes grelhadas ou saladas os alimentos “de regime” que nutrem “sem engordar”, são motivados em grande parte pela vontade de “manter-se em forma”, evitar a “gordura” (...), de permanecer magro ou emagrecer.

Mesmo diante de outro contexto de estudo, os dados de Boltanski (2004) servem para refletir como as lógicas do corpo ser gordura nas classes mais abastadas e como isso permeia também nas camadas populares, passando por ressignificações e adequações. A atenção dada à aparência, as relações estabelecidas com o comer e a comida leve, saudável e sem gordura, fazem parte do cotidiano dos homens entrevistados, sendo que o corpo permanece imbricado à lógica da força física que adentra, inclusive, na aparência.

5.6.2 As concepções da comida *light*

Na esfera masculina da alimentação saudável mesclada à preocupação com as dimensões corporais e com a saúde, emerge a simbologia do comer *light*. Esse fenômeno, porém, não corresponde ao comer *light* do alimento industrializado, que são alimentos que em geral não agradam o paladar dos interlocutores, por serem “sem graça, igual à comida de hospital”, como refere João (cobrador de ônibus, 42 anos), ou mesmo por entenderem que são alimentos feitos com “química” e por isso possuem um caráter dúbio: em um ângulo se ganha comendo-os, em outro, se perde pela “química”, de acordo com Edgar (microempresário, 38 anos). Alguns interlocutores, porém, cogitam a possibilidade futura de aderirem a esse tipo de alimento quase que condicionados aos receios da ocorrência de patologias.

Todavia é interessante observar que o *light* penetra no discurso e no comer dos homens com outro significado, não estando associado ao processamento industrial. Há, no entanto, uma apropriação dos valores simbólicos associados ao *light*, a exemplo da leveza e da redução de gordura. Esse *light* masculino pode ser entendido como uma versão menos “pesada” da comida ou um atributo de um alimento que não possui muita gordura. No artigo de Roos, Prättälä e Koski (2001) um dos carpinteiros entrevistados, porém, relatou que a mídia determina um comportamento que pode ser considerado como lipofóbico e inclui consumo exacerbado de hortaliças, porém ele admite a necessidade de precisar da gordura, defendendo uma particularização das necessidades nutricionais.

É possível, dentro desse contexto simbólico, para Ubiratã (autônomo, 43 anos), se referir ao aipim como *light*. O mesmo ocorre com o feijão para Luciano (servidor público, 42 anos), que o descreve:

O feijão *light* seria o que? Seria aquele feijão que você evita estar colocando esse excesso de carne defumada, de bacon, de mocotó. O feijãozinho simples, talvez o feijãozinho com um pouquinho dessas carnes, botar o mínimo possível. Esse feijão que o pouquinho que eu como de feijão durante a semana é assim, feijãozinho bem *light*, sem exagero. (Luciano, servidor público, 42 anos).

O processo de *lightização* do comer masculino paira sobre a comida preparada com mais sutileza de presença dos alimentos, que em excesso torna-a “pesada”. O feijão *light* abre uma frente de possibilidades e de ressignificação do comer, prezando pelo que poderíamos chamar de redução de danos, num jogo particular de negociações para manutenção do hábito sem que haja total exclusão de tudo o que pode proporcionar “excessozinho de peso e o colesterol elevado”. Santos (2008) também observou a lógica da feijoada *light* no discurso de seus entrevistados. Para ela, preparações com versões *light* são consequências da interferência do “fenômeno da *lightização*” no sistema culinário.

5.6.3 Os espaços sociais da dieta

Não comerei da alface a verde pétala
 Nem da cenoura as hóstias desbotadas
 (...) E a quem maior aprouver fazer dieta
 (...)
 Não nasci ruminante como os bois
 Nem como os coelhos, roedor; nasci
 Omnívoro: deem-me feijão com arroz
 E um bife, e um queijo forte, e parati
 E eu morrerei feliz, do coração
 De ter vivido sem comer em vão
 (Vinícius de Moraes)

Os versos do soneto de Vinícius de Moraes escrito em 1962 ainda pairam sobre um presente geracional e um espaço social. Edgar (microempresário, 38 anos), pode ser citado como exemplo de certos distanciamentos entre gerações no que condiz a alimentação. Ele mora em uma metrópole, porém os pais ainda residem no interior do estado da Bahia, a partir

desses dois pontos Edgar analisa as diferenças, principalmente da idade, que incidem sobre fazer dieta:

Ele (o pai) realmente tem essa coisa de dizer: “ah! Essa comidinha *light* é coisa de ‘viado’, de bicha, eu não aguento isso não! Vou trabalhar o dia todo comer essa comida...”. Ele associa a quem não faz nada, não só à mulher, mas a quem não faz nada, quem tem vidinha de filhinho de papai, mas para gente do dia a dia, mas para ele se for falar (de dieta): não vou querer isso não! “Vixe! Você é ‘viado’! É daqui a pouco está caindo na rua, passando mal na rua”. O pessoal do interior fala muito esse negócio. Aqui (Salvador) é mais fácil (comer frango grelhado)... Se bem que as pessoas estão com a mente mais aberta (...) meus pais e meus tipos que tão mais fechado e vive outro momento (...) Os amigos (...) não dizem que é comida de boiola, não associam. Diz que está certo, que tem que se cuidar mesmo, que está tendo várias doenças do sangue que está matando e aí eu não tenho essa vergonha. E as pessoas não criticam. Aqui (em Salvador) não! (Edgar, microempresário, 38 anos).

As comparações entre gerações expõem contrastes nas formas de compreensão das condutas referente ao comer. Assim, no contexto no qual o pai de Edgar vive, a dieta é mais excluída do ideal masculino, do macho que trabalha e o alimento associado à dieta se aproxima do corpo fraco, não servindo para sustentar o corpo do homem que deve ser forte, e disposto a suportar o trabalho. A comida para esse corpo deve ser diferente do que alimenta o corpo feminino, o de quem não trabalha e do corpo não masculino.

Há também uma distinção do espaço social para a realização da dieta. O cotidiano nas zonas urbanas das cidades de maior porte pode proporcionar uma variedade cultural, bem como as mobilidades sociais podem ser mais intensas nesses espaços. E o contexto do tipo de cidade é apresentada por Edgar como o espaço mais permissível à dieta, ao cuidado com o corpo, divergindo das cidades interioranas e da zona rural, em que os valores tradicionais masculinos, em geral, são mais enraizados não cabendo ao homem fazer dieta.

Edgar, porém, media sua alimentação entre a “verde pétala” – fazendo analogia às saladas – e o prazer de comer feijão, pois ao contrário do que diz o poema de Vinícius de Moraes, Edgar não seria feliz em morrer do coração. E o medo de ser acometido por doenças cardiovasculares o faz perceber na dieta a possibilidade e necessidade de cuidado de si. Todavia, ele revela como o corpo dele reage a essa alimentação “saudável” no cotidiano:

A dieta no início é árdua porque você se sente fraco e as suas atividades continuam as mesmas. Você não está em casa de repouso, você está

dirigindo, você está jogando bola, você está se desgastando, está no trânsito e a atividade aumenta. Então o corpo sente mesmo! Tem que ter um cuidado muito grande com isso porque no dia a dia o que desanima é essa fraqueza, a gente já tem tantos problemas e está brigando com si próprio, que é fraqueza, é tremura, é e ansiedade de querer comer e não poder. Então a gente fica numa guerra da porra contra a gente mesmo. (Edgar, microempresário, 38 anos).

É evidente a ênfase que Edgar dá à sensação de fraqueza do corpo submetido à dieta. A percepção do corpo fraco é também compartilhada por Luciano (servidor público, 42 anos) que agrega a experiência do regime só de “salada e grelhado”, a sensação de influência negativa no sexo, além de relatar que “baixa a resistência imunológica de imediato” e permitindo, conseqüentemente, que ele ficasse gripado no período em que estava de dieta. Os significados de “leve” e “fraco” atribuídos à dieta são transpassados ao corpo: comida mais leve implica num corpo fraco e todas as outras múltiplas possibilidades de “fraqueza”. Ubiratã (autônomo, 43 anos), no entanto, experienciou com o regime os outros significados que um corpo magro pode imprimir nas camadas populares. Isso porque, ao invés das pessoas associarem a perda de peso dele com a busca de um corpo saudável, o emagrecimento implicou na suspeita de que Ubiratã estaria com AIDS. Ele ironiza a situação e diz ter questionado as mulheres: “vocês me querem como?”. Por fim, Ubiratã voltou a comer sem regimes. Isso reflete também na ideia dos protótipos de corpos masculinos que são aceitos enquanto que outros podem ser rejeitados, por não se inserirem nos contextos estéticos vigentes nas camadas populares.

Parece que os discursos da alimentação saudável contemporâneos estão sendo mais aceitos pelos homens, mesmo havendo contextos de resistência. Assim, os contextos de compartilhamento dessas lógicas de saúde aparentam serem fundamentais para propiciarem reformulações inclusive dos significados do saudável na esfera masculina para que a incorporação não implique na perda de elementos da masculinidade.

5.7 OS LIMITES DAS MASCULINIDADES: OS CUIDADOS COM O CORPO

As identidades masculinas que estão sendo construídas na contemporaneidade permitem que os homens repensem suas formas de lidar com o cuidado do corpo, se inserindo inclusive na perspectiva do saudável, não isentando, porém, outros âmbitos, em especial o

estético. Newcombe et al. (2012) colocam que, em geral, a preocupação com a saúde é atribuída ao feminino enquanto que os homens tendem a ser vistos socialmente como resistentes à doença e fortes. Sobre as lógicas de cuidado dos homens com a saúde, Gomes et al. (2014) consideram que há um certo compartilhamento no campo de produções científicas sobre a saúde do homem, no qual estes ainda são vistos como sujeitos que dificilmente acessam o setor saúde. Os autores pontuam que essas produções colocam a influência da masculinidade hegemônica como propiciadora de atitudes consideradas de risco à saúde e como sendo um fator preponderante no desenvolvimento de doenças.

Carrara, Russo e Faro (2009) apontam que em 2008, no Brasil, seguindo a linha das políticas específicas, foi lançada a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH). Esta, porém, forjada sobre as bases da Sociedade Brasileira de Urologia, não conseguiu discutir a saúde do homem de modo holístico e isentou-se de discussões aprofundadas. Na retórica da PNAISH, recaí sobre os homens a responsabilidade tanto pelo estereótipo masculino de invulnerabilidade e estilo de vida considerado de risco, quanto pela sua ausência no setor de atenção básica e busca por serviços médicos. De acordo com Carrara, Russo e Faro (2009), os homens ainda são taxados como perigosos no âmbito da saúde individual e coletiva, principalmente na área que envolve a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, alcoolismo e violência. Estes autores fazem uma crítica extensiva e densa sobre a PNAISH, devido ao seu caráter de medicalização do corpo masculino, de um corpo que passa a ser visto como vulnerável e, conseqüentemente, passível de ser objeto da medicalização, através de intervenções do Estado que tenta saná-lo. Analisam ainda a incoerência do discurso em torno de uma campanha lançada que teria como tema o “esclarecimento da saúde do homem”, mas que, no entanto, focou-se na disfunção erétil. A atenção dada à impotência sexual reduz a saúde masculina ao funcionamento do pênis, e isso é percebido como a principal entrada do homem no setor saúde:

Um dos grandes obstáculos à promoção da saúde dos homens, conforme repetido inúmeras vezes ao longo do processo de construção da nova política, é justamente a centralidade da ideia de invulnerabilidade, ou seja, da ideia de potência, na construção da masculinidade hegemônica. Por essa razão, os homens seriam, como declara o presidente da Associação Médica de Brasília no lançamento da campanha, “relapsos” com sua saúde, procurando menos frequentemente os médicos que as mulheres. Mas, ao centrar a felicidade dos homens na potência sexual, vista como capacidade de obter uma ereção, a campanha acaba reforçando a centralidade dos valores que supostamente pretende combater. Paradoxalmente, ao prometer devolver-lhes a potência perdida, os urologistas não deixam de procurar atrair os homens aos cuidados de saúde justamente a partir da configuração de valores que os afastaria de tais cuidados e que, como é o caso da virilidade, compõem os fundamentos mesmos da masculinidade hegemônica. (p. 665-6)

(...) O documento, de algum modo, afirma o caráter “insalubre” de certa masculinidade, sendo os homens apresentados como vítimas de sua própria masculinidade, ou seja, das crenças e valores que constituiriam as “barreiras socioculturais” que se antepõem à medicalização (p. 672).

A culpabilização do homem por aspectos da sua cultura masculina hegemônica, bem como a naturalização das distinções de gênero, isenta outras análises que deveriam ser realizadas sobre a saúde do homem. Como consequência há o destaque à disfunção erétil como um problema de saúde, além do foco nas questões reprodutivas masculinas. A PNAISH coloca no homem uma insígnia do corpo frágil e passível de ser medicado.

Sarah Moore (2010) em seu artigo sobre o atual modelo de saúde governamental e cultural, a partir de um posicionamento feminista traz contribuições para pensar também em como esse modelo se aplica sobre os homens. Para ela o “corpo saudável” era atribuído ao masculino, porém atualmente esse corpo não mais pertence ao masculino sendo convencionalmente relacionado ao feminino em decorrência de certa “adesão” das mulheres ao que é preconizado pela ciência médica. Moore não impõe que houve uma clara inversão das conotações de gêneros, porém acredita que as concepções de saúde mudaram, e que mudaram sobre as percepções de gênero. A autora se sente tentada inclusive a fazer um trocadilho e sugerindo “que a principal contribuição da medicina à ideologia machista hoje é sua sugestão de que a masculinidade tradicional promove doença, devemos reconhecer que a sexualização do ‘corpo saudável’ é prejudicial para ambos os sexos” (MOORE, 2010, p. 96, tradução nossa).

Moore analisa que a literatura científica sobre políticas públicas e gênero foca mais na desigualdade entre mulheres e homens no que condiz às diferenças de acesso e busca aos serviços de saúde, relação com o risco, práticas de saúde, adesão às políticas de cuidado e promoção de saúde. A autora argumenta que os estudos de gênero tendem a ter uma visão ortodoxa sobre gênero e o controle social do corpo; um modelo em que o sexo molda a saúde e limita as escolhas saudáveis. Tece, ainda, críticas à associação entre a mulher e o cuidado com a saúde e a busca ativa à medicina. Põe em xeque a máxima de que realmente as mulheres são mais saudáveis que os homens, ao afirmar que pode haver uma equiparação entre a salubridade e o feminino, mas isso não significa dizer que haja essa hierarquia. Para Moore (2010) isso reflete que “este processo estava intrinsecamente ligado ao patriarcado, até porque a transformação do corpo feminino em objeto de médico escrutínio ajudou a legitimar as ideias sobre a vulnerabilidade feminina e a instabilidade de subjetividade fêmea” (p. 98, tradução nossa). As ideias de incapacidade de controle sobre o corpo justificaram a ausência da mulher do poder. E a partir dessa reflexão sobre o processo histórico da mulher que a autora considera ter conduzido ao criticar “o ‘novo paradigma’: pedindo a adoção de atitudes femininas para o corpo pode aumentar as taxas de autocontrole, mas também efetivamente legitima a ideia de que não somos nada mais do que corpos debilitados” (p. 98, tradução nossa).

A análise de Moore (2010) é que essas referências ao modelo de cuidado com a saúde são suficientes para reconhecer que a concepção de saúde em documentos oficiais do governo reflete normas associadas com a feminilidade e masculinidade hegemônica. As reflexões críticas da autora servem de bases para repensar onde e como esses discursos políticos foram se forjando e questionar verdades universais sobre a saúde e gênero que têm sido reproduzidas na contemporaneidade. Como as políticas públicas e o campo científico podem analisar a saúde masculina se muitas das bases analíticas estão sedimentadas na reprodução em modelos de saúde que tentam desconstruir a masculinidade e submeter os homens a padrões de cuidado que refletem os estereótipos femininos?

Partindo desses pressupostos questiona-se: Quais as formas de cuidado com o corpo, particularmente o estético, que os “homens que comem na feira” desenvolvem? No que elas se estabelecem e como estão inseridas? Deste modo, o capítulo aborda certas lógicas de construção do saudável para o masculino, tentando pôr luz sobre o campo dos sentidos e significados da saúde e do cuidado do corpo para os homens.

5.7.1 Os cuidados estéticos

A produção dos corpos masculinos sobrepõe múltiplas temporalidades, pois os corpos são históricos, não predominando um total banimento do que foi anteriormente concebido como sendo do escopo masculino. As exteriorizações das masculinidades propiciam o desenvolvimento da interação dos sujeitos com as condutas sociais. Os sujeitos não necessariamente aceitam o que é proposto como um estado preestabelecido, ao contrário, eles podem ser flexíveis, ressignificando o que foi feminizado para interiorizar no masculino, em um processo de ressignificação também de si. Esse aspecto de maleabilidade do *eu*, como coloca Giddens (1993) sobre a sexualidade, pode ser estabelecido por interações entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais. Os estabelecimentos desses emaranhados são construções únicas, mas não estão isoladas e podem fazer correspondências com as construções dos demais sujeitos.

No campo das influências às camadas populares, os modelos masculinos do pagode baiano saídos das periferias soteropolitanas apresentam símbolos de cuidado com o corpo que pairam na metrosssexualidade³ e, de certo modo, influenciam as relações dos homens das camadas populares com seus corpos. Sendo comum entre esses artistas populares o controle dos pelos: sobrancelhas delineadas e corpos depilados. Destaca-se também, no campo das influências à masculinidade, os lutadores de Lutas Marciais Mistas, do inglês *mixed martial arts* (MMA), que desde a primeira década do século XXI ganharam visibilidade entre esse público. As lutas de MMA, antes restritas aos canais fechados de televisão, conquistaram espaço nos canais abertos em decorrência dessa popularização do esporte entre os homens. Não menos influente, os jogadores de futebol também se destacam e muitos são extremamente conhecidos entre os homens. Acredita-se que os homens das camadas populares busquem também trazer referências, padrões de aparência e apresentação corporal dos lutadores de MMA e dos jogadores de futebol para o cotidiano, com notoriedade para as formas como eles se vestem, os gostos musicais, os cortes estilizados de cabelo – por vezes

³ Metrosssexual, termo criado em 1994 pelo jornalista britânico Mark Simpson, através da união das palavras “metropolitano” e “sexual”, sendo usado para caracterizar os homens urbanos excessivamente preocupados com a aparência. O jornalista usou pela primeira vez no artigo “*Here come the mirror men*” publicado no jornal inglês *The Independent*. (GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrosssexual no Brasil. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*, n. 11, v. 5, jul./set. 2004).

coloridos, os padrões corporais de exibição dos músculos e do corpo com percentuais mínimos de gordura.

As justificativas apresentadas pelos interlocutores sobre os cuidados com o corpo, em especial a retirada de pelos e os cuidados com as unhas, apresentam diversos tentáculos para fundamentar os atos, que precisam não estar no campo de ações preestabelecidas ou concebidas como fúteis:

O pessoal da Feira estranhava! - “Pô, tá todo depilado?”. Eu dizia: - “Porra véio! Me depilei todo”. O pessoal da Feira levava na gozação, não por ser nada estranho. (...) Toda vida homem se depilou, não se depilar por se depilar, se depilar é para fazer esporte, tipo, como é que eu vou fazer um *Jiu-Jitsu*, como é que eu treinar *muay thai* com cabelo? (...) Precisava depilar as pernas, coxa e os braços, o peito, só não daqui pra cima, a parte onde a gente pode pegar, torcer a perna do cara (...). Questão de meu bem-estar, não é do corpo. Hoje em dia o mundo é o seguinte, a questão de depilação que você falou aí, a sobrancelha, hoje em dia faz parte de muita gente, a parte alta da sociedade, pessoas ricas, não essas pessoas que já tem idade, pessoas casadas, pessoas jovens (...). Eu conheço várias mulheres que não pegam homem com cabelo no braço, na perna. Cabelo é higiene. Homem tem que andar depilado 24 horas (Daniel, comerciante da Feira, 23 anos).

A futilidade do ato “depilar por depilar” e a ausência da justificativa poderia pairar no estereótipo considerado feminino. É possível que a análise de Bourdieu (2011) de que força da ordem masculina dispensa justificção, talvez não tenha o mesmo peso na contemporaneidade. É possível perceber que a argumentação tenta trazer, a todo o momento, elementos que são pertinentes às masculinidades heterossexuais, revelando a necessidade de haver razões para se depilar, para não adentrar nos arcaibouços femininos permitindo talvez que houvesse dúvida quanto a sua sexualidade. De modo semelhante Boechat (1995) acredita que o arquétipo masculino se diferencia do feminino, por estar ligado à consciência que se desenvolve nas palavras e discurso. Assim, os discursos das depilações têm como refúgio inclusive das práticas das artes marciais, que exalta a “violência viril” (COURTINE, 2013, p. 561) no esporte, que tradicionalmente estão endereçadas ao *lócus* masculino, como que se esquivando de uma depilação estética, a qual poderia incitar conotações femininas.

No contexto das admirações das mulheres, a masculinidade heterossexual é também afirmada pela conquista do sexo oposto, evidenciando a “virilidade *sexy* e sedutora”. Urge uma preocupação com a aparência baseada inclusive no que as mulheres gostam e no que os torna mais socialmente aceitos. Deste modo, os interlocutores parecem se apropriar dos

instrumentos de sedução contemporâneos. Os corpos masculinos têm se tornado cada vez mais observador e observado, ao invés de somente observador (GILL; HENWOOD; MCLEAN, 2005). Em consonância, Boechat (1995) acredita que o papel da “nova mulher” tem influenciado de forma sutil e feminina o reposicionamento do homem, que busca uma posição mais interativa na cultura atual. Neste caso, é fundamental para o macho que as mulheres o perceba como tal e demonstrem desejo por ele para que isso também seja perceptível e visualizado pelos demais homens. A todo o momento a macheza do homem precisa ser validada e afirmada socialmente, o que não impede que haja traços de narcisismos.

Isso pode ser transposto aos significados que cada sujeito constrói sobre as práticas de depilação. Interessante observarmos como a fala do entrevistado Luciano se desenvolveu dentro de critérios de seleção dos limites que protegem a “masculinidade” no cuidado estético:

Eu geralmente tenho vaidade e tudo, mas não sou muito obcecado nessa questão de muito detalhezinho de metrossexuais. Não chego a ser igual a eles, de passar creme, de estar em salão fazendo unha... Gosto de manter bem, mas não chego a ter essa paranoia de estar em salão me cuidando, pezinho feito, unha toda hora, sobrancelha feitinha, aí também já começa a virar uma coisa suspeita. Mas eu tenho sim vaidade com roupa, sapato, calça eu gosto de me vestir bem, mas não nada exagerado em relação a isso. (...) Esse pouquinho de desleixo que eu tenho, vamos dizer no dia a dia com o corpo. (Luciano, servidor público, 42 anos).

Luciano assume a vaidade “limitada”. Uma proteção fundamentada em oposição ao que não é da masculinidade hegemônica, como, por exemplo, a homossexualidade e comportamento que pode “contrapor” a masculinidade, visto que os excessos de cuidado com o corpo, os detalhes com certas partes corporais deslocam o homem do que é considerado do masculino para o que é considerado um cuidado do gênero feminino.

Destarte, há uma necessidade de distinção dos homens perante a diversidade de gênero que as masculinidades heterossexuais deve se delimitar entre o que é permitido e o que não é permitido diante das expressões do ser masculino.

Nessa incursão masculina no mundo feminino, importa, no entanto, que a produção do corpo masculino se distancie do imaginário social e em particular das estruturas que remetem ao exterior do corpo feminino. Toma-se a fala de Ubiratã para expressar nuances do cuidado masculino com o corpo:

Eu uso muito Hipoglós, me depilo. “Ah! Você se depila, você é viado”. Não existe isso! Eu me depilo porque a gente tem que ser asseado. (...) Aqui meu é depilado, minhas axilas são depiladas, aqui é depilado, aqui em baixo (virilha) é depilado. Só não faço depilar minha perna, aí já é totalmente diferente que já é parte de mulher. (...) Que automaticamente quando você se depila, você sente seu corpo mais leve. (...) Uso muito sabonete íntimo. Eu sou viado porque estou usando um sabonete íntimo? Não! Porque sou vaidoso eu gosto de usar o que é bom. Você chegar num lugar: “porra, ó pra lá o cara como é? Todo arrumado”. A primeira coisa que você repara num homem se ele é asseado ou não é a unha. Eu acho que o homem tem que ser asseado, todo final de semana cortar seu cabelo. (...) “Oh, que cara cheiroso!”. (...) Já pensou você pegar um cara, o cara não tem asseio, fedendo?! (Ubiratã, vendedor autônomo, 43 anos).

Há uma necessidade de cuidado com o que é visível em uma cultura em que o externo, de certo modo, pode revelar o interno. O estudo de Fontes, Borelli e Casotti (2012) mostram que os homens se vestem para as mulheres. Eles prezam, ao se arrumar, aproximar-se dos estereótipos do predador sexual: bem vestidos e um pouco despojados, cabelos com cortes “modernos”, de modo que possibilite aos homens terem acesso a qualquer mulher. Isso porque: “dentro da cultura do consumido, o corpo é proclamado como um veículo de prazer: desejável e desejante e quanto mais perto do corpo real aproxima-se das imagens idealizadas de juventude, saúde, fitness e beleza quanto maior o seu valor de troca” (FEATHERSTONE, 1982, p. 177, tradução nossa).

Ubiratã (autônomo, 43 anos) seleciona o que para ele condiz com sua “macheza” e exclui o que destoa da sua compreensão do corpo e de higiene masculina. Mais além, ele ressalta o cuidado com a cavidade oral: o hálito, os dentes alvos e íntegros. Ubiratã se insere na cultura da aparência e da moralidade, revelando se preocupar com os “elementos” que ele acredita estarem nos itens de julgamento de outros. A valorização da higiene corporal parece ter resquícios do pensamento higienista, do que Salvetti (2013) entende como uma necessidade de ressaltar a higiene do corpo como uma distinção que se dá inclusive perante o mesmo meio social. Uma estética utilizada como símbolo de superioridade e de segregação entre as camadas populares e as mais abastadas. As estratégias que asseguravam prestígios entre as mulheres da pesquisa de Salvetti, com o uso de cosméticos e produto de higiene, a denteição, corpo e cabelos bem cuidados, asseguram também o prestígio social de Ubiratã e possibilidade de inclusão dele em outras esferas sociais.

A pesquisa de Oliveira Junior e Cancela (2012) também mostra que os homens atribuem à depilação, tanto a retirada dos pelos como o ato de “aparar”, à higiene. Os autores

revelam que alguns homens consideram depilar as sobrancelhas ou cuidar das unhas com uma manicure, como cuidados que podem ser realizados por homens sem comprometer sua masculinidade. Os autores analisaram isso como uma reestruturação dos comportamentos de gêneros que propiciam abrir fronteiras antes não permitidas para um homem.

Se em um determinado período o acesso dos homens às barbearias – presentes também na feira - era direcionado ao controle dos pelos da cabeça incluindo barba, esses cuidados têm sido deslizados alcançando as extremidades do corpo, mais especificamente a parte superior. Às pernas, porém, são impressas um *status* incerto, entretanto não menos explorado pelos homens. As incertezas pairam na sexualidade dos sujeitos que as depilam, pois os cuidados com as partes “inferiores” do corpo são reservados às mulheres. Todavia, depilar as pernas sob a justificativa da prática de esportes aquáticos e das artes marciais parece ser mais plausível e aceitável. Daniel (comerciante da Feira, 23 anos) utiliza desta condicionalidade abrindo então permissão para a eliminação dos pelos, sem que esta ação abale a masculinidade. Agrega-se a competitividade esportiva, em que os pelos precisam ser aparados por se constituírem como obstáculos no desempenho masculino.

Certas mãos masculinas na Feira podem ser descritas como limpas, unhas cortadas e lixadas e, possivelmente, pintadas com esmalte transparente. O fazer unha não é mais exclusivo das mulheres e tem sido aceito pelos homens com bases também na retórica da higiene. Retomando a fala de Ubiratã, ao mencionar o fazer unhas, ele impregna a frase de elementos masculinos estabelecendo distinções.

É importante considerar que as estéticas corporais masculinas começam a se abrir para tendências contemporâneas de cuidado com o corpo estritamente atreladas às lógicas de prudência com a saúde. Estas se revelam pautadas nos diálogos entre a vaidade – admitidas em menor proporção, as higiene corporais e a apreciação feminina. Os discursos da higiene, porém, parece ser usado com subterfúgio masculino para assumir o cuidado com o corpo, isso por que o corpo também exterioriza a higiene. Nota-se que não se fala do corpo inodoro, pois do corpo desprendem-se odores, agradáveis ou desagradáveis. O cheiro do corpo é disposto no campo de atributo moral, de distinção perante o outro e de orgulho da sua higiene pessoal, pois para estar limpo é preciso também estar cheiroso.

A moderação e a seleção dos cuidados corporais podem definir o que os homens entendem por metrosssexual e homossexual e parece haver uma linha tênue entre estes. É complexa a relação do homem com sua aparência, não que o cuidado com o corpo deixe de

existir, mas os excessos podem demarcar o perigo à masculinidade, o que precisa ser evitado para esses homens.

As técnicas de higiene, não menos complexas, para os homens contemporâneos apresentam gradações. Enquanto que para uns, a remoção do pelo é aceitável, mas depilar e fazer a sobrancelhas é algo suspeito para um homem; para outros a dúvida só paira diante de determinada área do corpo que podem ser percebidas como específicas para as mulheres. Não há um consenso entre os homens, um manual que sirva para todos.

Queval (2008) traz que há uma criticidade sobre a norma gerando uma contestação sobre o controle do corpo, sobretudo da aparência. Entretanto, esse fato não corrobora para um estado libertário holístico. A contemporaneidade, porém, abriga uma pluralidade de normas de aparências dos corpos com possibilidades múltiplas de conexões, as quais implicam nas complexidades das leituras que podem ser feitas. Destarte, a historicidade e as redes de relação, bem como a compressão dos sujeitos são postas como interlocutoras da realização de atos mais permissíveis e adotados por uma geração que começa a se afirmar. Aboim (2010) compreende que a pluralidade masculina constitui o princípio da masculinidade e que, em decorrência disso, toda a masculinidade é híbrida e agrega tensões e conflitos também imbricados em negociações pautadas entre novos e velhos modelos de masculinidades.

Os heterossexuais contemporâneos parecem explorar o corpo de uma maneira que adentra em diferentes intensidades no universo feminino. O sexo masculino, oprimido diante da normatividade que regia duramente o que “era coisa de homem” muito pelo que não deveria ser feito “por ser coisa de menina”, repensa sobre seus corpos dentro de estruturas que os mantêm no campo das masculinidades heterossexuais.

5.7.2 Desgaste físico

As lógicas de cuidado dos interlocutores com o corpo passam, inclusive, pela percepção da ausência ou esgotamento da força física que acarreta dificuldades de execução do trabalho cotidiano e o não funcionamento adequado do corpo. Esse estado é denominado pelos homens como desgaste físico. Daniel narra este estado de fraqueza e como isso se concretiza:

O stress do dia a dia, não há como não ter. Desgaste físico, já peguei vários. Parei de beber por causa disso, estava sem aguentar trabalhar. Estava vindo pra aqui (Feira) já pedindo para morrer. Dei um tempo, já me recuperei. Posso voltar qualquer hora a beber. Quatro meses tomando vitamina nos horários certos, controlando alimentação, já consegui “botar” o corpo no lugar de novo. Você acaba desgastando o corpo, seu corpo não aguenta tanto trabalho. Tinha que parar de beber para tomar vitamina, para recuperar o corpo. Trabalhava aqui (na Feira), a noite toda de farra, não dormia direito. Eu saía todos os dias. Quando eu chegava cedo em casa, chegava 1h para levantar 4h, às vezes eu levava direto. (Daniel, comerciante da Feira, 23 anos).

O desgaste físico pode ser interpretado como uma fraqueza que é, porém, assumida pelo homem provavelmente por estar relacionada a um estilo de vida que é atribuído ao homem, de “excessos”, utilização extrema da força física, consumo de álcool, festas noturnas. Nota-se também que há uma sucessão de ações que recobrem as experiências do desgaste físico e que estão associados a um ritmo quase frenético de vida composto por “não se alimentar bem”, “dormir pouco”, “beber muito”, trabalhar intensamente, tendo em certa medida interface com o uso extremo do corpo e não cuidado.

Assim, o arranjo desses elementos propicia ao corpo “ficar fraco, debilitado”. Portanto, para “botar o corpo no normal”, recompondo o vigor físico, os homens estabelecem estratégias de cuidado, construídas sob as lógicas do saudável. Os interlocutores interpretam que, no estado de desgaste físico, há uma ausência de vitaminas no corpo e a ideia da vitamina passa a ser de potencializador e “recuperador” do corpo exausto.

Ubiratã (vendedor autônomo, 43 anos) revela: “já consegui botar o corpo quatro meses tomando vitamina nos horários certos, controlando alimentação, já consegui botar o corpo no lugar de novo”, enquanto Daniel ressalta que foi necessário, por indicação médica, “vai ser um processo longo, você vai tomar remédio de verme, você vai tomar purgante. Depois você vai tomar duas caixas daquela vitamina”. O restabelecimento das forças proposto para Daniel envolve um processo de purificação endógena do corpo. Assim, este parece ser necessário para que o corpo se “livre” das impurezas internas concebendo um ambiente mais propício para a absorção das vitaminas. Pois um corpo “sujo” não permitiria a absorção e/ou ação das vitaminas.

De acordo com Levenstein (1998), o processo sobre a “vitaminomania”, nos Estados Unidos, foi instaurado em 1928, sendo extremamente aproveitada pela indústria farmacêutica que, em 1930 estava produzindo cápsulas de vitaminas sintéticas. Em 1939 e 1940, uma

pesquisa realizada por médicos em Minnesoa, nos Estados Unidos, demonstrou que a carência de tiamina (vitamina B1) na alimentação implicaria em um corpo fraco e vulnerável. O resultado da pesquisa se propagou entre a população que se mostrara condizente “sobretudo à ideia – inspirada essencialmente no fato fortuito de que ‘vitamina’ e ‘vitalidade’ têm a mesma raiz linguística, daí a conotação de vigor, dinamismo e energia – de que as vitaminas eram a garantia de tônus e energia” (LEVESTEIN, 1998, p. 834). É possível que essa “vitaminomania” tenha sido, também, importada para o Brasil.

A lógica dos interlocutores é de que a vitamina deve ser usada continuamente para que o corpo se recupere do desgaste. Ubiratã (autônomo, 43 anos), todavia, através de sua experiência empírica mesmo consumindo a vitamina, estabelece que para o “desgaste físico, a única coisa que te levanta rápido é mingau de Santo Antônio⁴ (chamado também de mingau de cachorro e mingau de farinha de guerra). Tomava todo dia de manhã cedo, 5 horas da manhã”. Isso revela uma permanência da medicina tradicional no contexto de vida dos homens de camadas populares, o conhecimento empírico e a medicina popular não são sobrepostos pelo científico ou muito menos desvalorizado. Eles são usados simultaneamente por Ubiratã com objetivos complementares.

Há ainda estratégias de cuidado com ao corpo que ingressam na necessidade corporal do descanso, “não ficar na rua até muito tarde”, “dormir cedo”, “não ficar perdendo noite”, bem como o controle do uso do álcool, através da exclusão temporária. Destarte, estas se apresentam como medidas compreendidas por esses homens como fundamentais para realinhar o corpo aos limites da normalidade, da força e do bem estar físico.

5.7.3 O corpo que envelhece

A existência requer um corpo e os sentidos e significados que os homens atribuem a este partem da experiência e do contexto, de interação com a história, o trabalho, dos valores morais e culturais, das mobilidades horizontais e verticais, além da relação do homem com si mesmo. Nesse contexto de experiências subjetivas e intersubjetivas, Le Breton (2006, p. 07) enfatiza que “o corpo é vetor semântico pelo qual se evidencia a relação com o mundo”. Os sujeitos percebem a necessidade de transitar entre o que era e o que se torna pertinente ao

⁴ Pirão feito com água, farinha de mandioca e sal.

masculino, pois tendem a compreender que na equivalência do homem e do corpo, o que é modificado na aparência modifica também o homem (LE BRETON, 2006).

Dentro desses aspectos relacionais do homem com o corpo, ressalta-se a implicação da época e do processo de envelhecimento, os quais parecem preocupar mais os interlocutores em torno dos 40 anos. Estes homens narram suas próprias experiências e as alheias refletindo sobre o corpo que se modifica e de como eles se relacionam com esses processos. Luciano (servidor público, 42 anos) descreve a mudança do cuidado dos homens com o corpo, a partir da experiência própria e do que ele observa em seu círculo de amizade:

Acho que a maioria dos homens é um pouco desleixado em relação a isso (cuidado), mas está mudando. A gente conversa com alguns colegas e vê que essa concepção está mudando, principalmente a questão de saúde. (...) Homem nesse período, de 40 para 50, a idade mais propícia pra ele possivelmente desenvolver um AVC, infarto, acaba vivendo essa paranoia do dia a dia e refletindo na nossa concepção do querer se tornar também uma pessoa que consiga se reeducar tanto na sua saúde, como com a bebida. (...) 20 anos atrás os homens não tinham essa preocupação (...) sobre a questão de “minha pressão está alta, do meu colesterol”, de vim ter AVC, de vim ter derrame. Depois de certo tempo, no meu ciclo de amigos, todos estão preocupados com essa questão de querer sair desse sedentarismo, dessa vida de escritório. Eu nem cogitava estar em médico, me preocupar, assistir reportagem, ler sobre isso. Mas hoje muda totalmente. (Luciano, servidor público, 42 anos).

Luciano considera a mudança do comportamento masculino no contexto histórico e revela que os diálogos de mais de uma década foram sendo alterados pelas mudanças no funcionamento do corpo com o avançar da idade, sendo inseridas discussões sobre saúde e doença. O estudo de O’Kane, Craig e Sutherland (2008), no artigo sobre atitudes dos homens rurais da Austrália, a imagem da saúde e do corpo, revelam, inclusive, que os entrevistados exaltam a fase jovem, das duas primeiras décadas de idade, na qual poderiam beber e comer o quanto quiserem, pois acreditavam que ser mais resistentes comparado a idade mais avançada.

Deste modo, se as inquietações com o corpo e as doenças antes não faziam parte da conjuntura masculina, a fase do envelhecimento, porém, se molda sob a forma de maiores negociações e controle sobre o comer, mas não de completas exclusões. Nota-se que a preocupação com o envelhecimento também percorre o campo das precauções com acometimentos futuros que parecem ter influência na relação do homem com seu próprio corpo. Surge então o medo do adoecimento que é específico e está relacionado ao

comprometimento que pode ser grave e letal das funções de órgãos importantes para o funcionamento do corpo: o coração e o cérebro. Justificando a intensificação do monitoramento das funções cardiovasculares, os homens, deste modo, passam a fazer “um monte de exames relacionado ao coração”:

Gilmar, um homem na faixa de 30-35 anos, que conversou informalmente comigo na Feira, disse que no outro domingo, às 5h da manhã pegou uma ficha para se inscrever na academia do SESC do Aquidabã. Contou que fez exames de mapa, teste ergométrico e *holter*. Perguntei se a academia solicitou todos os exames. Ele me respondeu que não, só o teste ergométrico foi solicitado pela academia, os outros exames ele fez pela idade. (Trecho do diário de campo, 2013).

Além disso, Edgar (microempresário, 38 anos) revela outra inquietude com o envelhecimento, também compartilhada por outros interlocutores, a qual está interligada à modificação das morfologias corporais: “vai chegando a idade a gente vai engordando”. Vigarello (2012) aponta que no início do século XIX já havia referências da idade aos diâmetros corporais, os quais pareciam aumentar quase que paralelamente. Ele enfatiza essa relação estabelecida neste período e observa que a chegada aos “40 anos” foi tema trabalhado pelos caricaturistas do *Musée Philpon*. Ainda que trabalhada no contexto de dois séculos passados, é possível transplantar isso para a contemporaneidade, sob o cuidado de não analisar nas bases do anacronismo, “as idades transformadas em “etapas”, o tempo “convertido em ‘morfologia’”, mas, para além dessas amplitudes, o envelhecimento traz consigo consequências no âmago do corpo (VIGARELLO, 2012, p. 205).

Assim, Luciano (servidor público, 42 anos) complementa que o controle também passa pela moderação da alimentação, “eu estou tentando me reeducar na alimentação, devido a alguns exames que fiz, acabou dando um pouquinho o colesterol alto, então nessa fase agora, estou numa fase mais controlada”. Há correspondência dessas perspectivas com outros entrevistados, que consideram o avançar da idade como um fator importante para se preocupar mais com o corpo, a saúde, a alimentação. Na pesquisa de Roos, Prätällä e Koski (2001) com carpinteiros e engenheiros sobre a alimentação na vida cotidiana, um dos engenheiros entrevistados expressou a importância de uma dieta saudável relacionando à necessidade de ser mais seletivo e consumir alimentos mais saudáveis principalmente quando se envelhece. Reflexão que o engenheiro considerou estar vinculada à percepção de que o peso estava elevado.

Pesquisadores (UCHÔA; FIRMO; LIMA-COSTA, 2002; JENSEN; HOML, 1999; MOTTA, 2012) têm considerado que o imaginário social não espera a prevalência do vigor ou, muito menos, dinamismo no envelhecimento. Prevalece uma concepção da velhice associada às diversas perdas, sendo que há uma preocupação em torno da possibilidade de supressão da saúde com o envelhecimento. Atrelado a esta construção da imagem de velhice emerge a ideia de desgaste do corpo, de limitações das funções corporais, menor agilidade, declínio funcional e o aparecimento de doenças. Sob o intuito de mediar esse processo de envelhecimento, retardando-o ou tornando-o mais sadio, os sujeitos lançam mão da busca por uma “alimentação saudável” e a prática de exercício físico.

O corpo envelhecido parece ser um corpo menos “intacto” que o corpo jovem, e mais passível de outras preocupações que transcendem o desgaste físico. Este envelhecimento contrapõe, de certo modo, o corpo jovem, que nas falas dos interlocutores parece ser o símbolo da integridade e a impermeabilidade corporal. A necessidade de se manter bem implica em reestabelecer a força, o vigor e a saúde. Os homens se inserem a outras formas de cuidado de si, incluindo a busca por uma alimentação mais “moderada e saudável” (inclusive buscando o profissional nutricionista), a prática de atividade física, consulta médica, bem como a realização de exames no intuito de amenizar os possíveis efeitos do “envelhecimento” sob o corpo.

5.7.4 Os Abdo(men)s: as estéticas e os simbolismos das formas

A estética masculina voltada ao abdômen não é uma preocupação restrita ao século XXI. Brillat-Savarin (1995), ainda no século XIX, fez uma análise sobre a perda das “formas e harmonias primitivas” — fração da sua definição de obesidade — dentro de uma perspectiva de gênero e descreve a singularidade dos homens ao qual a obesidade estava limitada à barriga. Essa inquietação masculina continua em cena na contemporaneidade, porém, apresenta-se reformulada: entre as acepções que os homens têm desenvolvido sobre o corpo, o abdômen é o ápice das preocupações estéticas, dos cânones da beleza e de saúde. A musculatura abdominal, objeto de estudo de engenheiros, ginastas e fisiologistas no início do século XIX (VIGARELLO, 2012), no contexto contemporâneo assume o significado de cuidado com o corpo, do corpo saudável, dos esforços físicos realizados, do homem ativo, vívido e, de certo modo, se opõe ao corpo inerte, sedentário e boêmio.

A permeabilidade e seletividade do que pode ser agregado às múltiplas identidades masculinas são elementos presentes em uma sociedade que exercita a reflexividade. Os projetos de reflexão sobre o corpo são contínuos, já que o corpo é o visível do sujeito, percorre o campo da representação dos contextos sociais, mas também das escolhas pessoais (GIDDENS, 1993). A percepção do próprio corpo significa também a percepção pelo outro e dos entremeios da aprovação dessas dimensões apresentadas (MENNELL, 1987). Os homens estão se revendo e repensando suas formas, pois, como evidência Le Breton (2006), é através da estética que o sujeito se apresenta e é representado socialmente.

A fala de Luciano (servidor público, 42 anos) retrata isso: “você imagine que trinta anos atrás eu com essa barriguinha eu ir numa praia... Você começa a se incomodar... Você namora hoje”. O controle do abdômen percorre também o campo da masculinidade no eixo da conquista do sexo oposto. Os invólucros da barriga implicam nas relações estéticas: o abdômen musculoso é percebido como belo e desejado, enquanto que o abdômen proeminente é visto como feio. É importante perceber na fala de Luciano a presença de um abdômen proeminente e a temporalização que expressa a contextualização do corpo na história dentro das múltiplas faces do abdômen. Remete a análise feita por Santos (2008) da visão anatômica do corpo apresentado em “camadas”, sendo a pele a primeira a revelar o interior, o qual segue até os componentes sanguíneos. A autora destaca a relevância de duas camadas internas na construção do corpo contemporâneo: o músculo esquelético e a gordura. Além disso, a autora discute os significados da “visibilidade” morfológica destes compartimentos através da pele:

Há uma relação contraditória entre as gorduras e os músculos: uma “encobre o corpo” e, portanto, não é desejada, e a outra deve ser exibida. Parece haver uma guerra entre estas duas categorias, uma batalha entre o bem e o mal. Os discursos em relação à exibição dos músculos, que devem ser mostrados, definidos e delineados, parecem se referir a algo quase que visto a olho nu. Desta maneira, exhibir o corpo é mais do que desnudá-lo das suas vestes, é também desnudá-lo das gorduras possibilitando exhibir os músculos. (SANTOS, 2008, p. 118).

Desde os gregos antigos até o período contemporâneo que o desenvolvimento histórico do ideal muscular conota poder, perfeição e prazer (DUTTON, 1995). Gill, Henwood e McLean (2005), no artigo sobre projeto de corpo e a regulação da masculinidade normativa com jovens britânicos, reiteram que há um fenômeno contemporâneo de “fetichização extraordinária de músculos e musculabilidade” (p. 40) entre os homens. Sob a

ênfase da importância da aparência e da percepção do outro sobre si, o corpo interno e o externo, categorias que emergem como forma de preocupação com a saúde, o envelhecimento e a aparência passam a ser alvo de interferências. E o intuito de manutenção do corpo interior age também como aperfeiçoamento da aparência do corpo exterior (FEATHERSTONE, 1982).

Nesse contexto Edgar (microempresário, 38 anos) reitera: “é o peso. Eu senti que minha barriga estava grande. Isso me incomodava esteticamente, as pessoas comentavam e tudo”. Nota-se que o abdômen globoso parece ser mais pesado e maior do que realmente. Uma compreensão moral e corporal de quanto maior o abdômen, maior o juízo de valor atribuído ao sujeito. Le Breton (2006, p. 78) considera que “a apresentação física de si parece valer socialmente pela apresentação moral. Um sistema implícito de classificação fundamenta uma espécie de código moral (...). A ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro (...)”.

Esse fardo masculino carregado na barriga pesa, sobretudo, pela densidade do julgamento do outro numa sociedade de culto à magreza e aos músculos e a insatisfação pessoal com os contornos corporais, o que está inclusive em consonância com os achados de O’Kane, Craig e Sutherland (2008) na pesquisa com homens australianos sobre as atitudes destes em relação com corpo e a imagem corporal. Os autores relatam que nem todos os homens entrevistados tinham plena satisfação com suas formas físicas e compreendem que a preocupação masculina com a imagem corporal pode ser mais complexa do que o anseio feminino. Esta preocupação com o corpo também é compartilhada por alguns dos homens desta pesquisa que desejam, de maneira conjunta, a redução da gordura, particularmente a abdominal e o aumento da preservação da musculatura.

O abdômen parece ser determinante na compreensão da relação masculina com o corpo. A partir deste pode-se desenhar as construções dessas relações e expandir para outras mediações, a exemplo da compreensão “eminente” do ventre mediada pelos alimentos. A fala de Edgar (microempresário, 38 anos) retrata isso: “não consigo me livrar da farinha e eu acho que a farinha me atrapalha com relação ao açúcar no sangue, a barriga... Até que o líquido eu tirei mais”. José (jornalista, 58 anos) acredita que as barrigas dilatadas são consequência do consumo de farinha de mandioca. Luciano (servidor público, 42 anos) e Edgar (microempresário, 38 anos), porém, culpabilizam a cerveja pelo estado protuberante do abdômen masculino: “acho que a cerveja é o principal motivo do homem, principalmente

barriga, homem barrigudo é a cerveja”, relatou Edgar. Para João isso não é uma verdade absoluta, pois não entra no seu campo de experiência: “não, e estou na linha normal, beleza, sem barriga, tomo cerveja como a zorra”.

O registro no diário de campo de um diálogo entre três homens na Feira põe à vista o sentido que o sujeito atribui à barriga proeminente exposta do amigo:

O mais velho levantava a camisa até o meio do abdômen globoso e alisa-o. Disse para os outros homens, com que conversava, que não iria comer: “estou bebendo para desgastar a minha barriga. Jogue duro (na feijoada). Minha farra é de meio dia pra tarde, se não passa a hora e eu me esqueço do trabalho”. O amigo responde: “vida de boêmio. Quando não está trabalhando tomando cerveja. Olha a barriga dele!”. (Trecho do diário de campo, 2013).

Interessante observar as semelhanças da representação da barriga elevada para este sujeito diante da percepção que Vigarello (2013, p. 212) analisando o abdômen robusto do burguês europeu no início do XIX, observa que essa morfologia confusa entre a adiposidade e os músculos “só pode ser apreciável no masculino”, podendo inclusive apresentar um sinal de status pelo acúmulo, não de lipídio, mas de capital. Todavia, o que aqui se coloca é um dos significados que estas adiposidades centrais possuem. Há de convir que essas análises partem de um contexto e de relações que precisam ser consideradas. Essa imagem remete ao Brasil, principalmente no período colonial, aos senhores de engenho e aos homens mais afortunados que desfilavam sua opulência como ostentação de sua riqueza e gozavam da boa vida, sendo que o trabalho braçal e o maior esforço físico eram demandados aos escravos, “poupando” as gorduras dos senhores.

A medição dos abdomens é no campo do perceptivo, do olhar que confere à barriga o marcador morfológico e classificatório do corpo dos sujeitos. Destarte, os homens parecem estar engajados no “projeto abdômen” e para transformar seus corpos: “a barriga toda dividida, não tem nem sinal de barriga” (Daniel, comerciante da Feira, 23 anos). Courtine (2013) por sua vez, analisa que o corpo imagético masculino inserido nas “formas contemporâneas do cuidado de si se curvam ante o desejo de crescimento massivo e de tensão extrema da carapaça muscular, duplicando-se através do desejo de uma quase transparência da pele” (p. 566). São transformações estéticas no bojo da saúde:

É complicado! Cinquenta por cento é barriga e cinquenta por cento é medo de ter doença, doença cardíaca (...). Agora o filho de meu vizinho, morreu com 32 anos (...). A pressão dele estava de vinte e sete e ele tinha acabado de dar um derrame. Ele teve mais dois derrames e com três dias de internado ele deu morte cerebral. Ele estava com a barriga elevada e gordo. (Edgar, microempresário, 38 anos).

As camadas do abdômen para Edgar são compostas por músculo e gordura acrescidos do medo. O pavor de desenvolver uma doença cardíaca cresce pareado ao avultar do abdômen, pois o risco de uma fatalidade é mensurado pelo abaulamento da barriga. São razões que levam Edgar a fazer negociações entre o que come e a atividade física, num esquema de compensação. Entretanto, a lipofobia está presente nesta estética de um abdômen "contido". O’Kane, Craig e Sutherland (2008), em um estudo sobre as atitudes de homens rurais australianos sobre a saúde e a imagem corporal, observaram que os homens entrevistados também sentem medo quando se deparam com um sujeito, em torno da mesma idade que eles, falecido em decorrência do excesso de peso. Isso os faz olhar para si mesmo e refletirem sobre sua própria saúde, pautados sobre o receio de que o mesmo ocorra com eles, o que os autores nomeiam de “*health scare*”.

Destarte, a retirada dos excessos de gordura do abdômen para estes homens de camadas populares, parece ser fundamental para manter a saúde, a moral e a boa aparência física. Vigarello (2012) aponta que o corpo gordo também foi objeto de observações anatômicas do início do século XIX, as quais tinham ênfase nas lesões materiais do órgão e desestruturações. As morfologias viscerais foram descritas e ressaltadas o perigo progressivo, estando também mais vulnerável ao adoecimento.

5.7.5 Check-up

Romeu Gomes (2008) elucida que uma pesquisa realizada por ele evidenciou que, em geral, os homens não mencionaram o hábito relacionado aos cuidados de saúde, ao qual o autor compreende como, principalmente, a “busca por consultas médicas e exames preventivos”. Todavia, para os homens o cuidado com a saúde é um conjunto de ações que incorpora os cuidados médicos, mas não hierarquiza como sendo este o mais importante. Unem-se a isso outras formas de cuidado que perpassa o comer, as atividades físicas e as dimensões corporais. Do mesmo modo, o cuidado com a saúde não necessariamente torna

contesta a masculinidade, como apontou o estudo de Gomes (2008). A atenção dada à saúde é conduzida para o que os interlocutores percebem como sendo necessário para os corpos masculinos realizar exames de próstata, ter preocupações cardiovasculares e com o desempenho físico e motor. O cuidado de si está imbricado na percepção de saúde, como também de corpo masculino.

O interesse dos interlocutores com a saúde e a preocupação com o bem-estar têm propiciado uma mediação entre eles e a ciência médica. Eles pontuaram que tem se submetido ao monitoramento do corpo através de exames⁵ bioquímicos, de imagem e em especial os relacionados à função cardíaca. Pode-se inferir que isto seja também em decorrência das exigências trabalhistas que tem imposto a realização de exames médicos ocupacionais, como também pela disponibilização e contratação de planos de saúde privados, mas também agregam outros motivos. Isso ocorre com João (cobrador de ônibus, 42 anos), funcionário de uma empresa de transportes, que ressalta a quantidade de exames bioquímicos que foram realizados quando ele esteve de férias, expressos nas 20 páginas de resultados. Edgar (microempresário, 38 anos), porém, agrega outros exames que formam o seu *check-up*:

Toda vez que eu vou fazer o *check-up*, a primeira pessoa que eu procuro é o cardiologista, aí ele vai pedir os exames de sangue normais, teste ergométrico, ecocardiograma, eletrocardiograma e abdômen total, porque ultrassom de abdômen total você vê gordura no fígado, pedras nos rins e se tiver alguma anomalia, Deus livre guarde, ele vai observar. Teste de sangue, vai ver tudo também. A média (do *check-up*) de seis a oito meses. (Edgar, microempresário, 38 anos).

Essas lógicas de cuidado são extremamente contextualizadas dentro do que para eles seria o *check-up*. Terminologia que surge com recorrência nos discursos desses homens e parece estar arraigada. Ao dissecar o significado do *check-up* encontra-se a realização de numerosos exames bioquímicos, de exames que utilizam o recurso da imagem ou de outras naturezas, agregados à consulta médica que se configura dentro desse arranjo de monitoramento periódico do corpo, realizados no espaço de 6, 8 ou 12 meses. Anne Marie

⁵ O advento da bioquímica de mensurar dos “elementos” presentes no sangue toma aqui uma conotação de revelar numericamente o corpo por dentro. Mais além, o uso dessas transcrições numéricas do corpo parece suplantam qualquer dúvida sobre a saúde, tornando-o normal ou doente. O mesmo ocorre com as demais tecnologias médicas diagnósticas que proporcionam a visualização do corpo interno através da imagem ou do som as quais tornaram o corpo humano transparente e influenciou na percepção dos sujeitos sobre seus corpos (HELMAN, C. *Cultura, saúde e doença*. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009).

Moulin (2009) analisa os exames periódicos e os *check-up* regulares como invenções da medicina preventiva que tenta a todo modo investigar as desordens do corpo, em especial na ocorrência de alguma doença entre familiares com o objetivo não só de pronunciar algum prognóstico, mas de prever o futuro.

A disposição à consulta médica, de Luciano e de João sofre influência feminina através da figura da mãe ou da companheira que aparecem como intercessoras entre os homens e os médicos, quase que os obrigando a adentrar em um consultório. No relato da experiência Luciano revela algo que parece ser compartilhado com outros homens:

Talvez seja isso (desleixo). A gente não gosta (de médico). Para ir ao médico, só mesmo uma pressão. Eu nunca gostei de médico e isso acabou se tornando, quer dizer, em vez de se tornar uma rotina pra mim, estava virando um obstáculo para eu ir ao médico e aí então existe uma pressão da minha mãe, principalmente: “vai ao médico, vai fazer os exames!”. (Luciano, servidor público, 42 anos).

João e Luciano, contudo, contam que só buscam o auxílio do médico quando percebem que realmente precisam e caso estejam se sentindo bem não há motivos para se consultarem. Luciano afirma: “eu tinha realmente um desleixo de fazer, mas agora estou acompanhando”. Ele se refere ao acompanhamento médico após receber o resultado da dosagem do colesterol total sanguíneo que indicava o valor acima de 240mg/dl.

Luciano ancora o “não gostar” como sendo do masculino e por isso a experiência da resistência ao médico seria compartilhado por outros homens, não sendo uma faceta dele. A afirmação de Luciano o livra também de carregar todo o peso do julgamento que incide sobre sua “falta de cuidado com a saúde” influenciada pela construção social em torno do homem. A qual é “sustentada” pelos pilares biomédicos envoltos na perspectiva de que o cuidado com a saúde tem relação estrita com o número de consultas médicas “regulares”. Ubiratã explica: “é bom você fazer exame de seis em seis meses. Porque de seis em seis meses? Porque o dia a dia a gente come tudo”.

O’Kane, Craig e Sutherland (2008) relatam, de modo oposto, que os entrevistados evitam os profissionais de saúde por acharem que se há algo errado as coisas se resolverão. Para eles, os homens costumam desviar-se do tema “saúde” por não percebem esse assunto como sendo masculino e dizem não ser algo conversado entre eles. Daniel (comerciante da Feira, 23 anos) apresenta uma perspectiva semelhante aos entrevistados do artigo destes

autores sobre o homem e a saúde e chega a colocar que “no meio de cem, você tira um homem que se preocupa com o bem-estar do corpo. A preocupação do corpo é com o bolso, conta para pagar. Eu mesmo durmo e acordo pagando conta eternamente”. Isso pode ser reflexo da imagem do homem como provedor e o papel do homem ainda está vinculado ao trabalho e ao sustento da família.

O exame de toque, um tabu entre os homens, na contemporaneidade tem alçado voos, ainda que rasantes. Esse assunto não surgiu com intensidade nos diálogos, mas alguns interlocutores relatam preocupações com essa singularidade do corpo masculino e não demonstram resistência para fazerem o exame de próstata. Este, assim como os exames relacionados ao funcionamento do coração e os exames bioquímicos, dá indícios de que pode se tornar mais presente da lista dos cuidados necessários com a saúde masculina. Segundo Boltanski (2004, p. 165), “a instauração de consultas médica obrigatórias com o fim de detectar precocemente doenças como o câncer (...) são medidas que favorecem a instauração de uma relação com o corpo mais consciente e mais complacente”. Todavia a ciência médica também pode ser usada como escudo para os que não se sentem confortáveis com isso. Assim, a dosagem do antígeno prostático específico (PSE), um exame de sangue pode revelar, em partes, a “normalidade” da próstata e, por isso, alguns homens compreendem que não há motivos para se submeter a exame de toque, algo que “fere” a integridade do corpo masculino, por tocar o que é intocável na masculinidade hegemônica.

5.7.6 Atividade física

As construções dos corpos masculinos são performances prototípicas distintivas do ser homem. Estes estão inscritos socialmente através de seus corpos e suas performances masculinas imitam modelos de masculinidades socialmente construídos, mas que, porém, não são fixos ou necessariamente atemporais. Esses protótipos masculinos acompanham os modelos culturais, numa cultura de culto ao corpo os homens estão se inserindo de diferentes formas nesses arranjos corporais e concomitantemente a expressão do corpo saudável é também forte.

Emerge desse meio a necessidade e a valorização da prática de atividade física. Neste contexto os interlocutores apresentam uma lógica de que o corpo deve estar em movimento, não permitindo que ele seja estático, pois o corpo parado remete ao corpo com limites

dimensionais que se aproximam do abdômen globoso, bem como do corpo gordo. Assim, para os homens entrevistados, o corpo em movimento propicia a saúde que implicitamente exclui o engordar. Os que executam trabalhos com menor esforço físico valoram as atividades físicas como práticas relevantes para “compensar o que come”, compensar o peso que a idade traz e para manter o corpo saudável, como narra Edgar:

Eu sempre comi muita comida caseira. Eu gosto e até hoje eu mantenho essa tradição. Vai chegando à idade e a gente vai engordando. Para não deixar de usufruir disso eu procuro ter uma contrapartida: eu faço exercício, eu ando no Dique, eu faço academia, jogo bola. Mas não deixo não, adoro! (...) E a gente vê, eu sei que é cerveja e comida, por que eu sempre fui magro, minha genética... Depois dos 21 anos que eu comecei a ter uma independência maior, aí que você come o quer, banca o que quer comer e acaba comendo mais. (Edgar, microempresário, 38 anos).

Esse raciocínio é também desenhado mediante a experiência pessoal de Edgar. É possível observar que ele também elenca o recurso financeiro como mediador da maior liberdade de escolha sobre o comer, o quanto comer e quando. Parece que comer em abundância se expande quando se alcança esse patamar de independência. A passagem do tempo para ele foi marcada pelo aumento do peso, e tentando mediar essas mudanças Edgar busca alternativas que possibilitem o consumo dessa comida caseira e elege a prática de atividade física como contraponto.

Roos, Prättälä e Koski (2001) também revelam que essa lógica compensativa através da dieta e do exercício físico parece ser uma característica, em geral, dos homens de classe média, como os engenheiros entrevistados por eles, que possuem trabalhos mais “intelectuais” e de menor uso da força física. Observa-se, contudo, que as atividades físicas listadas por Edgar estão incorporadas nas performances masculinas: a academia, a corrida (estes dois cada vez mais apropriados pelas mulheres) e o futebol.

De certo modo, há adaptações e gerenciamentos na tentativa de manter o hábito que representa uma memória alimentar e simboliza o holístico para Edgar. Entretanto ele complementa a fala agregando outras perspectivas:

A vontade eu sempre tive, mas nunca tomei iniciativa assim de corpo e alma. Quando eu vi que estava afetando realmente as minhas atividades, eu acredito que de seis meses pra cá eu estou fazendo regularmente, já tem assim um resultado até melhor (...). E para jogar bola, para correr e tudo. Você sente que a agilidade é outra. Suava muito, essas coisas, você vê que está acima do peso. (...) Então eu acredito que você pode comer até pedra, fazendo exercício para consumir você está evitado vários problemas (...). Eu estou sofrendo com isso por que eu vou pra academia mesmo. Hoje eu fui pra academia era 8h saí 10h30min. Fiz todas as minhas séries: alongamento por causa de problema de coluna, fiz esteira com dois pesos, dois quilos em cada canela andando sem correr, andando... Então quer dizer que queima caloria mesmo, saio beleza! (Edgar, microempresário, 38 anos).

Edgar expressa a percepção dos sintomas no próprio corpo, sua experiência corporal e a partir destes, compreende o corpo não mais como antes. São construções de modelos de saudável e de cuidados com a saúde e o corpo. A atividade física se concebida como múltipla para ele e para outros interlocutores que percebem que houve e continua havendo mudança na relação do homem com o corpo, no que concerne à beleza estética. Eles relatam que antes o homem frequentava a academia para ficar grande e musculoso e que outras perspectivas sobre o corpo e a saúde fizeram com que os homens agregassem os valores da saúde à prática de atividade física, bem como a busca por ela.

Os homens entrevistados parecem exaltar a execução de múltiplos exercícios: “se eu tivesse uma hora vaga estava na academia treinando boxe, capoeira, correndo. Eu dava três voltas no Dique. Eu moro aqui na ladeira do Funil, descia a ladeira correndo ia ao Dique, dava três voltas, voltava ainda para a academia para treinar boxe”. O corpo em movimento e a prática de diversos exercícios, às vezes sequenciais e quase sem exaustão física, demonstra uma resistência e uma necessidade de ultrapassar os limites do corpo.

Há também a conjuntura do corpo que se exercita para suportar o esforço do trabalho braçal dos homens que usam seus corpos como instrumentos laborais. Mesmo Cláudio, que alega que seu corpo se “acostumou com a comida da Feira” tem embutido em seu discurso a atividade física que se confunde com o lazer: “se alimentar e fazer um exercício sempre (...). Brinco de skate, surfo, todo domingo eu surfo. Você tem que botar ele (o corpo) para fazer exercício para andar. Se não fizer exercício, se você viver mais sentado, o seu momento é só engordar”. Para Boltanski, no contexto da França (2004):

Nas classes populares, o esporte é essencialmente uma distração (...). Além disso, os esportes mais praticados pelos membros das classes populares, futebol, baquete ou bicicleta, exigem dos que os praticam, força, destreza, e coragem física, mas não necessitam, pelo menos na sua prática normal, da aprendizagem racional de movimentos especiais. Requerem o uso do corpo que não é fundamentalmente diferente de seu uso profissional (correr, levantar, jogar, lançar etc.), e que pode ser dito “natural” no sentido que não exige a realização de movimentos ou a adoção de posturas que já não tenham sido experimentadas durante sua atividade profissional (p. 160).

A valorização da atividade física pelas camadas populares, bem como a exaltação da força física correlaciona-se também com o uso do corpo como instrumento, como explicita Bolstanki (2004), porém não se limita a isto. Mesmo os entrevistados que não usavam a força física como meio de trabalho, revelaram a necessidade de praticar atividade física como forma de cuidado com a saúde. É interessante que não há uma transição exclusiva de comportamentos. Estes vão sendo agregados e o nível de importância se modificando conforme a experiência de cada interlocutor:

Dizem que andar é melhor do que correr para doenças do sangue, não para quem quer ter resistência. Para quem jogar bola, para quem quer resistência, correr. Dessas impurezas do sangue, andando é quase o dobro que o resultado de correr. Então, a depender, andando, além de você economizar coluna e joelho. Correndo você dá impacto à coluna, ainda força o joelho. (Edgar, microempresário, 38 anos).

A fala de Edgar remete à concepção do corpo poroso, de restituição do equilíbrio dos líquidos corporais inclusive pela prática de atividade física moderada durante o século XVI e XVII. Vigarello (2009) aponta que neste período o “exercício higiênico deve ser simples, cotidiano: uma caminhada, algum trajeto” (p. 374), considerado como os exercícios saudáveis, aos quais inspira analogia ao que Edgar relata. José (jornalista, 58 anos) expõe técnicas de cuidado com a saúde mediante um contexto de poluição das metrópoles. O jornalista preza andar sozinho para “higienizar o pensamento. Meditar”. Para ele quando outras duas pessoas andam, elas conversam e entra ar pela boca: “isso faz mal. Entra as toxinas”. Há lógicas de limpezas endógenas: a higiene do pensamento, a qual seria, talvez, um processo de reflexão sobre os assuntos e que precisa ser feita sozinho; e o silêncio, pois conversar caminhando permite a entrada de toxinas, sendo maléfico ao corpo. Essas são representativas de cuidados com a saúde.

Os simbolismos atribuídos ao corpo saudável se inter cruzam com o corpo, a força, a habilidade e resistência para o trabalho. Este demonstra também como os sujeitos desenvolvem redes de complexidades das práticas em saúde, que não devem ser entendidas somente como a ida ao médico, cumprimento das práticas tidas como saudáveis ou do que é recomendado pela ciência. São outras formas de lidar com a própria saúde que não somente biomédica. Nota-se que há arcações de informações originárias da ciência, sendo assim ela não é ignorada, mas, no entanto, passa por outros saberes e não fundamentalmente será significativa se não for correlacionada à experiência de vida desses homens.

5.7.7 As evitações

As estratégias de construção do saudável masculino não são realizadas estritamente pela exclusão do alimento, muito menos se tratando de um alimento hedônico para os interlocutores. Estas estratégias se aproximam mais do jogo de mediações e negociações que terão relações com o projeto de corpo, concepções de saúde e intercessões entre os conhecimentos empíricos e o científico:

Ah, eu corto e depois faço exame de novo para ver se ele estabilizou, porque o colesterol em si eu como muita cebola, tudo que eu vou comer eu acrescento a cebola e a cebola em si, ela corta um pouquinho o colesterol porque seu sangue fica fino (Ubiratã, autônomo, 43 anos).

Importante perceber o artifício usado por Ubiratã: ao ter ciência de alguma alteração sanguínea o alimento suspeito deve ser “pausado” da dieta e inserido o “antídoto” para contrapor a ação do alimento que está alterando os níveis. O “corte” expresso por ele é necessário para reestabelecer a normalidade, mas é um “corte” temporário, pois o alimento pode ser reincorporado ao comer depois dos níveis regularizados. Há também uma compreensão de sangue fino/grosso em que o colesterol elevado engrossa o sangue e compromete o fluxo sanguíneo, possibilitando o desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Assim a cebola serve para afinar o sangue e reverter os riscos.

Muitas dessas estratégias transitam no campo das evitações, do “segurar um pouquinho”, “diminuir”, “parar aos poucos”, “comer aos pouquinhos”. Toma-se como exemplo a fala de João (cobrador de ônibus, 42 anos) na qual ele analisa uma determinação médica sobre parar de beber: “não vou parar de vez. Vou parar aos poucos, porque também nada de

vez não presta (...). A mesma coisa é a comida, vou comer aos pouquinhos, vou diminuído. Toda a vida você comeu assim para parar de vez? O organismo também vai sentir falta”. João inclui o comer nessa reflexão e nota-se que as evitações também podem sofrer interferências médicas, porém, ressalta-se que para este processo de redução do alimento no cotidiano alimentar deverá ser gradual, fazendo com que o corpo não sinta falta. Ele apresenta uma lógica construída mediante a compreensão de que as retiradas bruscas de certas comidas são tão lesivas quanto os excessos.

Evita-se o que acredita não fazer bem ao corpo, ao sangue, assim evita-se também os excessos de carne de sertão, gordura, mocotó, carne, ovo, apesar das “tentações”. Para alguns interlocutores, a qualquer sinal de alterações do corpo e/ou do perfil lipídico sanguíneo, o consumo de mocotó, principalmente, precisa ser evitado.

Algumas carnes também devem ser evitadas, outras, para alguns interlocutores não entram na alimentação cotidiana, não por aumentarem o colesterol ou por poderem elevar o peso, mas por apresentarem características peculiares, a exemplo da carne de coelho, que depois de morto e colocado de cabeça para baixo se transforma em pus. Significa, para esses interlocutores, que dentro do corpo a carne de coelho terá efeito semelhante. Pus representa algo imundo que deve ser retirado do nosso campo de visão e principalmente do corpo, é algo apodrecido, que causa repulsão, ânsia e nojo. Sendo assim, não se come o coelho pelo que ele se transforma no corpo de quem o come.

Ubiratã (autônomo, 43 anos) acrescenta na esfera dos alimentos “imundos” o porco e justifica a ação pela experiência com este animal devido ao avô ter criado porcos, “a primeira pessoa a ter um açougue aqui na Sete Portas de porco foi meu avô”. Mesmo sabendo que houveram modificações nas etapas da produção da carne suína e que “não faz mais mal à saúde”, ele ainda não a come, pois as antigas imagens permanecem e se sobressaem à percepção atual.

Os controles de Edgar (microempresário, 38 anos) recaíram principalmente sobre o mocotó e a feijoada. Há muito ele não come mocotó, porém quanto à feijoada ele havia percebido que o consumo era quase diário e não estava sendo limitado aos fins de semana, pois quando a produzia na casa, geralmente sobrava e passava dias comendo-a:

(A feijoada) Geralmente é feijão cariquinha, mulatinho, mas tem carne dentro, tem carne reimosa que é carne de porco, tem calabresa que tem sal e gordura, tem costela que chama chupa-molho. Então, assim, é bem rica em ácido úrico e gordura e esses elevados aí contra o sangue. Essa é uma coisa que estava fazendo que eu parei mesmo. Não como comida de domingo na segunda, principalmente feijão, porque eu sei que a comida de domingo sempre é mais reforçada e você come segunda, você tá acumulando, jogando em cima e é complicado. (Edgar, microempresário, 38 anos).

As condutas traçadas por Edgar ressaltam outra perspectiva perante ações que talvez não fossem vistas como "prejudiciais", desencadeadas mediante o resultado alterado dos triglicerídeos. O resultado do exame é também o que faz emergir uma reflexão repensando a saúde e o que estaria desestruturando o controle do corpo. Essa reflexão faz emergir elementos como a carne reimosa, os alimentos ricos em ácido úrico e gordura. A comida reforçada proporciona um *up* ao corpo, sendo um potencializador de forças e energia. Entretanto, o corpo parece não suportar esse incremento contínuo e o significado de bom é revertido para prejudicial, em decorrência dos excessos e acúmulos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um panorama de culto ao corpo e de lógicas de cuidado com a saúde, o gênero masculino, paradoxalmente, tem aparecido como o gênero do "não cuidado". A relativização dessa imagem faz-se necessária no contexto social em que certas lógicas de masculinidade têm permitido reformulações sobre o corpo do homem, a saúde e o comer, inclusive na esfera da alimentação saudável. Manter o posicionamento de que os homens não reconfiguram ou não possuem lógicas de cuidado à saúde parece reafirmar ideias essencialistas de gênero.

Os homens desse estudo demonstraram preocupações que incidem sobre como corpo se apresenta socialmente e como este funciona no cotidiano. Eles buscam se sentir bem, atraentes, fortes, elementos considerados da masculinidade tradicional, mas que tem dialogado com as configurações de masculinidade contemporânea do cuidado com a aparência e se respalda no discurso da higiene, da saúde e da sedução.

Ser saudável parece importante para esses homens e a construção desse conceito é abrangente. O feijão constitui esse conceito por representar a força. Eles entendem que "*o que dá força mesmo é o feijão*" para realizar as atividades cotidianas sem se sentir fraco.

Entretanto, o saudável também é construído pela sociabilização com os amigos para beber cerveja e comer feijoada baiana aos fins de semana, elementos da comensalidade na Feira e marcadores de masculinidade. As preocupações com o envelhecimento do corpo e com o abdômen globoso são outras esferas do cuidado com a saúde e revelam, inclusive, a presença da medicina preventiva através da realização do *check-up* para observar o corpo diante desses processos.

Os resultados desse estudo permitem dizer que as formas como os homens pensam o tema da saúde necessariamente não são semelhantes ao modo como os profissionais de saúde pensam ou muito menos ao das mulheres, às quais são frequentemente comparados. Os profissionais de saúde e a literatura científica, em geral, tendem a enxergar o homem sob filtros de estereótipos e compartilham pensamentos, por vezes, essencialistas, além de culpabilizá-los por seu estado de saúde. É necessário ponderar, inclusive, as comparações entre homens e mulheres no que diz respeito à busca por serviços médicos. Destarte é preciso considerar também a historicidade dos sujeitos, bem como as construções de gênero e o contexto para tentar compreender as relações dos homens com seus corpos, com a saúde e o comer sem impregná-los dos discursos repetidos que podem implicar em pensar os sujeitos sobre a mesma lente, talvez levemente embaçada.

REFERÊNCIAS

- ABOIM, S. *Plural masculinities*. The remarking of the self in private life. Surrey: Ashate, 2010. Disponível em:
<http://books.google.com.br/books?id=u4LmyF9CRfQC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- BAHIA. Secretaria de Turismo. Mercados e Feiras. [2012?] Disponível em:
<<http://www.copa.bahia.com.br/conheca-salvador/mercados-e-feiras/>>. Acesso em: 20 de jan. de 2014.
- BARREIRO, J. C. E. P. Thompson e a historiografia brasileira: revisões críticas e projeções. *Proj. História*, São Paulo, n. 12, out. 1995.
- BERTAUX, D. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. 2. ed. São Paulo/ Natal: PAULUS/EDUFRN, 2010.
- BOECHAT, W. Os arquétipos masculinos. In: NOLASCO, S. (Org). *A Desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- BOLTANSKI, L. *As classes sociais e o corpo*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, RJ; Civilização Brasileira, 2003.
- CARRARA, S.; RUSSO, J. A.; FARO, L. A política de atenção à saúde do homem no Brasil: os paradoxos da medicalização do corpo masculino. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 3, p. 659-678, 2009.

CASCUDO, C. *História da alimentação no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Global, 2004.

COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L.; PREHN, D. R. *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2. ed. California: University of California Press, 2005.

CONNELL, R. W. MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829-859, Dec. 2005.

CONTRERAS, J. H.; GARCIA, M. A. *Alimentación y Cultura*. Barcelona: Ariel, 2005.

COURTINE, J-J. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: CORBIN; A.; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (Org). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XXI-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v 3.

COURTINE, J-J. Introdução. In: COURTINE, J-J (Org.). *História do Corpo: as mutações do olhar, o século XX*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DAMATTA, R. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DESLAURIERS, J-P.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: *A pesquisa qualitativa: enfoque epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DUTTON, K. R. *The Perfectible Body: The Western Ideal of Physical Development*. London: Cassell, 1995.

FEATHERSTONE, M. The body in consumer culture. *Theory Culture Society*. v. 1, n. 18, p.18-33. Sep. 1982.

FIALHO, F. M. *Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais Universidade de Lisboa, 2006. Disponível em: <www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf>. Acesso em: 01 de jun. 2013.

FISCHLER, C.; MASSON, E. *Comer: a alimentação de franceses, outros europeus e americanos*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2010.

FISCHLER, C. *L'omnivore*, Paris, O. Jacob, 1990.

FORTH, C. E. Masculinidades e virilidade no mundo anglófono. In: CORBIN; A.; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (Org). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XXI-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v 3.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático*. RJ: Vozes, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1989.

GILL, R; HENWOOD, K; MCLEAN, C. Body projects and the regulation of normative masculinity. *Body and Society*. v. 11, n. 1, p. 37-62, 2005.

GOMES, R. *Sexualidade masculina, gênero e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

GOMES, R. *et al.* Corpos masculinos no campo da saúde: ancoragens na literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 1, p. 165-172, 2014.

GOUGH, B. 'Real men don't diet': An analysis of contemporary newspaper representations of men, food and health. *Social Science; Medicine*, v. 64, p. 326-337, 2007.

GOUGH, B.; CONNER, M. T. Barriers to healthy eating amongst men: a qualitative analysis. *Social Science; Medicine*, v. 62, p. 387-395, 2006.

HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAROCHE, C. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN; A.; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (Org). *História da virilidade: a virilidade em crise? Séculos XXI-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v 3.

- JENSEN; K. O.; HOLM, L. Preferences, quantities and concerns: socio-cultural perspectives on the gendered consumption of foods. *European Journal of Clinical Nutrition*, n. 53, p. 351-359, Dec.1999.
- KIMMEL, M. La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes. *Isis Internacional – Ediciones de las Mujeres*, n. 17, p. 129-138, 1992.
- LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- LEVENSTEIN, H. A. Dietética contra gastronomia: tradições culinárias, sanidade e saúde nos modelos de vida dos americanos. In: FLANDRIN, J-L; MONTANARI, M. *História da alimentação*. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- MACHIN, R. et al. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 11, p. 4503-4512, 2011.
- MACIEL, M. E. Uma cozinha à brasileira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 33, 2004.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/ocapital-1.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.
- MELO, V. A. Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson. *Movimento*: Rio Grande do Sul, v. 7, n. 14, 2001.
- MENDONÇA, V. S.; MENANDRO, M. C. S.; TRINDADE, Z. A. Entre o fazer e o falar dos homens: representações e práticas sociais de saúde. *Revista de Estudos Sociais*: Bogotá, n. 38, p. 155-164, 2011.
- MENNELL, S. On the Civilizing of Appetite. *Theory, Culture & Society*. London: SAGE, v. 4, p. 373-403, 1987.
- MINNAERT, A. C. S. T. A feira livre sob um olhar etnográfico. In: FREITAS, M. C. S.; FONTES, G. A. V.; OLIVEIRA, N. (Org.). *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador: EDUFBA, 2008.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 16, n. 47, p. 31-41, out. 2001.

MONTANARI, M. Estruturas de produção e sistemas alimentares. In: FLANDRIN, J-L; MONTANARI, M. *História da alimentação*. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998a.

MONTANARI, M. Os camponeses, os guerreiros e os sacerdotes: imagem da sociedade e estilos de alimentação. In: FLANDRIN, J-L; MONTANARI, M. *História da alimentação*. 6. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998b.

MOORE, S. E. H. Is the Healthy Body Gendered? Toward a Feminist Critique of the New Paradigm of Health. *Body & Society*, v. 16, n. 2, p. 95-118, 2010.

MOTTA, A. B. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v 3.

NEWCOMBE, M. A. *et al.* Eat like a man. A social constructionist analysis of the role of food in men's lives. *Appetite*, v. 59, n. 2, p. 391-398, Oct. 2012.

O'KANE, G.; CRAIG, P.; SUTHERLAND, D. Riverina men's study: An exploration of rural men's attitudes to health and body image. *Nutrition & Dietetics*, n. 65, p. 66-71, 2008.

OLIVEIRA JUNIOR, E. B.; CANCELA, C. D. Que corpo é esse? O metrossexual em debate. *Rev. NUFEN*, São Paulo, v. 4, n. 1, jun. 2012.

PIRES, A. P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: *A pesquisa qualitativa: enfoque epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010a.

PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: *A pesquisa qualitativa: enfoque epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

POTTS, A; PARRY, J. Sexualidade vegan: meat-free sex vegan sexuality: challenging heteronormative masculinity through. *Feminism; Psychology*, v. 20, n. 1, p. 53–72, 2010.

POULAIN, J-P. *Sociologias da Alimentação*. Editora UFSC, Florianópolis, 2006.

QUEVAL, I. *Le corps aujourd'hui*. Paris : Éditions, Gallimard, Folio Essais, 2008.

ROOS, G.; PRÄTTÄLÄ, R.; KOSKI, K. Men, masculinity and food: Interviews with Finnish carpenters and engineers. *Appetite*, v. 37, n. 1, p. 47-56, 2001.

SAHLINS, M. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, abr. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2455.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

SALVETTI, X. M. Corpos expostos, enfrentamentos: produtos e serviços para a beleza feminina anunciados em periódicos na Pauliceia dos anos 20 e cotidiano das mulheres trabalhadoras pobres (Parte 1). *História e-História*, v. 1, p. 1-18, 2013. Disponível em: <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=232>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

SAMPAIO, R. S.; GARCIA, C. A. Dissecando a masculinidade na encruzilhada entre a psicanálise e os estudos de gênero. *Psicol. rev.*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, abr. 2010.

SANTOS, L. A. S. Da dieta à reeducação alimentar: algumas notas sobre o comer contemporâneo a partir dos programas de emagrecimento na Internet. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 459-474, 2010.

SANTOS, L. A. S. *O corpo, o comer e a comida*. Salvador: EDUFBA, 2008.

SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R.; COUTO, M. T. Homens e saúde na pauta da saúde coletiva. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 1-20, 2005.

SCOTT, J. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1989.

SELLAEG, K.; CHAPMAN, G. E. Masculinity and food ideals of men who live alone. *Appetite*, n. 51, p. 120–128, Jan. 2008.

SOBAL, J. Men, meat, and marriage: models of masculinity, *Food and Foodways*, v. 13, n. 1, p. 135-158, 2005.

THÉRY, I. *Qu'est-ce que la distinction de sexe?* Bruxelles: Editions Fabert, 2011.

THOMPSON, E. P. Tradición, revuelta y consciencia de clase. *Estudios sobre las crisis de la sociedad pré-industrial*. Barcelona, Editorial Crítica, 1989.

UCHÔA, E.; FIRMO, J. O. A.; LIMA-COSTA, M. F. F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. (Orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VARTANIAN, L. R.; HERMAN, C. P.; POLIVY, J. Consumption stereotypes and impression management: How you are what you eat. *Appetite*, n. 48, p. 265–277, Oct. 2007.

VELHO, G. *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VIGARELLO, G. Exercitar-se, jogar. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: da Renascença às Luzes*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. v 1.

WOORTMANN, K. *Hábitos e ideologias alimentares em grupos sociais de baixa renda: Relatório final*. Série Antropologia. Brasília-DF, 1978.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTA**BLOCO I – Identificação**

Apresentação do propósito da entrevista e acordos (tempo, uso do gravador e a utilização do material produzido).

Dados gerais (nome, idade, profissão, local do trabalho, bairro que mora, cidade de origem).

BLOCO II – O sujeito e a Feira

Investigar como os sujeitos se relacionam com a Feira (o que o levou a Feira, como vive a Feira, o que é marcante para ele na Feira, e a comida do lugar, as relações com os valores do local).

BLOCO III – O comer masculino

Explorar como é o comer masculino na Feira (a experiência do comer, como se constitui, contrastes entre as outras formas de comer, como se dá a construção da comida de homem) expandir para o cotidiano.

Investigar como se dá a relação entre o tradicional e o contemporâneo no comer (lights e diets, fast food).

Explorar como se dá as interconexões entre o comer masculino e a saúde (nuances do saudável, como se dá construção da comida saudável, as relações entre o comer saudável e o corpo masculino).

BLOCO IV - O corpo masculino

Explorar a como se dá a relação entre a comida e o corpo masculino (ideais de masculinidades no comer)

Investigar como as funcionalidades do corpo masculino se relacionam como a comida.

Explorar como se constitui o corpo masculino

APÊNDICE B – Roteiro de Observação

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

O externo à Feira – localização, conexões, dimensões geográficas, as fronteiras do espaço, visibilidade, os estabelecimentos comerciais, residências.

O interior da Feira - o que é comercializado, organização estrutural, as entradas, os estacionamentos, os boxes que serve refeições, vendedores ambulantes,

Os boxes: Composição das mesas: farinha, pimenta, saleiro, etc

Cardápios - as formas de apresentação (impresso, cartazes, banners, quadros etc.), disposição (nas mesas, paredes, com os garçons), o menu (comidas, bebidas).

Comensais - sexo, aparência etária (jovens, velhos), horário de consumo, acompanhados ou não, corpos, refeições e bebidas consumidas, gestualidades antes, durante e após alimentar-se: uso de talheres e/ou de mãos, mistura/cortes dos alimentos, garfadas, destreza de consumo (lento, rápido, voraz, etc.), acréscimos de acompanhamentos: farinha, pimenta, sal etc.; conversas, vestimentas usadas (fardas, roupas comuns), pertences (capacetes, sacolas de compras, etc.).

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Parte 1)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE NUTRIÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

O (a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a) da pesquisa: Masculinidades e comensalidades: relações com o corpo e a saúde de homens das camadas populares da cidade de Salvador, Bahia. Após ser esclarecido(a) sobre as informações do projeto, e aceitando fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender os discursos e práticas que envolvem a relação entre o corpo e o comer no cotidiano de homens das camadas populares de Salvador - BA.

Ao participar desta pesquisa o(a) senhor(a) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que este estudo possa construir conhecimentos sobre a dinâmica da produção, comercialização e consumo de comidas típicas no contexto atual, como também contribuir para compreender as dinâmicas da comensalidade contemporânea dos baianos. De forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa cooperar na elaboração de propostas e ações que visem à melhoria da qualidade de vida e de saúde das pessoas onde os pesquisadores se comprometem a divulgar os resultados obtidos em relatórios oficiais, revistas científicas e eventos.

A sua participação será confidencial e todos os dados referentes à sua pessoa serão exclusivos para a pesquisa em questão e de inteira responsabilidade da pesquisadora, que garante anonimato e total sigilo, assegurando a privacidade das informações fornecidas.

Em caso de dúvidas, o senhor(a) poderá procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia localizado na Rua Araújo Pinho nº 32, Canela ou pelo telefone (71) 3283-7700, e, ainda, você poderá procurar por mim Juliede de Andrade Alves (pesquisadora responsável) no mesmo endereço.

Atenciosamente,

Juliede de Andrade Alves
(Pesquisadora responsável)

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Parte 2)

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, aceito em participar da pesquisa intitulada “Masculinidades e comensalidades: relações com o corpo e a saúde de homens das camadas populares da cidade de Salvador, Bahia”. Concordo que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) sobre a pesquisa, os procedimentos envolvidos, assim como os benefícios decorrentes de minha participação. Entendi que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Sei que meu nome não será divulgado e que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo desenvolvido por Juliede de Andrade Alves, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Alimentos Nutrição e Saúde da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, _____ de _____ de 2013

Participante

Juliede de Andrade Alves (Pesquisadora)

